

REVISTA DA SEMANA

N.º 37
9-9-44

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



BN
1 2
1 8

NO
TEXTO.

OURO PRETO - A DESCONHECIDA



DOIS QUADROS VIVOS



Os filmes-revista, verdadeiros espetáculos para os olhos, não estão sendo produzidos em larga escala desde que Hollywood, por força das emergências impostas pela guerra, teve de restringir uma boa parte de suas despesas. Eles requeriam bastante inversão de capital nas montagens, nas vistosas escadarias cujos degraus iam sendo pisados por sapatinhos de salto alto, confeccionados em vistoso setim, servindo de base aos corpos esculturais e deslumbrantes que iam descendo e embasbacando o *fan*, pregado à sua poltrona, de olhos escaneados.

Mas, apesar desse racionamento nas montagens dos filmes, ainda uma vez por outra Hollywood pode mostrar-nos alguma coisa de espetacular e imponente. Vejam-se estes dois modelos ao lado, dois quadros vivos de grande efeito estético, cheios de encantamento e tocados por uma alta dose de modernismo... Que tal essa noiva? Claro, ninguém pensará em reproduzir-lhe o figurino... E essa preguiçosa aí em baixo, tão predisposta a um sono compensador?

E' ainda o cinema um forte motivo de inspiração para os artistas da época. Os modelos da RKO, reunidos nesta página, assim o atestam.

NUNCA, NA HISTORIA DA IMPRENSA CARIOCA, OS REPORTERS CAÇARAM COM TANTA AVIDEZ E COM TÃO PARCOS RESULTADOS NOTICIAS SOBRE ALGUÉM. NUNCA SE PREPARARAM COM TANTO CARINHO LAMPADAS E FILMES. INUTILMENTE. MADAME CHIANG KAI SHEK É INVISIVEL, INAUDIVEL, INACESSIVEL. MAS DE TODO SEGREDO SEMPRE TRANSPIRA ALGUMA COISA. UM AUTO QUE FOGE, UMA JANELA QUE SE FECHA, ALGUÉM QUE SE MUDA. INDICIOS. A REPORTER SOUBE QUE ERA ALI, NA RESIDENCIA DE VERANEIO DO CASAL DRAULT ERNANY, O REFUGIO DA MISTERIOSA VISITANTE. ENTRETANTO, QUANDO UM HOMEM DE NEGOCIOS NÃO QUER DE FACTO FALAR E SABE OPÔR À CURIOSIDADE A DETERMINAÇÃO DE UM NORDESTINO E O SORRISO POLIDO DO HOMEM DE SOCIEDADE, NÃO



HA QUEM LHE ARRANQUE UMA SILABA. SOUBE POR DRAULT ERNANY APENAS O QUE QUALQUER CRIANÇA ADIVINHARIA: MADAME CHIANG KAI SHEK É HOSPEDA DA CIDADE E DO ITAMARATI; A CASA FOI CEDIDA PARA ISSO E O PROPRIETARIO, CUMPRINDO AS LEIS MAIS ELEMENTARES DE POLIDEZ, NÃO PODE VIVER BISBILHOTANDO O QUE SE PASSA LÁ E FORÇANDO A INTIMIDADE DOS QUE VIERAM PEDIR AO BRASIL UM POUCO DE PAZ. FOI, POR ISSO, CONSULTANDO MUITA GENTE, OUVINDO UMA FRASE AQUI, UMA EXCLAMAÇÃO ACOLÁ, URDINDO COM DETALHES PEQUENINOS O FIO DE UMA HISTORIA LONGA QUE ESTA REPORTAGEM SE FEZ. VERIDICA. INCOMPLETA PARA O MUITO QUE TODOS NÓS DESEJARIAMOS SABER SOBRE A DAMA DA CASA SERENA. MAS, APESAR DE TUDO, O MAXIMO QUE AINDA SE DISSE SOBRE A VISITA DE MADAME CHIANG KAI SHEK AO NOSSO PAÍS.

A MISTERIOSA VISITANTE DA CASA SERENA

COMO VIVE NO RIO MADAME CHIANG KAI SHEK

REPORTAGEM DE SARAH MARQUES

Nossas autoridades oficiais receberam um dia certa mensagem cifrada:

Madame Chiang Kai Shek ia chegar, no dia tal, a tantas horas, pelo avião X. Não queria recepção oficial; nem multidões comprimidas no aeroporto; nem festas; nem lampadas de instantaneos estourando; nem reporters internacionais fazendo perguntas. Queria paz, silêncio, paisagem. Distancia entre os seus nervos exaustos e os ruídos do mundo. Estar só, numa pausa de meditação no meio da luta. Não veio repousar. Na família Soong ninguém pensa em repouso, enquanto os homens e as mulheres da China lutam pela reconquista da pátria. Veio para curar-se. "Alma de bronze em corpo de cristal", sete anos de guerra, de intensa e multipla a ividade, de devoção integral á causa do povo e á tarefa sobre-humana do Generalissimo tritaram-lhe os nervos até ao supremo esgotamento. Veio refazer-se. Para voltar ao combate e permanecer com os soldados da Nova China até á vitória final.

Por que escolheu o Brasil? As razões são simples e lógicas: 1.º — E' uma país aliado onde não chegaram horrores da guerra. 2.º — A colonia chinesa é, aqui, tão pequena que quase não conta como nucleo alienigena. Fosse maior, e Madame Chiang Kai Shek não poderia resistir aos apêlos da própria sensibilidade; sairia

pelas ruas do bairro chinês, sobrecarregando-se das dores e dos cuidados de todo o mundo.

O avião — um quadrimotor — chegou ao aerodromo de Santa Cruz, pela tardinha.

Um Lodestar da FAB aguardava os passageiros para transportá-los ao aerodromo Santos Dumont. Desceram com Madame Chiang Kai Shek, sua irmã, a sra. Kung, com os filhos — uma moça e um rapaz, oficial do Exército Britânico; a comitiva inteira compunha-se de 16 pessoas. Recebeu-a o Comandante Otávio Medeiros, da casa presidencial. Uma lancha da Marinha esperava no mar, ali pertinho, na tarde que se enrolava em bruma. Brocoió, a ilha paradisíaca, tinha sido escolhida para servir de retiro á illustre enferma. No palácio construído pelos Guinle, forrado de preciosidades, ela teria o melhor da civilização em plena intimidade das árvores e do oceano. Mas Brocoió não chegava nunca; durante duas horas, os motores da lancha trepidaram cortando a baía; emoção, nervosismo ou simples acaso, o piloto não atinava com o caminho. O Comandante Medeiros tomou o leme, lançou os olhos á carta e viu que navegavam sobre escolhos. Força á direção e em breve a ilha recebia, recolhida e tranquila, a mais gloriosa mulher da nossa época. Não houve visitas, nem recepções. Nenhum estranho na casa. Os médicos apareciam a horas certas.

Os criados primavam pela discreção. Mas Brocoió é um pequeno barco atulhado de verdura, ancorado na Guanabara; e quando a barca de Paquetá passa por ela, gritam chamando-a para a aventura do mar. E quem vem da guerra, de uma guerra bárbara de 7 anos, quem viu crianças e velhinhos mortos pelas bombas, não pôde ouvir sem um "frisson" os gritos roucos das sirenes. Para os nervos extenuados de Madame Chiang Kai Shek a voz dos navios era uma vergastada de terror na solidão.

O Itamarati encontrou na Gavea Pequena a casa ideal. Ampla, clara, rodeada de parques, atapetada como um palácio oriental, fresca e risonha como a simplicidade, a casa do casal Drault Ernany seria o refugio ideal para ela. Pensaram em comprá-la. O proprietário, que a tem para veraneio, quiz saber para que a Chancelaria e a Prefeitura do Distrito Federal se atiravam, de repente, e com tanta insistência, á transação que ele não queria fazer.

Foi uma irradiação da B. B. C. casualmente ouvida que o poz no caminho da descoberta. Então, confirmada a suposição, disse que a casa, com todo o seu conforto, seus quadros e suas preciosidades, sua adega e tudo o mais que dela precisavam, estava á disposição de Madame Chiang Kai Shek. Vieram pessoas da comitiva conhecer a Casa Serena. O sobrinho, o secretário, muitos funcio-



nários do Itamarati. Ela, também, deveria vir. Mas quando lhe contaram como era o solar da Gavea Pequena declarou:

— "Nem preciso examinar. Quero ir para lá imediatamente. Amanhã, mesmo!" Realmente, no dia seguinte, chegou sem rumor e sem arcos de triunfo. Da criadagem apenas Julia, a governanta, tinha esperado para iniciar os famulos da comitiva nos segredos da Casa Serena.

Mas não chegou como uma estranha, ela que vem de tão longe, da terra que, apesar da guerra, da política, da realidade tremenda que nos sacode nas mesmas emoções, continua a ser para o Ocidente a terra da lenda e de poesia, de sombrinhas, crisântemos e dragões. Quiz ela mesma dar ordens sobre a disposição das cousas, como se fosse a mais simples e mais humilde das donas de casa; sentou-se em todas as camas, fazendo saltar as molas dos colchões, como as crianças travessas, até escolher aquele que hoje se afunda sob o peso leve do seu corpo quase infantil. De um quarto de crianças fez um delicioso "living-room", simples e familiar. Agora, nos claros salões, nos parques ricos de sombra, nenhum estranho perturba a intimidade dos hóspedes. Só Pedro, um criado da família Drault, um homem com peito de índio, rude, simples e sincero como não se usa mais, e Eli, o mordomo. Pedro não queria ficar; desde que, requisitado para burnir uma torneira nos aposentos de Madame, teve que ser precedido por um chinês e seguido por outro, começou a sentir-se ofendido na própria dignidade de servo fiel. Ele não sabe que, no Oriente, os aposentos íntimos dos amos são um santuário indevassável aos criados ocidentais.

Para prendê-lo ao posto, o sr. Drault teve que fazer apêlo ao único argumento que vence as teimas do Pedro: — "Eu preciso de você aí para tomar conta da casa. Você é o meu homem de confiança." Por isso, não admira que, há poucos dias, ele tenha dito ao patrão: — "Pode ficar descansado. São gente muito direita". Pedro não sabe nada do mundo. Não sabe que os homens mais notáveis desta hora: políticos, intelectuais e artistas, dariam muito para vêr de perto aquela senhora esbelta, de olhos grandes, escuros e brilhantes, que anda, só com ele, numa "charrette" inglesa, pelos caminhos verdes da Cascatinha, pelas estradas amplas da Tijuca; Pedro não sabe que os "reporters" da cidade andam malucos para entrever, mesmo de longe, aquela silhueta, tão fina nos seus trajes orientais, que parece uma estatua esquecida por algum artista paciente da Velha China, na paisagem do Alto da Boa Vista. Sabe que ela está confiada à sua guarda; só isso basta para o homem fiel. Em casa Madame Chiang Kai Shek conserva os hábitos familiares da sua terra; o quarto mais amplo e melhor é ocupado por Madame Kung, a irmã mais velha. Ela ocupa outro aposento no mesmo andar. Ouve musica — conjuntos de violinos tziganos e concertos de instrumentos de corda — na grande vitrola ortofônica. Não permitiu, perto da casa, a vigilância que o governo brasileiro julgara necessária estabelecer. Sente-se muito melhor que em Brocoió; infelizmente, um rude golpe a feriu na sua solidão: a perda de Chenkiang pelas tropas chinesas. O filho da Sra. Kung regressou à Inglaterra há poucos dias. Em compensação, a título de enfermeira e secretária, chegou da América do Norte Miss Dorothy. Companheira da universidade? Amiga apenas? Ou simples enfermeira de verdade?

E os dias fogem no silêncio do grande parque. Quando ela quizer partir, os aviões estão à espera, prontos para o primeiro aviso. Madame Chiang Kai Shek não pôde sentir tudo o que o seu nome representa para a massa brasileira. Nosso povo respeitou-lhe o desejo de silêncio e de meditação. Mas os que a reconhecerem numa volta da estrada da Gavea guardarão, como uma glória, a sua miragem entrevista num relance. Certa casa da mesma rua transmitirá aos filhos e aos netos, como uma herança fidalga, a história de certos óvos que foram pedir, uma noite, para o jantar de alguém que chegaria à casa vizinha. Porque a mudança de Brocoió para a casa serena se fez tão depressa que não houve tempo



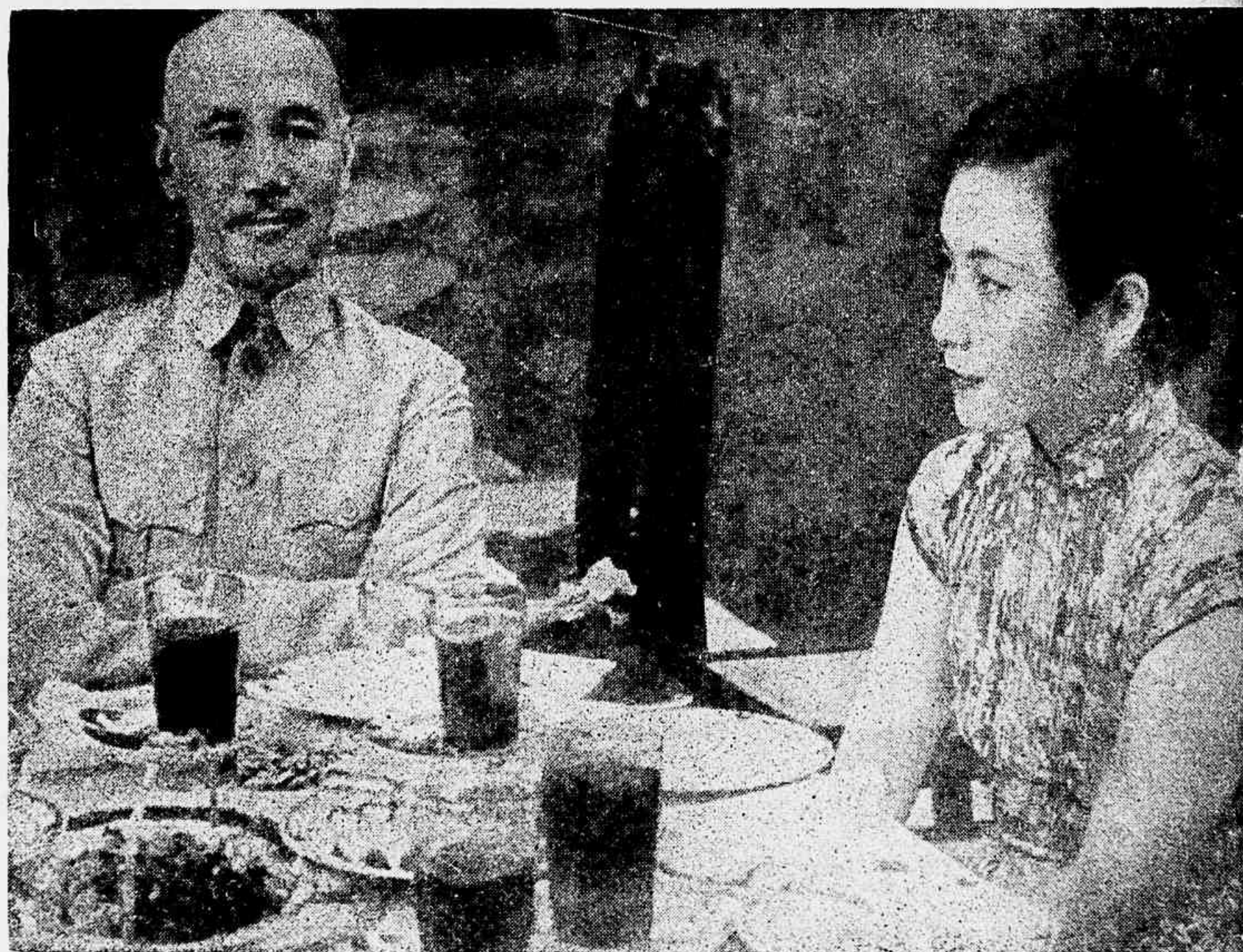
AS TRÊS ILM S SOONG. N'UM FLAGR N'E P'EC'SSIMO. DA ESQUERDA PARA A D'IREITA, MADAME H. H. KUNG, MADAME CHIANG KAI SHEK E MADAME SUN YAT-SEN. A PRIMEIRA, MADAME H. H. KUNG, ENCONTRA-SE NO BRASIL, ACOMPANHANDO A NOSSA ILUSTRE HOSPEDE.

de preparar um jantar para Madame Chiang Kai Shek.

E há, até, uma vaca, uma Jersey olímpicamente indiferente às vaidades humanas, que recebeu um pequeno quinhão de glória, dessa visita excepcional. Madame Chiang Kai Shek não gostou do leite da Holandesa. Achou-o fraco, seco, sem a nata suave em que se transfigura a relva terna dos prados chineses. No dia seguinte, pela manhã, uma Jersey aportava ao estabulo da Casa Serena. Ótimo leite. Mas, quando a noite veio, quando a sombra desceu das arvores do parque e se acenderam as primeiras estrelas, a pobre criatura de Nosso Senhor

sentiu saudade, como qualquer poeta. E, porque não sabia fazer poemas, poz-se a mugir dolorosamente para a solidão. Por infringir a lei do silêncio foi banida das proximidades. Agora, manda o leite cada manhã, sem magua e sem despeito. Mas nunca mais poderá voltar. Pequenos detalhes de uma bela história que se contará depois. Quando Madame Chiang Kai Shek contar as suas memórias da Casa Serena. Então, ela há de dizer que, mesmo encarcerada na sua voluntária solidão, sentiu no céu, na luz, nas arvores, nos próprios olhos severos do Pedro que o Brasil lhe quer um bem enorme.

MESMO DURANTE A FASE MAIS ANGUSTIOSA DA GUERRA, O CASAL NÃO PODE SEPARAR-SE. SÓ MESMO POR MOTIVO DE FORÇA MAIOR, MADAME CHIANG KAI SHEK REALISOU ESTA VIAJEM ATÉ TÃO LONGE DA CHINA, DEIXANDO SEU ESP'JO ENTREGUE A SEUS AFAZERES DE ESTADO.



MADAME CHIANG KAI SHEK, NO SEU PAIS, EM COMPANHIA DO MARIDO, O GENERALÍSSIMO, RECEBE A VISITA DO GENERAL JOSEPH STILWELL.

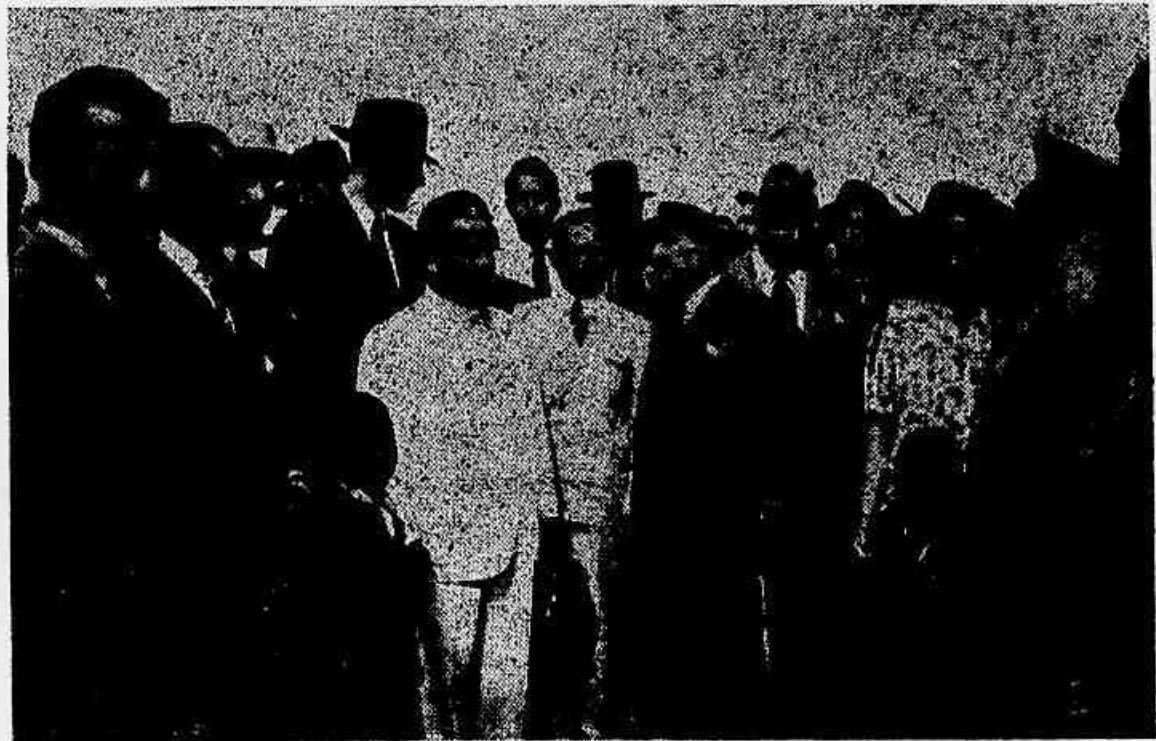
FIGURAS E FATOS



FLAGRANTE DA SENHORITA LUCIA COTTA, FILHA DA VIUVA MANUEL COTTA, NO DIA DO SEU CASAMENTO COM O SENHOR GALVÃO DE MEDEIROS, FILHO DE TRADICIONAL FAMILIA NORTE-RIOGRANDENSE. A CERIMONIA RELIGIOSA, QUE TEVE LUGAR NA MATRIZ DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, FOI OFICIADA PELO REVERENDÍSSIMO BISPO DE NITERÓI, D. JOSÉ PEREIRA ALVES.



A PINTORA GAUCHA HILDA GOLTZ, CUJA EXPOSIÇÃO DE QUADROS FOI INAUGURADA NO S' LÃO NOBRE DA SOCIEDADE SUL-RIOGRANDENSE, DIA 1.º DO CORRENTE, E TEM SIDO FREQUENTADÍSSIMA.



VEIO AO RIO, PARA TRATAR DOS INTERESSES DE SEU GOVERNO, O SR. CORONEL MAGALHÃES BARATA, INTERVENTOR NO ESTADO DO PARÁ. SEU JESEM ARQUE, NO AEROPORTO SANTOS DUMONT, ESTEVE CONCORRÊNCIA AO MESMO COMPARECENDO ALTAS AUTORIDADES, AMIGOS E CONTERHANES DO ILUSTRE GOVERNADOR, CUJO CIRCULO DE SIMPATIAS E ADMIRAÇÕES É CADA VEZ MAIOR. NOSSA REPORTAGEM BATEU, NAQUELA OCASIÃO, O FLAGRANTE QUE SE VÊ ACIMA.



FLAGRANTE OBTIDO POR OCASIÃO DO CASAMENTO DA SENHORITA HELOISA HENY DA SILVA OLIVEIRA COM O SR. ANGELO JOÃO CESCHIN, FUNCIONÁRIO DO BANCO PORTUGUÊS DO BRASIL.



FLAGRANTE APANHADO NA STA. CASA DA MISERICORDIA, NESTA CAPITAL, EM AGOSTO PROXIMO FINDO POR OCASIÃO DA VISITA QUE O SR. PRESIDENTE GETULIO VARGAS FEZ À INSTITUIÇÃO. DA ESQUERDA PARA A DIREITA; MINISTRO BARROS BARRETO E DESEMBARGADOR LAFAYETE DE ANDRADA, GENERAL FIRMO FREIRE E O PROVIDOR ARY DE ALMEIDA E SILVA.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 9-9-944 -- N. 37

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em que quer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 60 PAGINAS

Sumário

LITERATURA:

A misteriosa visitante da Casa Serena (Sarah Marques).....	3/5
O cadaver de Percival Bland (R. Augustin Freeman).....	19
A Esteireira (Afonso Arinos).....	35
A Confissão (Odette Garnier).....	39
Sebastião Fleury (Escragnolle Doria).....	42
Livros Novos.....	44/45

REPORTAGENS:

Figuras e Fatos.....	6
Aconteceu no Rio.....	8
O meu dia ainda não chegou (Paulo Salles Guerra).....	9/14
Jockey Clube.....	15
Ouro Preto, a desconhecida (Celestino Silveira).....	23/34
A Parada da Juventude.....	50/51

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos.....	38
Outros Modelos.....	47

CURIOSIDADES:

Zola, fotógrafo.....	15/16
Você tem vocação para detective?.....	18
As enfermeiras de guerra.....	20/21
Um dia com Loretta Young.....	36/37

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam:

Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrôtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa

Ventre-Livre

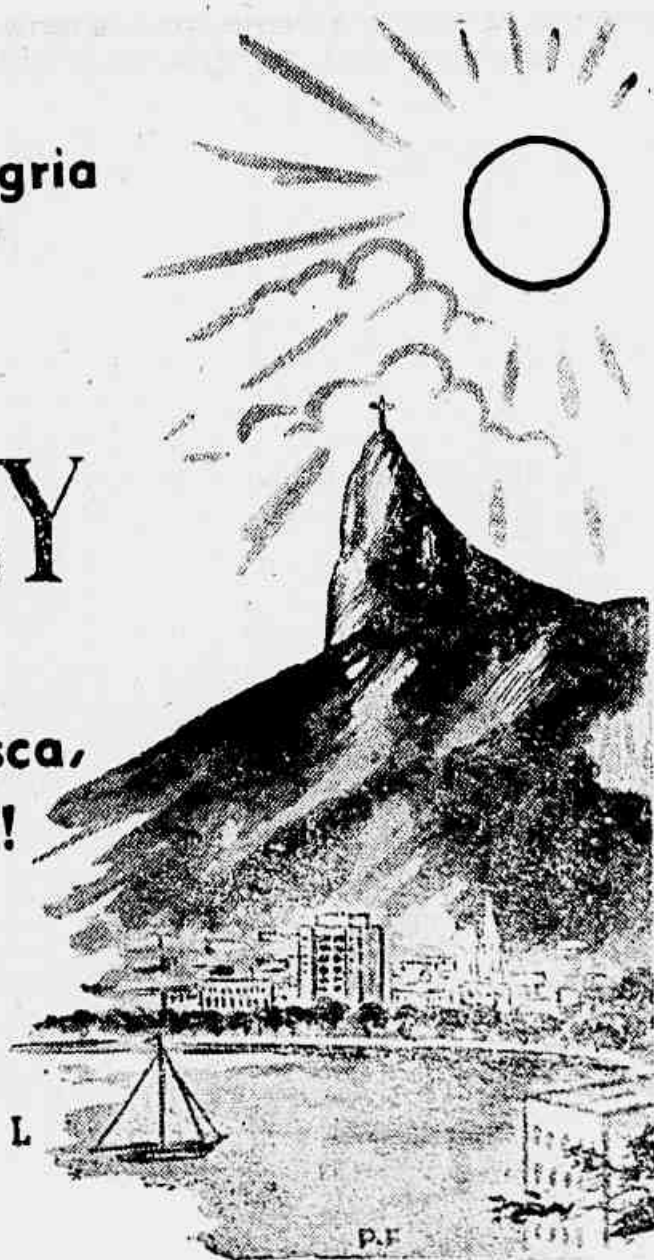
Coisas do Brasil.....	41
SEÇÕES:	
De Musica (Roberto Lyra Filho).....	40
A guerra em marcha.....	52/53
De Teatro (Anselmo Domingues).....	54
De Rádio (Djalma Maciel).....	55
CARICATURAS:	
De Bom Humor.....	22
"Charge" de Raul.....	56
NOVELA:	
"Covardia" (Berliet Junior).....	57/58

As chuvas refrescam e trazem alegria à natureza!

LAVANDE GALLY

— nos dias de intenso calor, refresca, perfuma o corpo e alegria a vida!

A VENDA, EM TODO O BRASIL





MONUMENTO DE FREDERICO CHOPIN, OBRA DO ESCULTOR AUGUSTO ZAMOYSKI OFERECIDO À CAPITAL DA REPÚBLICA PELA COLÔNIA POLONESA DOMICILIADA NO BRASIL, E RECEM-INAUGURADO.

ACONTECEU
NO
RIO

No dia 1.º do corrente, quinto aniversário do brutal ataque alemão contra a Polônia, em 1939, o fato do qual deflagrou a presente Guerra Mundial, inaugurou-se, no Rio, o monumento de Frederico Chopin, um dos maiores músicos do mundo e grande polonês.

O monumento, obra do prof. Augusto Zamoyski, foi oferecido à cidade do Rio de Janeiro pelos poloneses residentes no Brasil, em gratidão pela hospitalidade da Terra Brasileira.

Esse monumento tem hoje uma significação simbólica. Os alemães derrubaram o monumento de Chopin na capital polonesa. Varsóvia, a cidade natal de Chopin, está hoje em chamas. O Exército Subterrâneo Polonês e todo o povo de Varsóvia lutam, heróicos e sozinhos, contra o inteiro poderio bélico alemão. Por vingança, os alemães incendiaram a cidade. As ruas por onde passava outrora Chopin não existem mais; suas casas jazem em sangue e poeira. A igreja da Santa Cruz, onde se guardava a urna com o coração de Chopin, foi destruída e incendiada pelos bárbaros germanicos. A população dos bairros ainda em poder dos alemães foi por eles rechassada para um campo de concentração perto de Varsóvia, e lá morre de fome ou está sendo trucidada a sangue frio. A rádio de Varsóvia irradia de novo as primeiras notas da "Polonesa" de Chopin. Varsóvia clama por auxílio.

O monumento de Chopin no Rio é uma homenagem do Brasil não só à arte imortal do grande compositor, como também à sua terra, que clama pela sua liberdade.

Sua inauguração constituiu legítimo acontecimento social e artístico, dando motivo a uma solenidade pública de larga repercussão mundial.

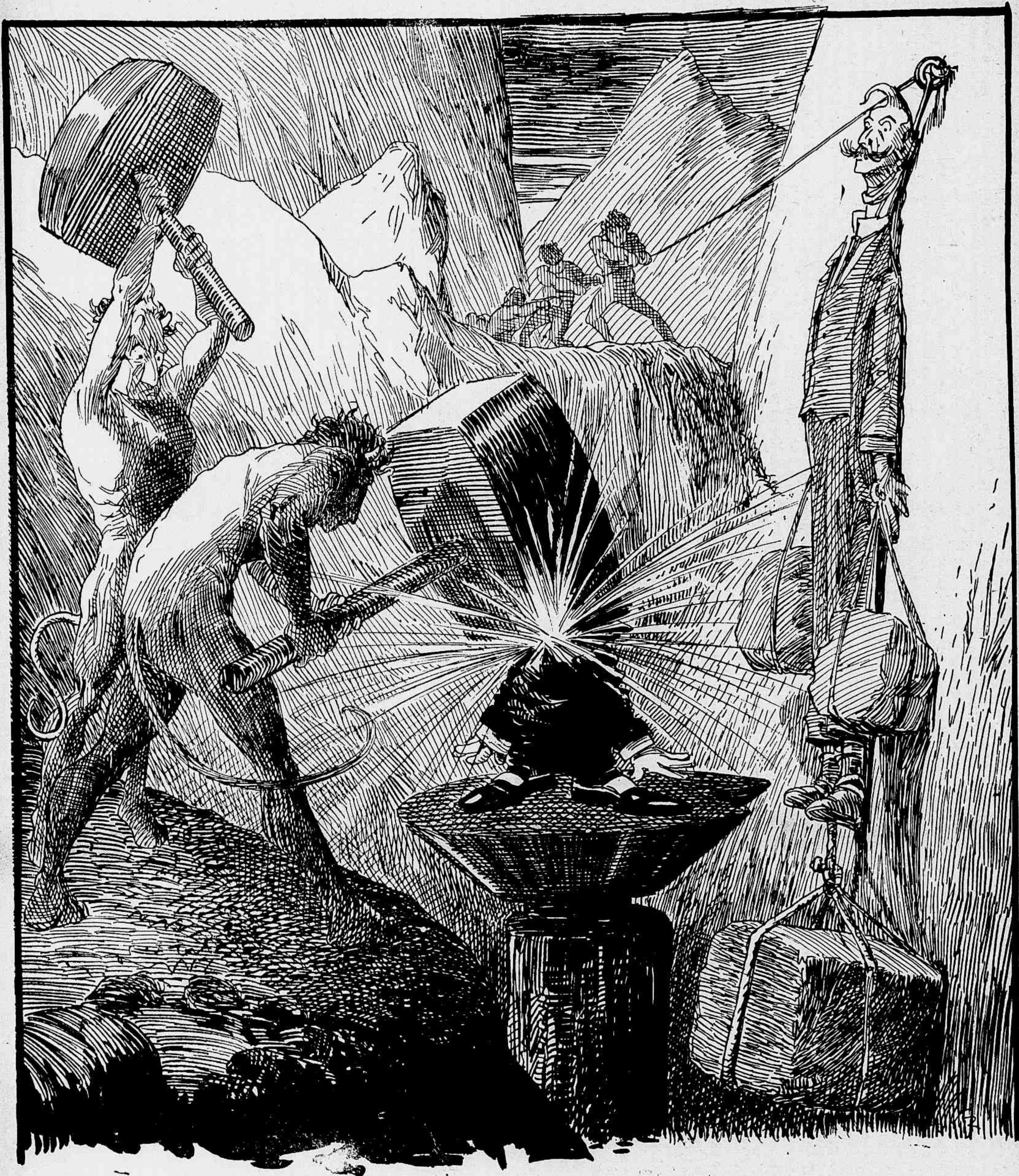
ESTE É O ANTIGO MONUMENTO DE CHOPIN, TRABALHO DE WACLAW SZYMANOWSKI, DESPEDAÇADO PELOS ALEMÃES EM VARSOVIA NO DIA 1.º DE SETEMBRO DE 1942, NA MESMA DATA EM QUE SE INAUGUROU AGORA O MONUMENTO DA PRAÇA GENERAL TIBURCIO NO RIO.





O MEU DIA AINDA NÃO CHEGOU...

Duas horas de palestra com o homem do fraque — O homem que fez uma roupa ou a roupa que fez um homem? — A sobrecasaca que se tornou famosa — Um alfaiate improvisado — “O meu dia ainda não chegou” — A desilusão com a imprensa: Patrocínio confraterniza com Bittencourt — Emilio de Menezes evita um despêjo — A evolução na caricatura de Calixto — “A caricatura me diverte” — Quatro anos e um boneco mais moço que Raul Pederneiras — “A caricatura é a favor do contra” — Professor de Xilografia — Uma vocação inesperada: a marcenaria — “A arquitetura moderna deve acabar” — A mecanização da arte.



Calixto já visitou também o Inferno. Nesta viagem tenebrosa Raul Pederneiras foi o seu guia prestimoso. Si o leitor não acredita, aí está este desenho a traço de Calixto para prová-lo. Esta é uma das capas de uma série que saiu no "D. Quixote", no seu tempo áureo. Raul e Calixto no quadro acima estão exatamente no "Círculo... dos nossos amigos", e a legenda explica: "Dos tropecadilhos por castigo — Ficou Raul na "estica" como espargo — E Calixto achatado como um figo." Como vemos, apesar do castigo cruel, eles não abandonaram os "trocapecadilhos". Ainda esta semana o leitor poderá encontrar alguns de Raul.

"Diga". A voz do outro lado do fio era grossa, uma voz pastosa, de fumante inveterado. O modo de atender o telefone era inegavelmente original. Em lugar do "alô" usual Calixto atende assim: "diga". E nós dissemos. Dissemos que pretendíamos uma entrevista com um dos mais antigos caricaturistas do Rio de Janeiro. A entrevista

foi prontamente concedida. Pouco depois estávamos no casarão da Gávea. Entrámos cautelosamente, certos de que a qualquer momento um enorme mastim iria nos saltar às canelas. No entanto, nenhum mastim. Nenhuma coisa agressiva. Tudo ali respirava calma e hospitalidade. Calixto veio abrir-nos a porta. Não. Ele não estava

com a clássica sobrecasaca, o colarinho alto, que parece sufocá-lo, aquela indumentária que todos conhecem. Encontrámos o caricaturista nos seus trajes domésticos. Uma espécie de macacão branco de flanela, de onde emergia a sua cabeça, a pele amarela, côr de ocre, os cabelos brancos, seu bigode retorcido, manchado de nicoti-

na. Os traços muito destacados, muito nítidos. E dominando tudo dois olhinhos pretos, muito vivos, nos quais se misturam estranhamente a esperteza e a bondade.

Passámos ao *atelier* do artista. A primeira impressão que se tem

é de confusão. Por tôdas as paredes quadros, flexas de índios, capacetes, máscaras de gesso, demônios orientais fazendo horríveis caretas. Tropeçávamos nos cavaletes espalhados pela sala. Calixto parecia divertir-se com a nossa atrapalhão. Seus olhinhos piscavam maliciosamente. Assim, no meio do mundo que criara e organizara, pequeno demiurgo, com aquela coloração estranha, parecia uma figura saída das páginas de um velho livro. Lembra, não sei por que, uma figura das ilustrações de Doré.

Aos poucos íamos nos habituando ao ambiente à desordem apenas aparente do *atelier*. Olhá-vamos os quadros, as estatuetas, os jarrões, indagando sobre as coisas que nos chamavam a atenção. Um grande quadro a óleo, retrato do artista, destacava-se entre os outros. Vendo que o examinávamos, o modelo aproximou-se.

— Auto-retrato? — perguntámos.

— Não. Isto é um trabalho de Gutmann Bicho. No tempo em que eu era "almofadinha", porque também já o fui. Tinha requintes de elegância. Imagina que fazia questão de que toda a minha indumentária fôsse da mesma cor. Tinha trajes completos. Achará esquisito si lhe disser que tive até sapatos verdes. Sempre dêste mesmo modelo — foi buscar um sapato de modelo original que nos mostrou. E' uma criação minha. Certa ocasião resolvi trajar-me inteiramente de marron claro. Na rua encontrei-me com José do Patrocínio, meu grande amigo. Patrocínio gostava de chamar-me "Mulatinho". Vendo-me com aquela roupa, quase da cor da minha pele, perguntou-me: "Você está nú, Mulatinho?". Parece que não gostei da pilhéria naquela ocasião, mas hoje, lembrando-me da passagem, rio a valer.

— A propósito, sabe que a sua indumentária já se tornou famosa na cidade?

— Tenho tido conhecimento disso, em diversas ocasiões e de diversos modos. Nem todos agradáveis. Ouço frequentemente pilhérias a este respeito. Quando são boas e estou de bom humor, tudo vai bem. Afinal, chego a ter um certo aborrecimento. Às vezes acho que o que se tornou conhecido foi a minha roupa e não eu. Eu desapareço, anulo-me dentro do meu fraque e do meu colarinho alto, debaixo do meu chapelão.

Calixto engana-se, entretanto. A roupa se tornou conhecida por se ter contaminado da sua personalidade. Aliás, é preciso ter muita personalidade para enfrentar a moda e atravessar tanto tempo com a mesma roupa.

Nosso entrevistado tornava-se cada vez mais jovial, contava fa-

Um fantasma? Não. Si o leitor já teve ocasião de ver Calixto, reconheça-lo imediatamente. Al estão os seus sapatos, a sua famosa sobrecasaca, o seu colarinho suplicante e o seu chapelão. Esta é a caricatura fotografada do conhecido caricaturista.



“O seu dia ainda não chegou?” Calixto parece estar um pouco desconfiado com o redator. Talvez o leitor ainda não tenha tido ocasião de ver o criador de “O seu dia chegará” assim em trajes domésticos, sem colarinho duro e sobrecasaca.

tos, anedotas da sua vida, passagens interessantes nas quais surgiam ditos e pilhérias dos nossos grandes humoristas da geração passada.

— E’ preciso não confundir, meu amigo. Quando encontro os meus conhecidos na rua pergunto-me invariavelmente:

— “Então, Calixto, sempre com a mesma sobrecasaca?”

— Perdão, meu amigo, a sobrecasaca é outra. Apenas do mesmo feitio.

— E por que se conserva tão fiel ao feitio?

— Ora, isto é uma questão de hábito e de comodidade.

— Comodidade? Acha cômodo aquêlê colarinho? E apontávamos o colarinho suplicante, em cima de um móvel.

— Parece que êle incomoda mais aos outros do que a mim mesmo. Habituei-me a esta roupa, a êstes sapatos, e não pretendo mudá-los nem acompanhar a moda. Talvez o meu tipo exija esta indumentária. De paletó saco pareço um contínuo ou um garçon de última classe passeando no domingo. Eu seria apedrejado na rua. E depois ninguém me reconheceria. Como lhe disse, a minha roupa tornou-se mais famosa do que eu.

— Mas como surgiu esta roupa? Já foi moda?

Calixto sorria.

— Vou lhe contar a história da minha sobrecasaca. A primeira vez que a usei foi para ir a uma festa em Campinho. Devia ser na época paleolítica. Era obrigado a comparecer de fraque. Entretanto, nunca tivera e não tinha nada que se parecesse com um fraque. Tinha porém um irmão.

— Seu primeiro fraque foi então emprestado?

— Não! Foi meu e muito meu, e até feito por mim.

— Não me diga que já foi alfaiate.

— A história é outra. Pedí a meu irmão a sobrecasaca, e numa fazenda que tinha risquei a giz o modelo da minha. Minha mana se encarregou de costurá-lo. Depois de pronta, experimentei-a. Ficou uma luva. Verdadeira obra de arte. Infelizmente, havia um senão. A fazenda estava muito russa, muito desbotada. Novo problema prontamente resolvido, desta vez com uma rápida tintura de pau campeche. E lá fui eu para o baile. Tudo muito bonito. Estava leve e escolhi as mais lindas

damas, as mais ricamente vestidas. Entretanto, não conseguia dançar mais de uma vez com cada uma. E’ que ao findar a dança o vestido, os braços, os ombros do meu par estavam pintados de negro. Era o pau campeche que desbotava miseravelmente.

Apesar disso nunca mais deixei de usar fraque. Uma vez resolvi usar *smoking*. Mas qual. Sempre que tinha de me sentar ficava procurando as abas da minha sobrecasaca e não as encontrava. Agora, chova ou faça sol, estou de colarinho duro, sobrecasaca e sapatos de fivelas.

O espírito de Calixto recusa-se porém a se subordinar à constância do seu vestuário. Ele evolue através dos tempos, acompanha a moda, recusa-se a envelhecer. Quem viu os primeiros “bonecos” de Calixto percebe facilmente esta evolução. Não pudemos deixar de observar êste fato.

— Isso eu não posso contestar. Procuro fazer os meus bonecos seguirem a moda. Como sabe sou um dos mais antigos caricaturistas do Rio. Apenas Raul é mais velho do que eu. O meu primeiro boneco surgiu exatamente oito dias depois de ter aparecido a primeira caricatura de Raul Pedernheiras. Ele é portanto quatro anos e um boneco mais velho do que eu.

— Qual foi o seu jornal de estreia?

— O primeiro jornal em que colaborei chamava-se “O Jacobino”. Trabalhava então na Casa da Moeda. “O Jacobino” dedicava-se a desancar impiedosamente a colônia portuguesa. Depois disso passei para “O Mercúrio”. Era em 1898. Esse título deveria prevenir-me contra a sífilis de que se ressentia a nossa imprensa. Nesta época apareceu o “Correio da Manhã”. Surgiu, não me lembro mais a que propósito, uma formidável polémica entre José do Patrocínio e Edmundo Bittencourt, que se desancavam impiedosamente pelas colunas daqueles jornais. Ficava horrorizado, na minha grande ingenuidade, de ver como se atacavam aquêles dois homens brilhantes: era “moleque sujo” para cá, “jornalista venal” para lá, um escândalo enfim. Costumava acompanhar tôdas as tardes José do Patrocínio à saída do jornal. Certa vez, em companhia dêsse ilustre brasileiro entrávamos na Pascoal, quando divisei numa mesa ao fundo Edmundo Bittencourt. Horror! Ia-se dar o tremendo choque. Talvez surgisse um duelo. Prudentemente, procurei evitar que Patrocínio divisasse seu adversário. Era tarde porém. Eles já se tinham visto. Edmundo levantou-se e trovejou de lá: “Aquilo não foi nada, moleque! Amanhã a coisa será pior. Você verá!”

Mas, como? Tudo aquilo fôra dito num tom de brincadeira. Patrocínio ria também. Não podia acreditar. Só comecei a perceber tudo quando vi os dois sentados,

Não é uma exposição de quadros o que o leitor está vendo. E’ apenas um detalhe das paredes do atelier de Calixto. Alguns quadros dos que aí se vêem são de autoria de Calixto: as duas naturezas mortas e o nú. Em baixo, à esquerda, um retrato do nosso entrevistado, de autoria de Gutmann Bicho.

combinando o artigo para o dia seguinte! Grande farça. Riram da minha ingenuidade. Assim é a imprensa. Como vê, não é possível levar muito a sério este mundo. Os meus bonecos começaram então a rir de tudo, a criticar tudo.

— E assim continua?

— Qual! Agora pinto apenas bonecos. Não faço crítica. De modo que desvirtuo o próprio sentido da caricatura. Acredito que esta seja uma arte e uma arma terrível. Sua finalidade é mostrar o erro e procurar evitá-lo, apontando-o antecipadamente. É o “rindo castigat mores”. A minha caricatura era política. Atualmente limito-me a fazer anúncios. Considerando-a entretanto uma arte, procuro evoluir e acho que tenho conseguido.

— E de que modo se tem manifestado essa evolução?

— Principalmente no traço, na sombra e no claro-escuro. Sinto entretanto uma certa deficiência na expressão dos meus bonecos.

Observe por exemplo a caricatura de J. Carlos. O seu traço é perfeito. Seus bonecos vivem, acompanham a época, têm expressão. Quando ele desenha uma fila, sente-se que fez parte dela, que apanhou o espírito dos componentes deste moderno instrumento de suplício público.

— Entretanto, observamos, J. Carlos, entrevistado por nós há duas semanas, declarou que não estava absolutamente satisfeito com a sua arte. Mostrou-se mesmo descrente da caricatura, achando que ela está com seus dias contados.

— Acho que J. Carlos não tem o direito de descrever da sua arte. Isto seria uma pretensão. Pois si ele é consagrado por todos como um dos maiores caricaturistas do Rio, atualmente... Como poderá contestar essa opinião unânime dos entendidos?

— E quanto à caricatura: Também acha que tende a morrer?

— Não. Acho que ela apenas estacionou. A caricatura é “a favor do contra”. Passada a causa do seu estacionamento ela ressurgirá. O homem não pode deixar de lado esta arma de crítica, de ataque.

Em todo caso, mesmo desenhando para fazer anúncios, Calixto tornou famosa uma frase repetida em toda parte: “O seu dia chegará”. É evidente que nem todos sabem quem é o autor destes quadros que todos os dias vemos nos jornais, focalizando a história do homem que ficou rico e o desapontamento do “outro”, do desfavorecido. Aquêlê conselho encerra aparentemente apenas um consolo, mas há nele evidentemente uma intenção bem mais profunda, bem mais irônica: “O seu dia chegará”... Quanto coisa nesta simples frase. Não sabemos por que, temos a impressão de que o autor se inclui nestes quadros. Calixto entretanto desmentiu-nos categoricamente:

— Não, meu amigo, eu não estou lá. Quem estaria me representando? O rico? O favorecido pela sorte? Não. Tenho feito muita força para vencer para me-lhorar o meu trabalho. Si o con-

segui não me cabe julgar; foi à custa de muito estudo, muito esforço. Também não me posso encontrar no decepcionado, no desfavorecido e miserável. Não me considero tal. É verdade que já tenho passado na vida maus bocados. Mas um pouco de bom humor e tudo se resolve.

Oferece-nos um dos seus cigarros. Acende, puxa uma fumaça; saboreando-a, os olhos quase fechados, procura recordações. Afinal sorri no meio da fumaça:

— Sabe? Já fui até despejado e quem me salvou foi Emilio de Menezes, aquêlê santo diabólico. Estava em São Paulo. Deixara aqui no Rio a casa mobilada, com tudo o que me pertencia. Por um incrível desentendido, os alugueres que mandava de lá não chegavam ao proprietário e as cartas dêsse não acertavam com o meu endereço. Depois de algum tempo, por falta de alugueres, resolveu êle, com justa razão, proceder ao despejo. No momento em que êste se processava, milagrosamente, surge Emilio de Menezes, que me vinha pedir um pequeno favor. Vendo aquilo, alarmou-se: “Que foi?”. Explicaram-lhe o que havia. Emilio prontificou-se a pagar tudo. O despejo fôra evitado. Ai está como aquêlê favor que me vinha pedir transformou-se em enorme sacrifício. Está claro que assim que cheguei fui reembolsá-lo. E a minha gratidão ainda não morreu.

— Para você a caricatura representa tudo?

— Não. Já tive muitas vocações, e agora mesmo não me limito à caricatura. Nas horas vagas dedico-me à escultura, como pode ver por êsses esboços de máscaras representando expressões.

Caminhou para uma porta onde estavam penduradas algumas máscaras representando expressões comuns como a sensação de azêdo, de mau cheiro, de pesar. Eram apenas estudos. Calixto aproveitava as férias para êsses estudos. Uma daquelas máscaras chamou nossa atenção: era uma expressão de pesar, mas um pesar todo convencional, como estamos habituados a ver nas missas de defunto, dos conhecidos que nos dão nas costas aquelas pancadinhas de praxe. É curioso notar como aparecem as tendências de caricaturista em todos os trabalhos de Calixto.

— Sabe uma das coisas a que eu gostaria de me dedicar? A marcenaria. Tenho verdadeira paixão pela arte de carpintaria.

— Tem algum trabalho de marcenaria?

— Nenhum. Nunca tive tempo para me dedicar.

E aí está uma vocação perfeitamente inesperada.

Neste momento o telefone chamou. Calixto pediu licença e foi atender. Estávamos perto, ouviamos a campainha, mas não conseguíamos distinguir o aparelho. Tranquilamente, o artista levantou a lombada de alguns livros e atendeu: “Diga”. O telefone estava camuflado numa caixa de madeira disfarçada em livros. Calixto divertia-se com a nossa surpresa.



Calixto tem feito todas as espécies de ilustrações em jornais e livros. Aqui está uma das páginas de um livro sobre a Vida de Cristo ilustrado por Calixto. Detalhe original: as mãos de Cristo não estão, como habitualmente vemos, pregadas na cruz, e sim amarradas. Nós também estranhámos a diferença, mas o artista nos explicou: “Si fôsem pregos a carne se rasgaria e o corpo não se poderia manter pendurado.”

Entre os muitos quadros que enchem as paredes do atelier de Calixto êste merece uma referência especial. Trata-se do primeiro desenho feito pelo caricaturista patricio, completamente “às cegas”. Segundo nos declarou o autor, êle não entendia nada de pintura nessa época. Viu essa ilustração e resolveu copiá-la. Está claro que não foi um trabalho original mas uma cópia. “E’ como se tivesse copiado letras gregas: um grego poderia entender, eu porém nada compreendia”.





Horacio Calixto (Anos 12)
31-12-743

Calixto costuma ficar trabalhando no seu atelier até uma ou duas horas da madrugada. Durante este tempo Horacio Calixto, seu filhinho de oito anos, gosta de apreciar o trabalho do pai. Entretanto, não consegue acompanhar a vigília do artista e daí resultou este esboço a lápis: o garoto dormindo a sono sóto, no chão.

— E atualmente, o que está fazendo além da pintura?

— Sou professor de desenho num colégio. Aliás, desde dezesseis anos que ensino. Com essa idade era professor de xilografia. Atualmente pouca gente sabe o que isto significa. Não há mais tempo para fazer gravuras em ma-

deira. E depois, não existe mais gosto artístico. A arte está sendo lentamente esmagada pela técnica. O que estamos vendo é a mecanização da arte. Coisa horrível que se manifesta sobretudo na arquitetura moderna. É preciso que ela desapareça, que se modifique. Só poderá surgir novamen-

te a arte verdadeira quando desaparecerem estes monstros da técnica.

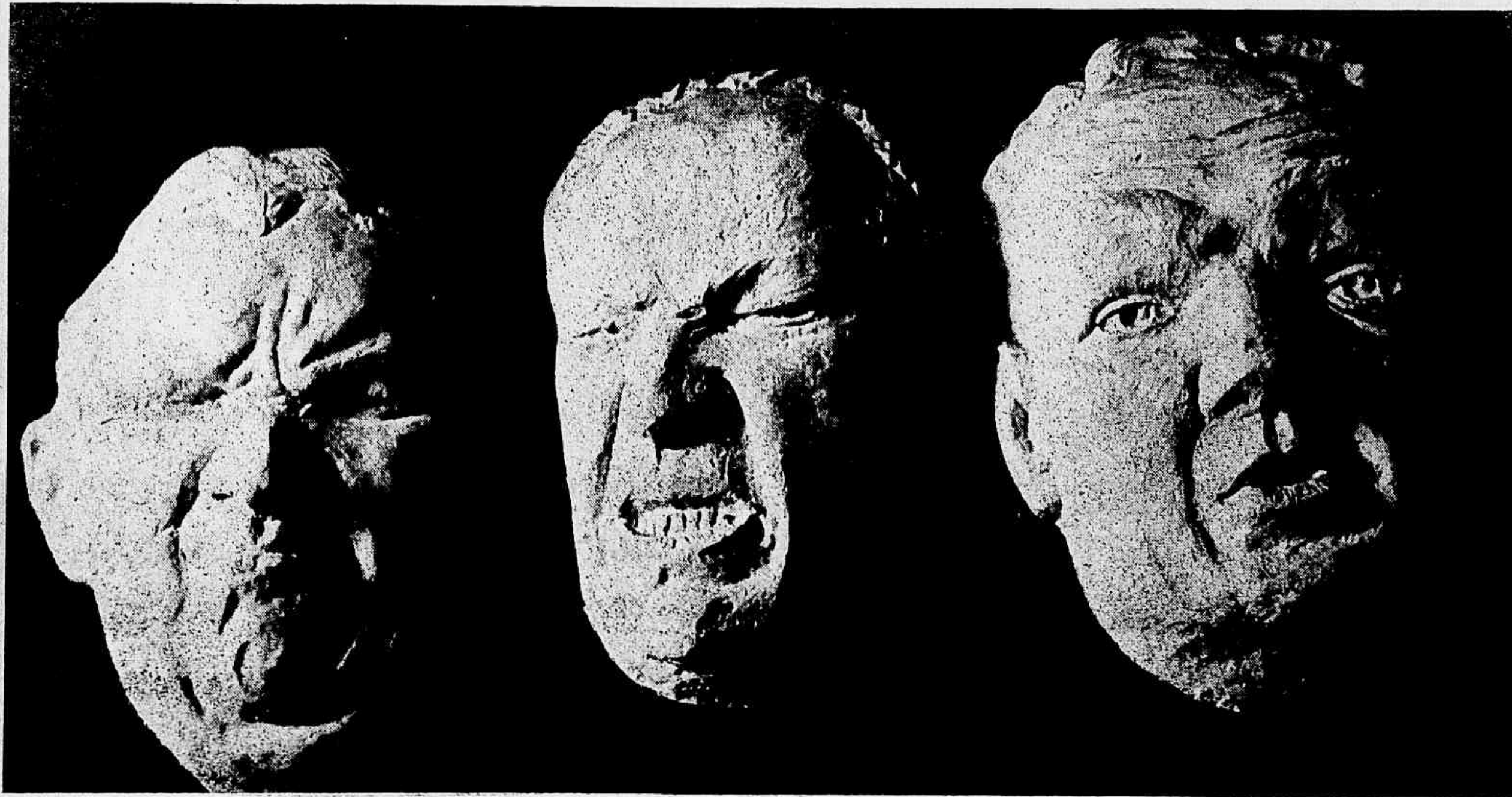


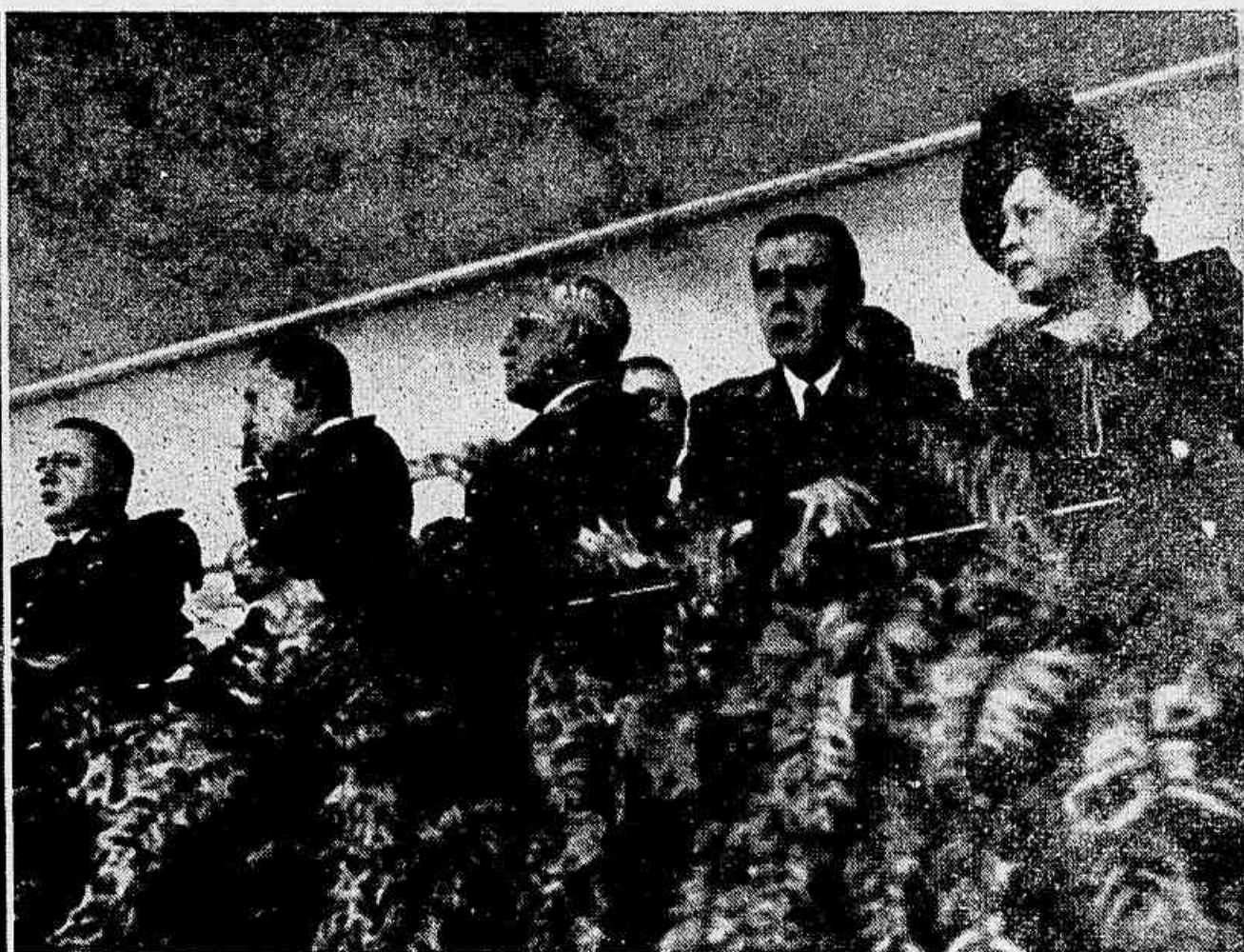
Calixto levou-nos até à porta. Deixara novamente de lado aquele tom grave que assumira, e pilheriava:

— Até à vista, despediu-se. Não perca as esperanças: o seu dia chegará!

Estará ele se referindo ao dinheiro ou à morte? A gente nunca sabe ao certo qual o sentido do que dizem os caricaturistas. Eles costumam fazer caricatura até mesmo falando.

Três trabalhos em gesso, feitos por Calixto, como distração. Não são definitivos. Apenas ensaios de expressões humanas. Da esquerda para a direita: "Hum, que mau cheiro!"; "Está azedo!" e "Ora, que pena!". Apesar de simples ensaios, são admiráveis estas expressões, nas quais podemos sentir a caricatura.

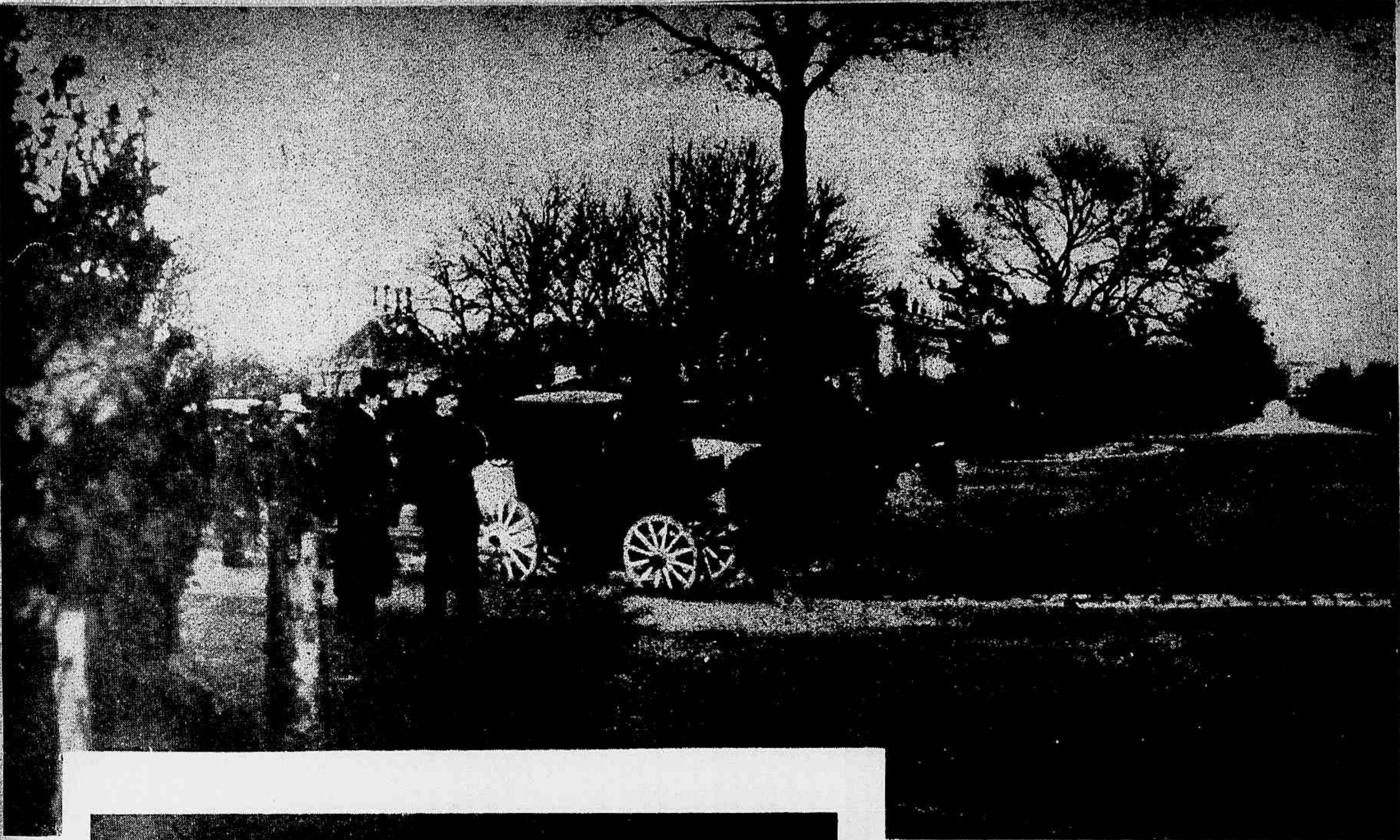




JOCKEY CLUB MUNDANO

Agora que o frio se foi e o sol volta a brilhar no céu carioca, maior e mais elegante ainda se torna a frequência ao Hipódromo da Gávea, ponto de reunião obrigatório dos elementos da elite social do Rio de Janeiro, durante as realizações dos magníficos meetings do Jockey Club. São da última reunião ali realizada os instantâneos que aqui reproduzimos.





16



ZOLA TIROU ESSE EXCELENTE RETRATO DE SUA ESPOSA, "NÉE" JEANNE ROZEROT, AOS 28 ANOS.

ZOLA

FOTÓGRAFO



ZOLA, FOTÓGRAFO, CUIDAVA TAMBÉM DA "MISE EN-SCÈNE".



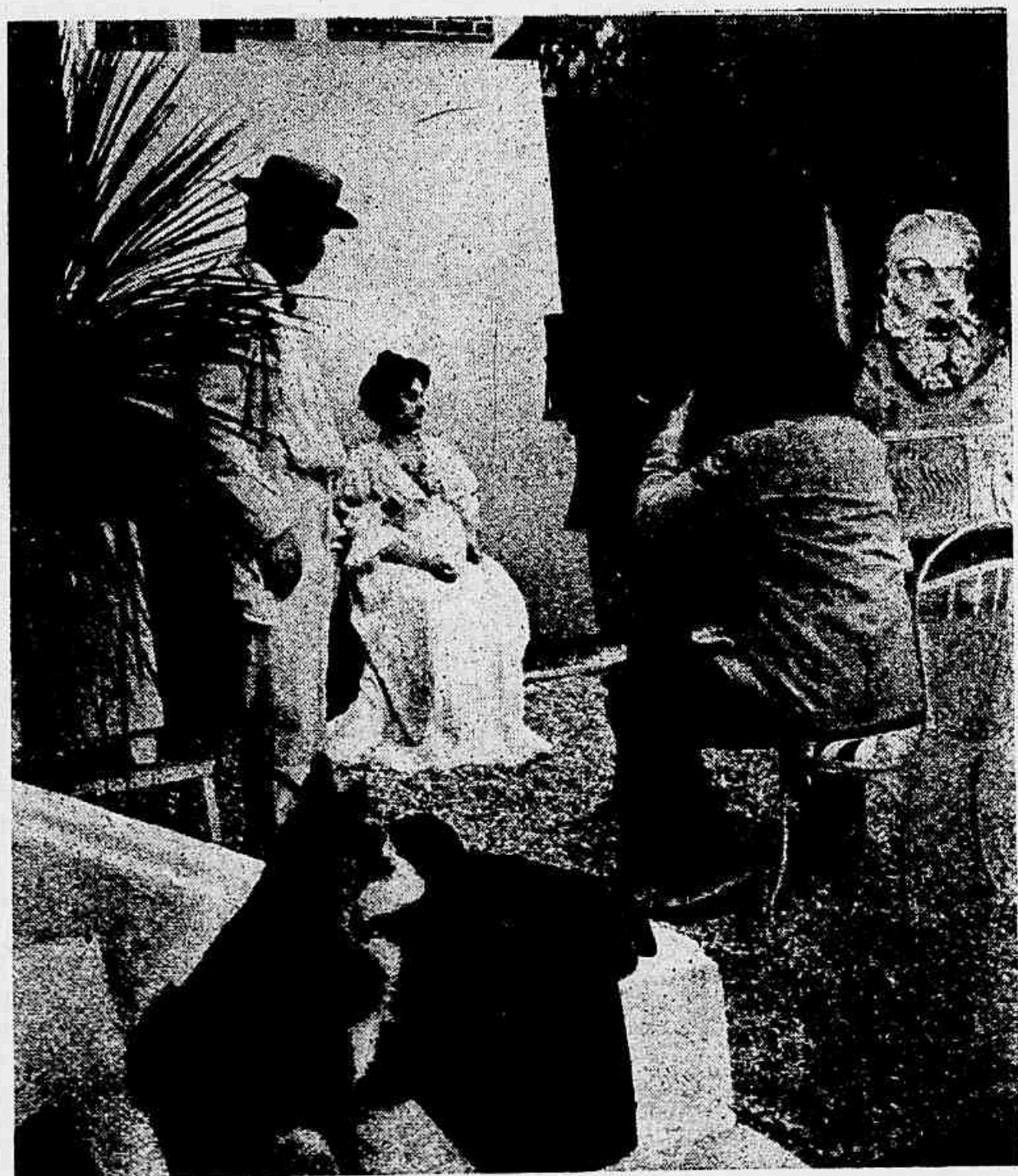
A' PORTA DAUPHINE, ZOLA FEZ PARAR O FIACRE, TOMOU SUA MÁQUINA, E TIROU UMA FOTOGRAFIA. SUA ESPOSA A, DESCEU DO CARRO E PASSEIA, ESPERANDO.

17

Emile Zola, o célebre romancista cujo centenário foi celebrado em 1940, era um entusiástico fotógrafo amador. Em 1898, comprou sua primeira máquina. Desde então, fez da fotografia seu passatempo. Possuía quatro máquinas e todo o material para a revelação, porquanto encarregava-se, ele mesmo, de revelar as chapas. Utilizou, a princípio, uma máquina, de 13×18, depois uma Kodak do mesmo tamanho a seguir uma máquina cuja objetiva, deslocando-se de 45 graus no momento de bater-se a chapa, tinha grande alcance. Até sua morte, em 1902, ele não deixou passar

um dia de sol que fosse sem bater uma fotografia. Fez uma verdadeira reportagem fotográfica, sobre a exposição de 1900.

Durante seus passeios em bicicleta na França e durante suas viagens, ele tirou várias chapas na Inglaterra e na Itália. Tirou sobretudo fotografias de sua família, submetendo sua mulher e filhos a longas e tediosas sessões de pose. Conseguiu tirar fotografias de si mesmo, com auxílio de um dispositivo que o permitia manejar a máquina á distancia.



EI-LO PREPARANDO UMA SOLENE FOTOGRAFIA DE JEANNE DUCART.



JEANNE DUCART ERA FILHA DO EDITOR ARMAND CHARPENTIER.

Você tem vocação para detective?

O MISTÉRIO DOS TRES ESPIÕES



1 Dashing Byron, ás da aviação, passava grande parte do seu tempo com a loura Thelma Zento. Ele soube que Thelma era uma espia e pretendia descobrir segredos militares. Thelma ignorava entretanto que Byron fôsse um major do Intelligence Service e que uma das suas tarefas era vigiá-la. Eles estavam frequentemente juntos e em breve ele se tornava sabedor de que ela pretendia obter detalhes sobre o novo paraquedas das Forças Aéreas.



2 O major Byron empregava o resto do seu tempo vigiando Nada Nickolis, espia exótica a serviço de outra potência estrangeira. Nada era tão decidida como Thelma, e estava à procura da mesma informação: detalhes do novo e importantíssimo paraquedas. As duas mulheres nutriam reciprocamente um grande despeito. Em breve Byron identificava-se de que ambas eram espertas e perigosas. As semanas passavam. Thelma, descobrindo que Byron, iria prendê-la, elaborou um plano para desembaraçar-se de dois perigos.



3 Juntamente com um cúmplice, Cuto Glat, Thelma foi ao quarto de Byron. Glat quebrou o pescoço do major. No seu carro levaram o corpo para a casa de Nada Nickolis, arrumaram-no cuidadosamente num quarto e comunicaram anonimamente à polícia que houvera um "rôlo" em casa de Nada.



4 Logo que a polícia encontrou o corpo, o inspetor Hannibal Cobb foi chamado. Este examinou cuidadosamente o corpo, notando a posição dos pés e das mãos. Chamou Nada e perguntou-lhe se o major Byron andava normalmente com os pés voltados para dentro. "Sim", respondeu a espia; "era até uma coisla facilmente notada".



5 Nada negou ter visto Byron aquêl dia, e aconselhou Cobb a procurar Thelma. A loura espia admitiu prontamente que ela e Glat tinham levado Byron aquela tarde em seu automóvel, mas que às 9,30 o haviam deixado em casa de Nada. Eles não haviam estado com Byron fora do automóvel, garantiu.

OTHER RATE	
POSTAL RATE	
DATE	
TIME	
BY	
WEEK	
7 LETTER	
RADIO	

Postal Telegraph

message, subject to the Company's rules, regulations and rates set forth in its tariffs and on file in

CHEFE DE POLÍCIA:

2º. RELATÓRIO CUTO GLAT E THELMA ZENTO
MATARAM BYRON E TROUXERAM O CADÁVER
PARA A CASA DE NADA NICKOLIS, AFIM DE QUE
AS SÚSPEITAS RECALAM SOBRE ELA. NAS FOTO-
GRAFIAS, ENVIADAS, VÊ-SE O ÉRRO, COMETIDO
PELOS ASSASSINOS. VOU PRENDÊ-LOS.

INSPECTOR HANNIBAL COBB

6 A esta altura tornava-se claro que Byron não fôra morto por Nada. Ele havia sido levado à casa desta e colocado aí depois de morto, evidentemente por Thelma e Glat. Qual foi a chave de que lançou mão o inspetor para chegar a esta conclusão?

O CADAVER DE PERCIVAL BLAND

por PAUL KRIEG

Uma história policial completamente diferente! Os fans deram-lhe o nome de história invertida e ela foi criada pelo escritor R. Austin Freeman, autor do Cadaver de Percival Bland...

O SENHOR Percival Bland era um criminoso de tipo invulgar. Ladrão dos mais hábeis, trapaceiro de primeira classe, possuía, como característica fundamental de sua personalidade, um traço que o isolava, entre os criminosos, em um grupo à parte: era precavido. Tinha, além do mais, e em grau apreciável, essa qualidade tão rara, não só entre os de sua espécie: bom senso. Pelo que disse, já vêem que Percival é um personagem digno de estudo demorado. Tratemos dele. Essa história, aliás, relata uma estranha aventura ocorrida com seu cadáver. Mas observemô-lo ainda em vida, visto ser mais cômodo e, além do mais, facilitar a compreensão do que se passou com os seus restos mortais que Deus guarde.

Já se disse que Percival tinha bom senso. Isso é um fato incontestável. Há porém uma ressalva: seu raciocínio não chegou a tal perfeição que o convencesse de abandonar a sua profissão. Sim, ele compreendia perfeitamente que não poderia continuar a gozar, indefinidamente, do extraordinário sucesso que até então tivera. Sabia bem disso, porém, já tendo em mente essa hipótese — a de algum desastre que o impedisse de continuar a exercer tal profissão, — preparava, cuidadosamente, um plano que envolvia um cadáver, alguma estopa e muito engenho.

Quando o digno Sr. Percival se viu em apuros, apuros estes que um certo cavalheiro de Scotland Yard não teria dúvidas em agravar, se obtivesse mais provas, Percival resolveu pôr em prática o seu plano, porque conhecia, como ninguém, a persistência desses cavalheiros da polícia e estava persuadido de que a descoberta, a prova condenadora dependia de uma questão de tempo.

Eis, pois, Percival a braços com um problema intrincado. Como desaparecer? Porém desaparecer sem que levasse em seu rastro metade dos policiais ingleses, procurando-o. Fugir de modo tão engenhoso que ninguém suspeitasse de que fugira.

— Devo morrer, concluiu o Sr. Percival.

E eis que o plano se delineou na sua cabeça. Está claro que não tinha a menor intenção de acabar com a própria vida, pois, se bem que em momentos de desânimo se queixasse dela, estava bem satisfeito com o corpo que o Senhor lhe dera. Não se tratava, pois, de um suicídio. Longe dele tão horripilante pensamento. Aliás, o Sr. Percival detestava a violência. Era típico o seu desamor por tudo que estivesse relacionado com revólveres e matança. Era um ladrão pacífico e, quando em suas incursões noturnas em propriedade alheia era forçado a munir-se de uma arma protetora, saía com o firme propósito de não usá-la em hipótese alguma. E, de fato, nunca fôra forçado pelas circunstâncias a pôr à prova essa decisão. Nunca fôra preso em flagrante. Sempre tivera sucesso em suas empresas. Ponhamos, logo, de lado, essa idéia tremenda: suicídio.

O que Percival planejava era coisa muito diversa. Um plano engenhoso que lhe ocorrera em certa visita a um leiloeiro.

É justamente aí que começamos a nossa história. Foi o primeiro incidente que precipitou o final desse caso.

Mas procedamos com ordem. Apresentando o Sr. Percival, tendo dado, segundo espero, uma idéia ao leitor da personalidade admirável desse homem, deixemo-lo agir por conta própria e limitemo-nos a registrar os acontecimentos por ordem cronológica.

Já dissemos que a história principia, pelo menos quanto aos acontecimentos que nos tocam de perto, em um leiloeiro.

Não era dia de leilão. Não. Percival quando ia a leilões, arranjava as coisas de tal modo que chegava exatamente

na hora em que estava sendo vendido o lote que pretendia e arrematava-o, pagando e saindo, sem mais delongas. Tinha entretanto o hábito de demorar-se examinando coleções de coisas que outros julgavam imprestáveis e que muitas vezes lhe eram úteis, como aconteceu no caso presente.

Revirando alguns ossos, o leilão era dos haveres de um médico, Percival refletia sobre o refúgio que preparara para desaparecer dos olhos da polícia.

— Vejamos, pensou ele. Já tenho o lugar...

O lugar era um belo apartamento em Battersea, arrabalde pacato e caseiro, refúgio de solteironas e velhas desocupadas. Lugar absolutamente seguro. O abrigo era segredo. Um cavalheiro, em quem reconhecemos nosso amigo Percival, indagara, havia algumas semanas, se haveria apartamentos vagos na vizinhança — Sr. Roberto Lindsay fora o nome que dera — e o porteiro assim como a criada que tinham ficado encarregados da conservação do quarto tinham sido informados de que aquele cavalheiro louro que tomara o apartamento era caixeiro viajante e que, portanto, estava muito frequentemente "para fóra", conforme disse a criada. Ora, Roberto Lindsay, se bem que fosse o mesmo Percival Bland, parecia-se unicamente com Bland, sem que fossem, entretanto, exatamente sócios. O sr. Lindsay tinha cabelos louros, o sr. Percival era moreno. O sr. Percival Bland tinha um sinal perto do olho esquerdo, o Sr. Lindsay não possuía essa marca, porém carregava no bolso um certo preparado químico, uma tinta muito eficaz para pôr sinais na cara de um cavalheiro de modo que parecessem autênticos. Percival e Lindsay, conforme o próprio Roberto confessou ao porteiro, eram primos.

A intervalos irregulares, os primos se visitavam. Porém, infelizmente, pareciam ter tão pouca sorte que nunca um deles encontrava o outro em casa. Era deveras lamentável. E um fato ainda mais curioso era que, quando Mr. Bland passava a noite confortavelmente em seu apartamento, seu primo estava viajando, para os moradores do apartamento deste. E vice-versa. Muito curioso, não há dúvida.

Essas coincidências seriam notáveis se alguém houvesse tido o trabalho de relacioná-las umas com as outras. Porém ninguém ainda se encarregara desta tarefa. Mr. Bland seguia o seu caminho e o seu primo, Lindsay, também.

Entretanto, somente porque o Sr. Percival muito raramente visitava o seu primo, não é justo acreditar que ele não se interessasse pelo seu estado de saúde e, especialmente, pelo seu estado financeiro. Nada disso. Nesse caso, ao contrário, o Sr. Bland sempre demonstrara uma solicitude comovedora. Imaginem que fez um testamento deixando os seus bens para o feliz parente. Não ficara aí. Era deveras um homem providente e bondoso. Querendo que, por ocasião de sua morte, o primo ficasse relativamente bem na vida e não fosse forçado a voltar a trabalhar, o Sr. Bland resolveu fazer um seguro de vida na importância de uma milhar de libras, tendo obtido avaliação tão elevada em virtude do excelente estado de saúde em que se achava. Somente um acidente desastroso roubaria ao Sr. Bland a vida que prometia prolongar-se por mais uns cinquenta anos pelo menos.

E, vendo a atitude dele em relação ao primo, não podemos deixar de admirar a conduta, mais do que honesta, generosa, incrível, extraordinária mesmo, deste santo homem...

Mas voltemos ao leilão.

Lembram-se de que deixamos o nosso herói a examinar algumas peças que entrariam naquela tarde mesma em leilão. Pois bem, voltemos a ele e examinemos também os objetos que tanto o interessavam.

Havia objetos variados e estranhos. Entre eles uma pequena harmonica que o Sr. Bland contemplou, melancólico, lembrando-se de que por pouco não se tornara artista. Depois, preocupado com uma profissão que lhe tomava todo o tempo, abandonara a sua querida rabeca. Com um suspiro lembrou-se dos bons tempos, porém a certeza de que, uma vez morto Bland, Lindsay poderia passar o resto de seus dias a tocar rabeca consolou-o.

Passou adiante. Que mais haveria de interesse naquela exposição? "Uma coleção de instrumentos cirúrgicos, de propriedade de um velho médico". O leiloeiro tivera o cuidado de deixar bem claro que o médico era velho. De fato, os objetos que ele tinha à sua frente pareciam francamente antediluvianos. E, no entanto, o Sr. Bland interessou-se por eles. Por que seria? Vejamos. Que havia ali? Um amontoado composto de instrumentos diversos: uma seringa enorme e incômoda, facas de todos os tamanhos (isso com certeza, em medicina, tem outros nomes, pensou Mr. Bland. Como é que os médicos chamam essas coisas

com que nos cortam a barriga?) A última peça da coleção era uma caixa escura que parecia encerrar algum mistério. Mr. Bland, com o devido respeito, levantou a tampa e olhou. Uma emanção desagradável desprendia-se dos objetos. Era uma coleção de ossos empilhados. Restos, sem dúvida, dos instrumentos que tinham servido ao velho médico, hoje falido, para estudar a anatomia do corpo humano.

— Que coisa pavorosa! pensou o nosso herói, com um estremecimento de joço.

Mas os ossos apresentavam um aspecto tão repugnante que imprimiam mais realismo à impressão. Parecia vendo-os, gordurosos, que tinham pertencido a um esqueleto de pessoa recém-morta... Recém-morta?

— Quer ter a bondade de fechar essa caixa, cavalheiro? Isso fede que é uma coisa horrorosa, berrou um comprador exaltado, a seu lado. Bland, sem dizer uma palavra, obedeceu. Estava pensativo.

O conteúdo da caixa, entretanto, fascinava Percival. Ele revia as mãos ou, melhor, os ossos das mãos, que pare-

(Continua na página 48)





AS ENFERMEIRAS DE GUERRA

LONDRES, agosto — Por toda parte em que lutam os soldados aliados, muito perto deles são encontradas as enfermeiras. Desde os dias iniciais desta guerra até o presente momento, acompanham elas as tropas aliadas a todos os setores de luta. As fotografias que ilustram estas notas são típicas da tarefa desempenhada por milhares de enfermeiras, nos recantos mais distantes do mundo em guerra.

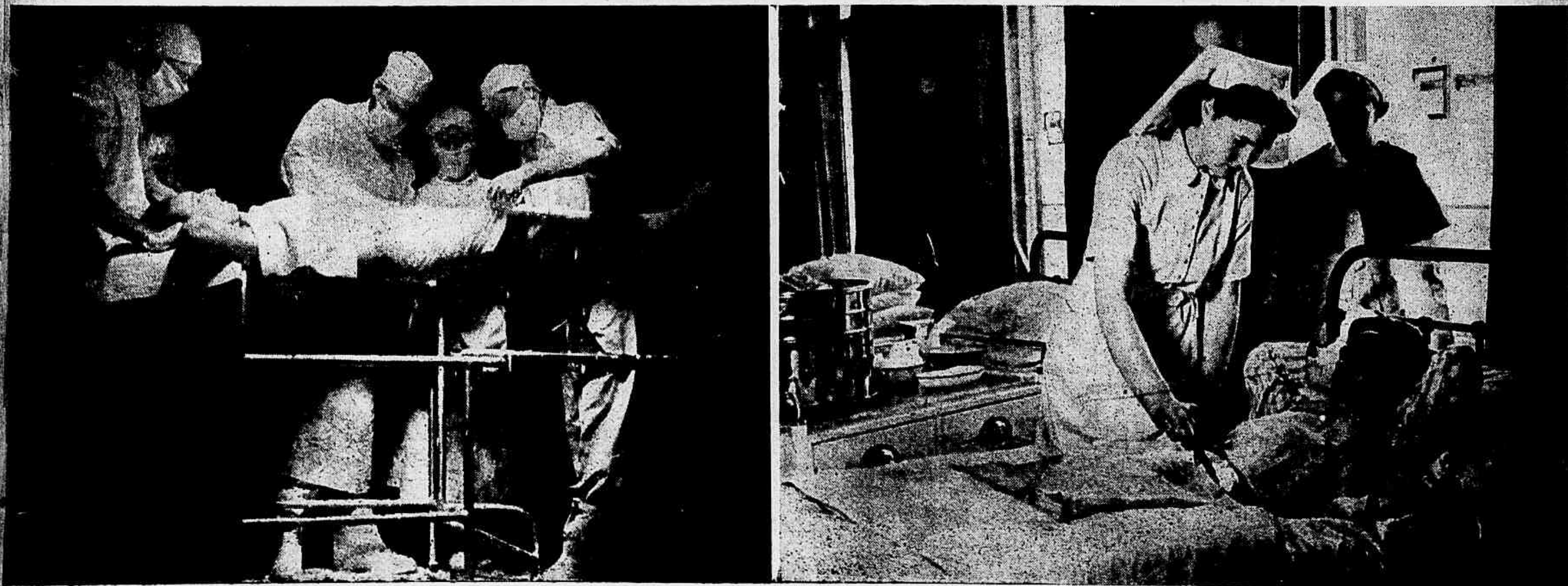
Houve enfermeiras em Dunquerque, durante a evacuação da Força Expedicionária britânica. Há enfermeiras junto aos exércitos que operam em Burma. Há

(Do B.N.S., especial para "REVISTA DA SEMANA")

centenas delas no Oriente-Médio, na Persia, no Iraque, em Malta, Chipre, etc. Durante a investida de 1.200 milhas realizada pelo Oitavo Exército, de El-Alamein a Tripoli, as enfermeiras marcharam separadas das tropas avançadas apenas por algumas milhas. Vinte e quatro horas após a queda de Tripoli, nove enfermeiras saltaram de um caminhão, numa das praças principais da cidade. E num rápido espaço de tempo instalaram o seu hospital movel.

Na primeira fase das operações na Sicília, uma seção de um hospital de campanha movel da RAF voou diretamente à Sicília do litoral norte-Africano. Com ele foi o seu corpo de enfermeiras. E desde os primeiros dias de luta na Itália as enfermeiras estiveram presentes, abrigando os feridos em tendas, delas cuidando sob todas as condições.

E' uma vida árdua a das enfermeiras militares. Desconhecem qualquer facilidade e conforto. Aham-se tão mergulhadas na guerra como qualquer um dos soldados entregues aos seus cuidados. As enfermeiras



teem sido bombardeadas e metralhadas. Muitas vezes são alojadas na frente de ambulancias e caminhões, sob os ventos e a chuva. Trabalham sob um intenso calor ou um intenso frio. Devem estar sempre prontas a parar, num dado momento, afim de armar as tendas do seu hospital de campanha e iniciar imediatamente a sua tarefa de cuidar dos feridos. Alimentam-se de um pedaço de carne e biscoitos, bebendo apenas uma pequena ração d'água. Muitas vezes teem dormido sobre o chão. Mesmo porém quando as suas vidas se acham em perigo, jamais fracassam no cumprimento da sua missão. Um exemplo tipico é o fato ocorrido em Tobruk durante os dias do sitio mais feroz sofrido por essa posição do deserto africano. Quando as enfermeiras chegaram, um oficial do exército, dando-lhes as boas vindas, disse-lhes: "Provavelmente não podeis permanecer na cidade hoje á noite". Mas as enfermeiras ficaram e deram início á sua tarefa no Hospital Geral de Tobruk. Trabalharam 14 horas por dia, tendo apenas tempo de engulir uma refeição apressada. As redondezas do Hospital receberam varias impactos. Suas paredes ficaram marcadas por estilhaços de granadas e bombas. Nada disso interrompeu, por um instante sequer, o exaustivo trabalho das heroicas enfermeiras.

Cada um dos tres ramos das Forças Armadas possui o seu serviço de enfermagem. Estarão por toda parte as enfermeiras, no país natal ou no estrangeiro, na linha de frente ou nos grandes hospitais-bases. Na própria pátria, vestindo os seus linhos alvos, ou na frente de combate com os seus uniformes kaki, as enfermeiras, onde quer que cheguem, trazem consigo uma atmosfera de conforto e consolo. Amigos e inimigos recebem igualmente os seus cuidados. As fotografias que ilustram as presentes notas são um pouco da historia de milhares de enfermeiras aliadas.

ABADIAS E PRIORADOS BRITANICOS

Sherborne, hoje uma pequena localidade do Dorset com 6.000 habitantes, apresenta numerosas ruínas de velhos edificios, tais como abadia, castelo, escola e outros, indicando que houve uma época em que foi a capital dos saxões ocidentais.

Não resta duvida de que houve ali uma igreja organizada, em tempos remotos, e de que a cidade foi sede de bispado nos dias de Aldhelm, um dos primeiros eclesiasticos anglo-saxões que escreveram em latim. Através dos tempos a população local sempre teve o direito de orar em certa parte dos edificios conventuais e, em fins da Idade Média, foi erigida para seu uso uma igreja paroquial em All Hallows.

Mas uma divergência entre o povo e os frades resultou num tumulto e conta-se que um religioso secular de All Hallows disparou uma flecha inflamada contra parte do templo, resultando um incêndio de danos consideráveis. Felizmente procedeu-se a uma restauração e foi construida uma nova igreja no local da antiga.

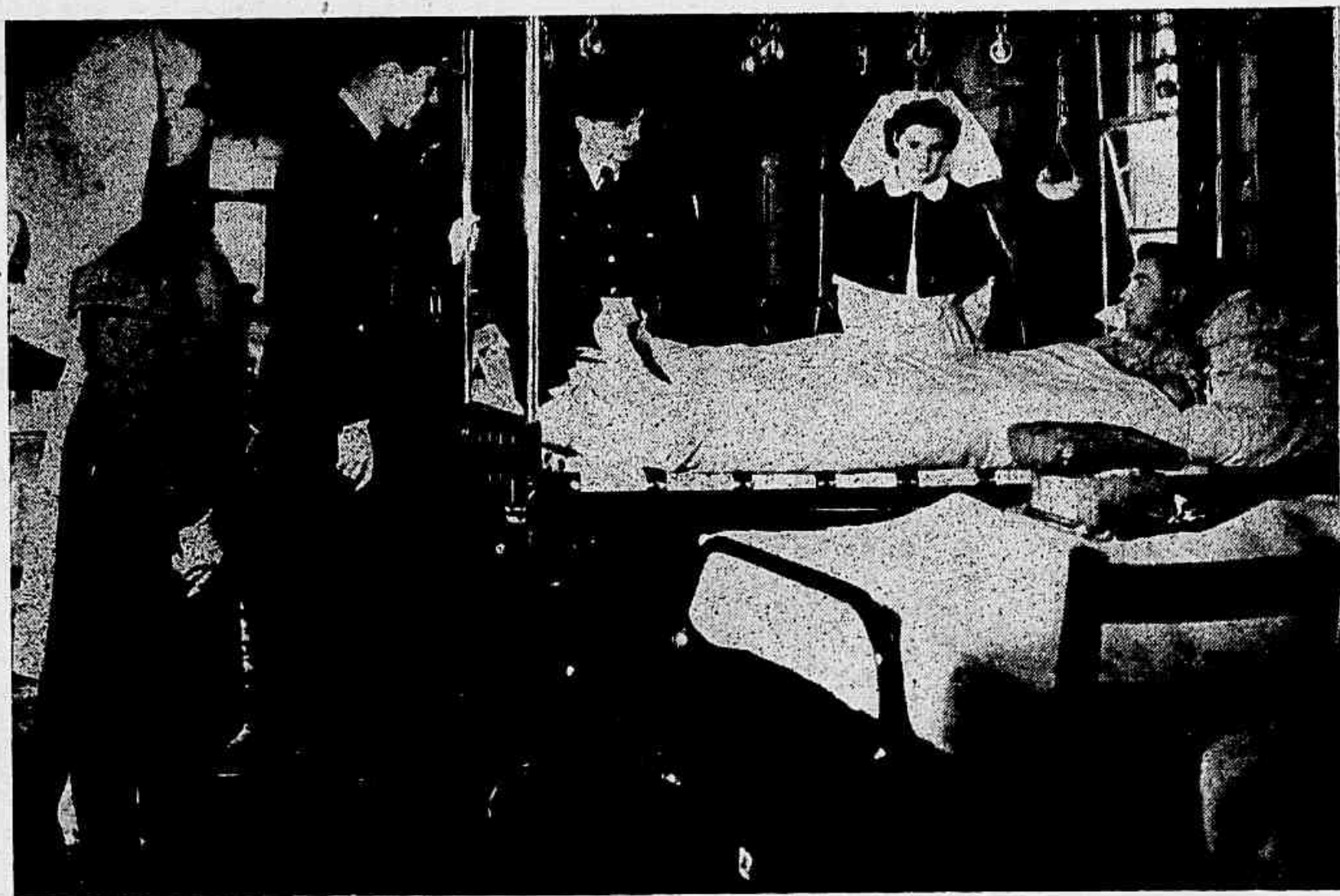
A antiga cidade romana de Bath possui uma igreja abacial, uma fundação beneditina original que, embora muito sofresse em mãos dos seus restauradores ha cerca de dois séculos, ainda sobrevive para lembrar que foi centro de intensa vida religiosa. Enquanto Bath não passou novamente a ser uma famosa cidade de aguas (essas aguas tinham sido descobertas pelo antigo rei britânico Bladud), a sua história esteve grandemente ligada á da Abadia Beneditina fundada no século 10. O fundador da igreja foi o rei Edgar, que a erigiu em 973, e o templo tornou-se tão importante que após a conquista normanda foi sede de um bispado.

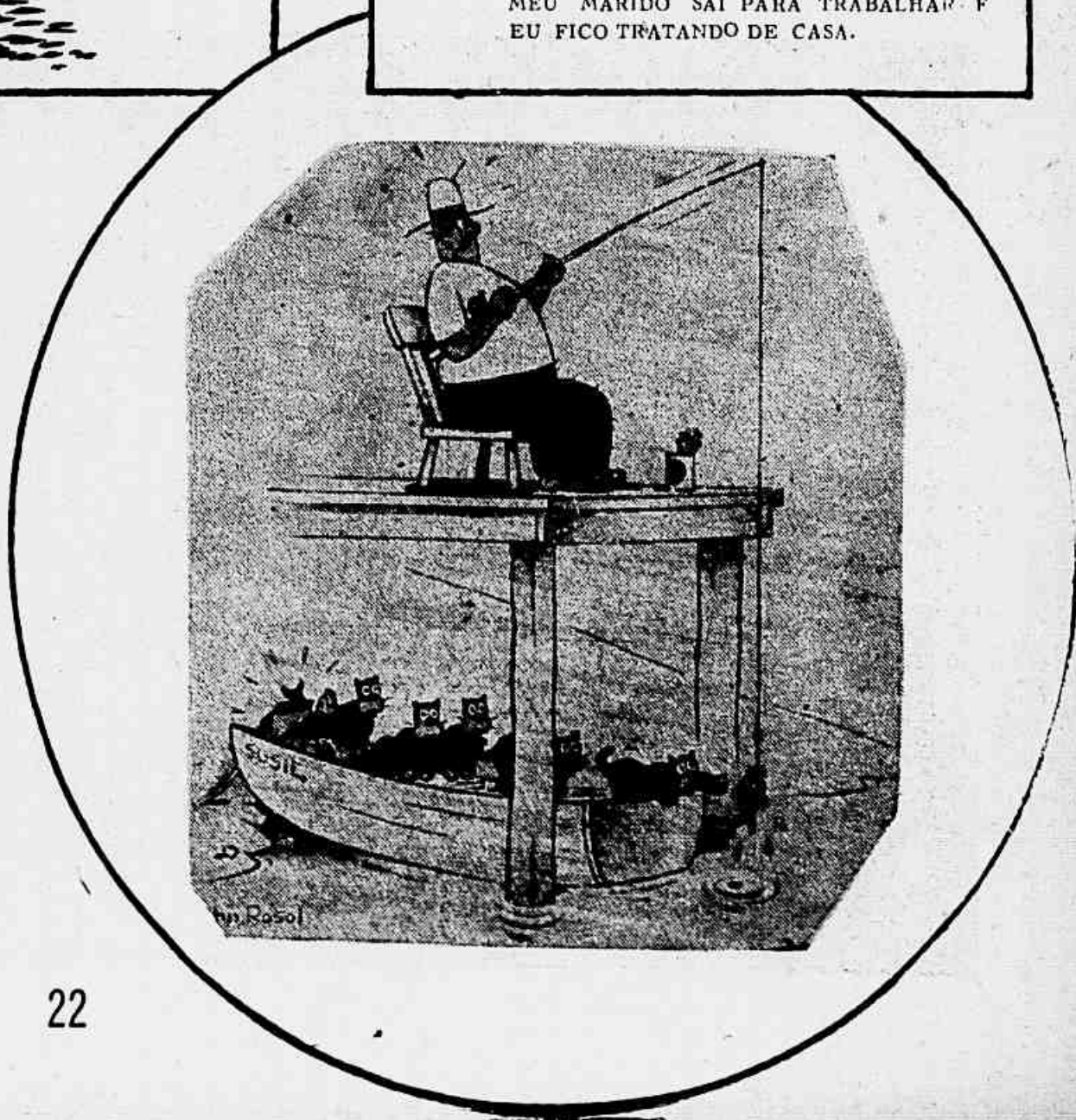
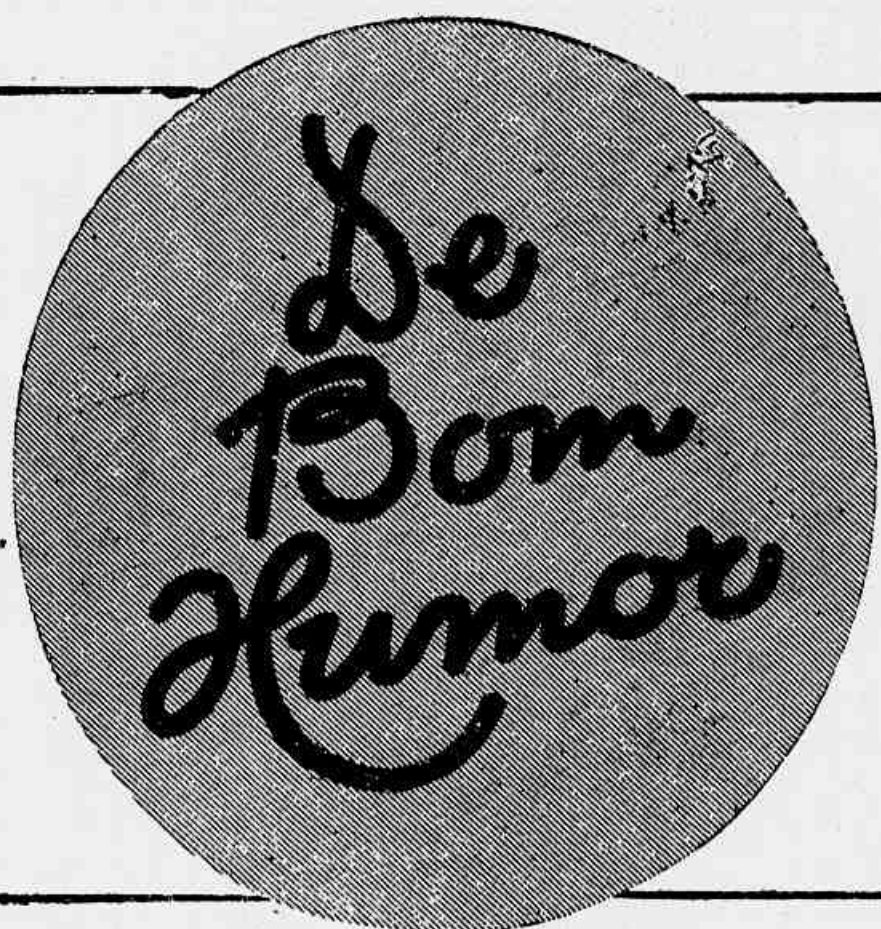
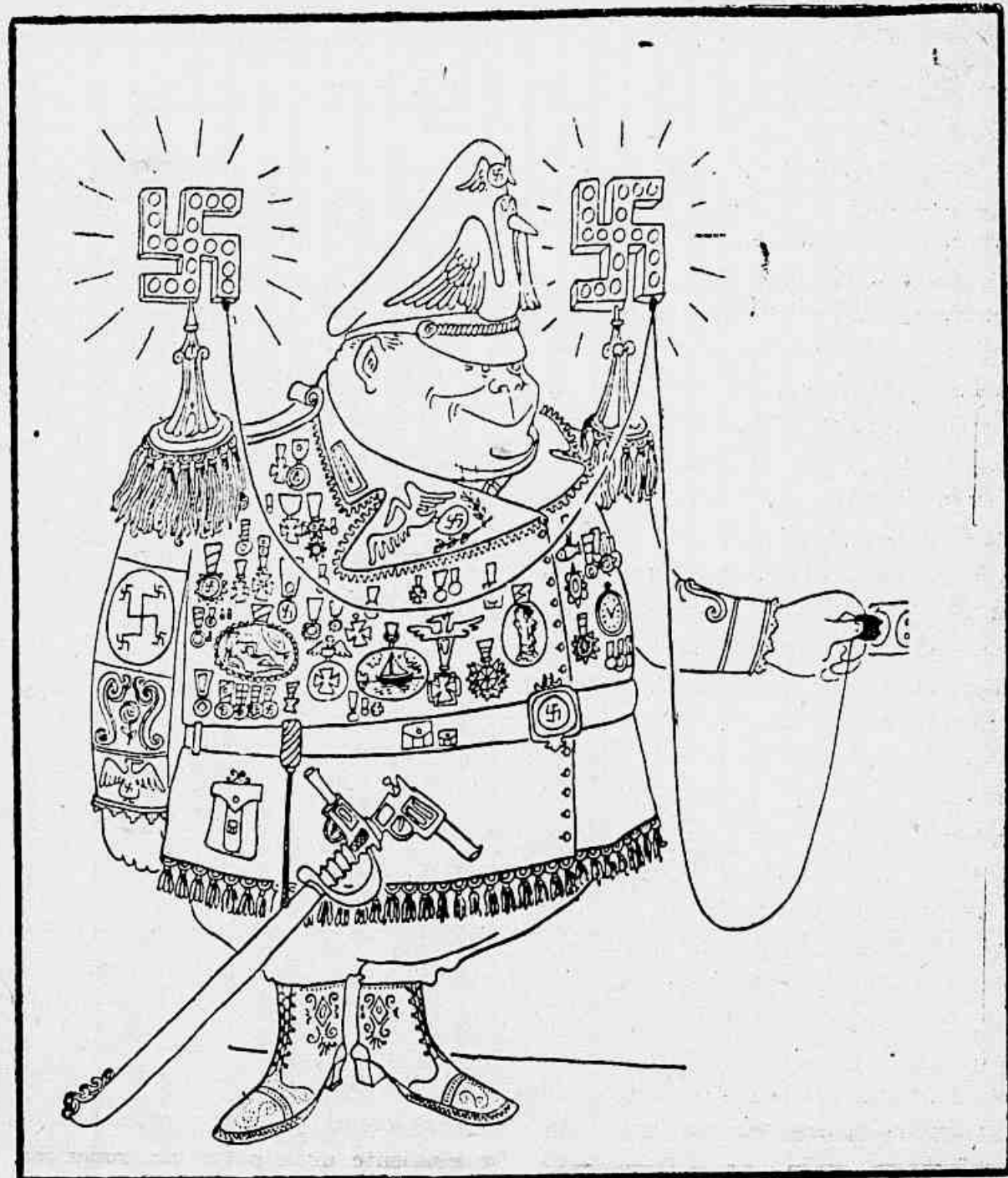
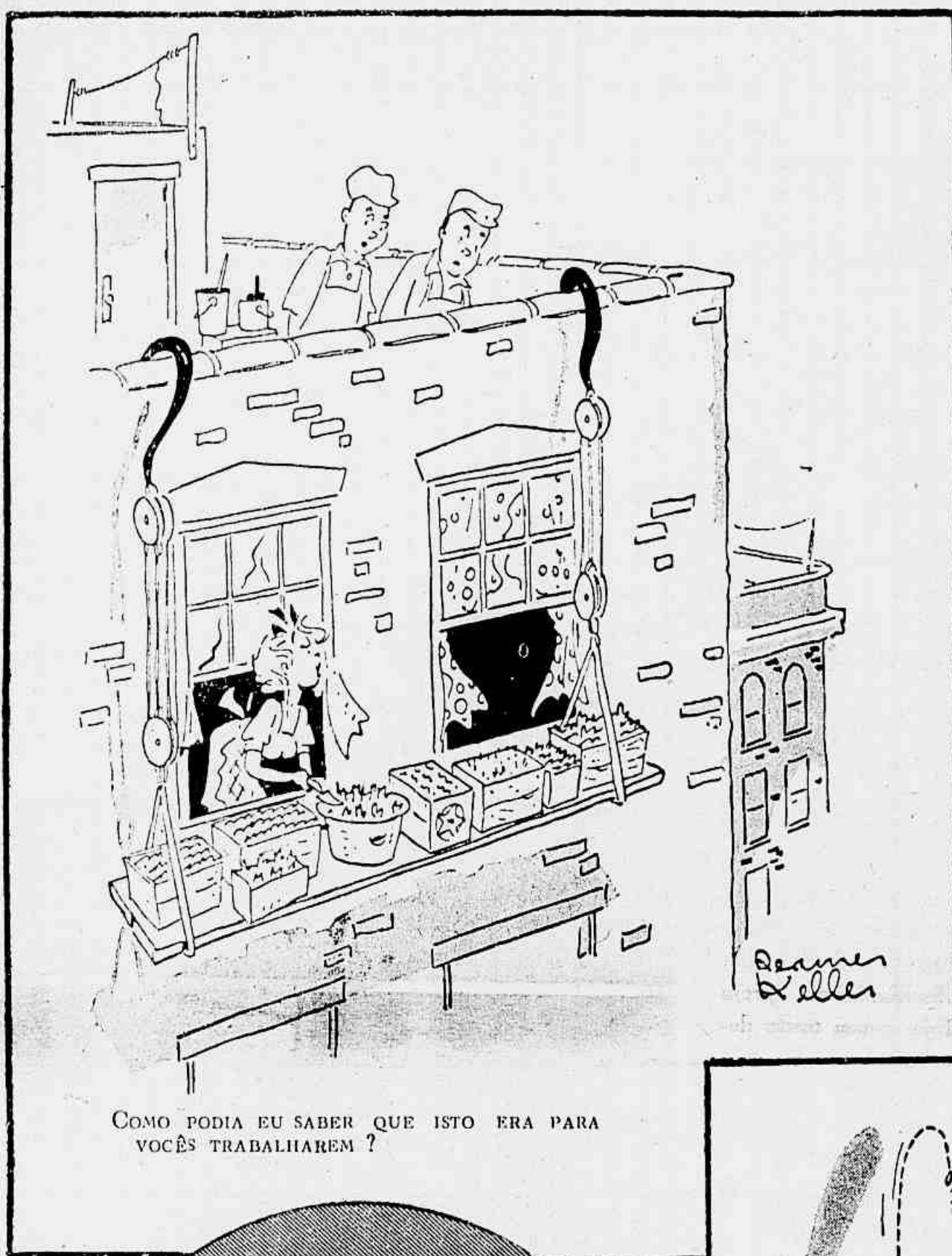
A igreja original foi demolida no século 15 e reconstruida no estilo perpendicular. A nova construção ficou notavel pelo seu grande numero de janelas, o que fez com que viesse a ser conhecida como "Lanterna do Oeste". A nova abadia, terminada na época da Dissolução, ficou de tal maneira ao abandono, depois, que a ala norte tornou-se uma espécie de refugio publico. Mas o século 17 trouxe dias melhores e a igreja toda foi restaurada em 1608 pelo bispo Montague.

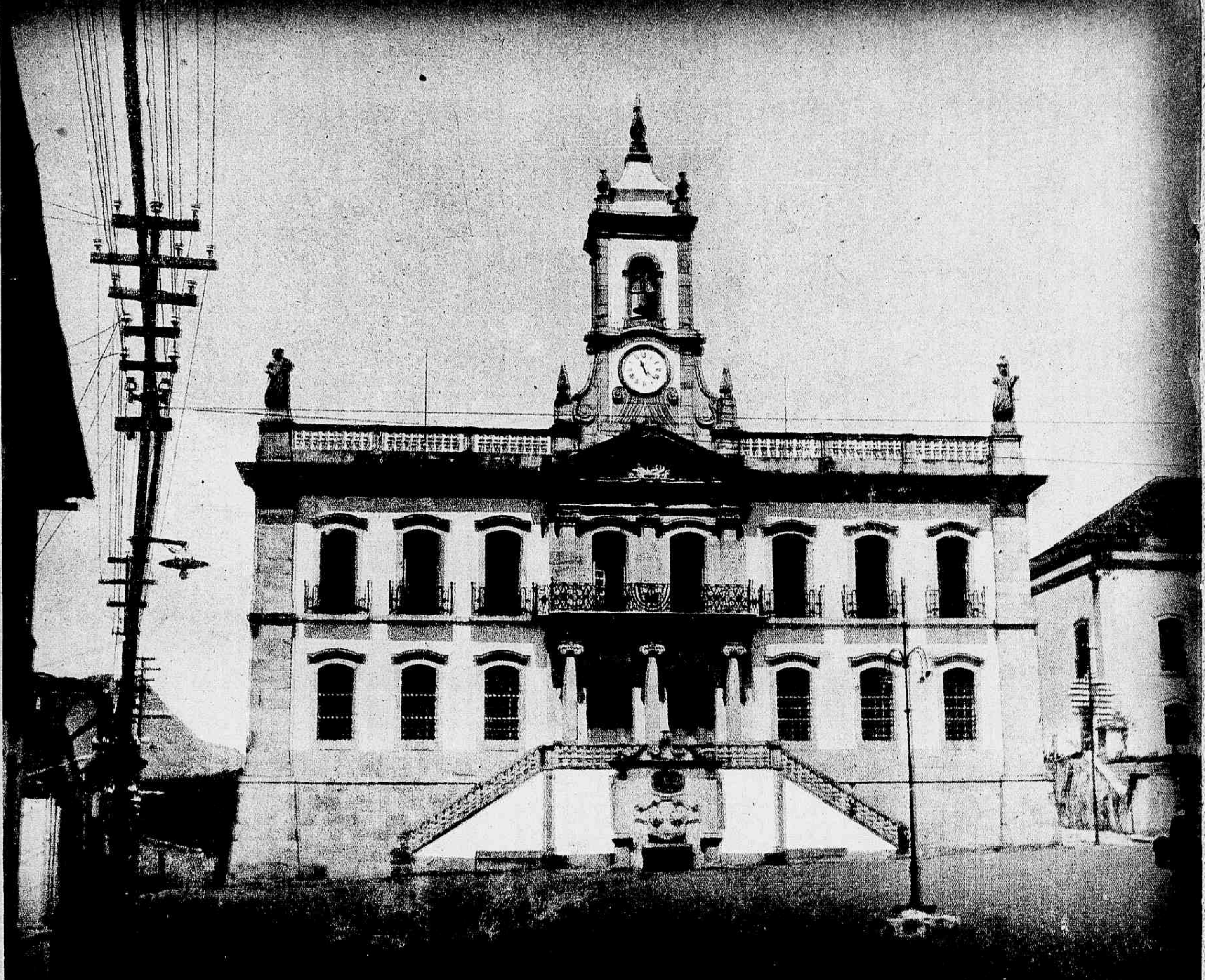
Pershore, no Worcestershire, é muitas vezes chamada "A Abadia Orgulhosa", embora não represente hoje senão uma parte da igreja que media mais de 91 metros de comprimento. Foi ali construido um templo em 689, aproximadamente, submetido a frequentes saques antes de vir a ser uma casa da Ordem Beneditina. A grande igreja começou a ser construida na época dos normandos e somente uma parte da nave foi utilizada como igreja paroquial para o povo de Pershore. Hoje quasi tudo desapareceu, salvo uma torre que conta 600 anos de existência e cujo carrilhão é mundialmente famoso com os seus cinco sinos que tocam um ciclo de toadas, renovadas cada quinze dias.

Falemos agora de Tewkesbury, essa encantadora e pequena cidade das margens do rio Avon, pouco antes deste se unir ao Severn. A história de Tewkesbury deve ser sempre associada á dos seus barões locais, cujos tumulos no recinto da abadia servem de ponto de referencia para a história nacional. Favoritos de má reputação, como Hugh o Gastador, o ignobil amigo de Eduardo II, e homens valentes como Gilbert de Clare, que caiu em Banneckburn, ali estão sepultados, bem como muitos cavaleiros de ambos os partidos, que morreram na batalha de Tewkesbury, na Guerra das Rosas, a 4 de maio de 1471. No fim da ação o rei Eduardo IV perseguiu os seus inimigos até as próprias portas da abadia, onde saiu ao seu encontro um monge com a Hostia, lembrando-lhe o direito de asilo.

Hoje o visitante póde ver um magnífico espécimen do estilo normando, de desenho cruciforme, com as alas reunidas por torres macissas. Muitos dos seus vitrais originais ainda existem, mas a glória principal do edificio é a frente ocidental, onde o amplo arco se estende do sólo até o tecto.







UMA visita a Ouro Preto, no gênero da que acabamos de empreender à cidade que já se converteu em legítimo e precioso monumento do Brasil, não vale apenas por uma lição de história, pondo-nos em contacto com tantas e tão surpreendentes evocações, mas proporciona ainda, o que não é de todo modo desagradável, um mergulho na Posteridade. Três dias de evasão da cidade, além do tempo necessário para a viagem — por sinal que nada confortável — são largamente compensados com o banho de tranquilidade espiritual e de solidão que ali nos espera. Para quem é obrigado a viver em média dezoito horas de cada dia em contacto mais assíduo e dinâmico com a vertiginosidade da grande metrópole, nada mais aconselhável que esta fuga para o longínquo rincão mineiro, onde não existe a convidar-nos apenas a altitude (superior a mil metros), mas também a certeza de que nada nos perturbará o espírito além do mundo de meditações, propício ao estudo das coisas que nos rodeiam e envolvem desde quando saltamos daquele magnífico vagão da Central.

Fosse a viagem mais fácil — o que sem dúvida há de acontecer ao se removerem os impasses oriundos da situação anormal destes dias —, não nos impusessem as duas baldeações da praxe, sendo feita a primeira ainda madrugada escura, e desde que o trem abandona a gare de Pedro II, podíamos admitir, já nos encontraríamos por conta das emoções maravilhosas que Ouro Preto nos concede. Mas ainda assim, obrigados embora à primeira mudança de composição em Lafaiete, por volta das seis e pouco da manhã, tudo é animador. Vamos, enfim, travar relações com a desconhecida Ouro Preto, a centenária Vila Rica dos tempos coloniais e imperiais, a destituída capital mineira de antes de Belo Horizonte, a quem houve por bem legar os seus direitos de metrópole. Ao nosso lado, quando aludimos à excursão promovida pela reportagem da REVISTA DA SEMANA, alguém estranha o adjetivo "desconhecida" em relação a Ouro Preto.

— E como pode ser considerada assim, uma das mais velhas terras do Brasil, testemunha de um fasto histórico sem precedentes, lugar citado e repetido pelos colegiais desde os bancos elementares, com seus monumentos públicos, suas igrejas, seus pórticos,

suas obras coloniais, seus trabalhos pomposos do Aleijadinho, suas reminiscências de Tiradentes tão largamente divulgados?

Talvez tudo isso seja verdade. Ou melhor: não há o mais leve receio de contestação. Fotograficamente, vista à distância, Ouro Preto é das cidades mais divulgadas, portanto mais conhecidas. Resta saber si, vista de perto, ela constitui a reprodução fiel do que estamos habituados a ver em albuns e catálogos, e, o que mais importa, resta saber si Ouro Preto é apenas, o que já não seria pouco, aquele monumento coletivo abrangendo tantas obras de arte — e mais nada. Só para conhecer os doze grandes templos de Ouro Preto e o original dessas soberbas estampas cuja imagem fotográfica nos acompanha desde a infância, é certo que não nos abalaríamos a tão estafante viagem. Claro que do ponto de vista turístico, e principalmente instrutivo, Ouro Preto deve ser conhecida. Mas o repórter não está em nenhum desses momentos, não lhe sobra tempo para a instrução em contacto com as obras de arte coloniais da antiga capital mineira, e muito menos para fazer turismo. Nossa finalidade tem de ser outra, inteiramente diversa. Ela consiste em saber como vem a ser, nos bastidores, a província onde os Inconfidentes se reuniram e traçaram as diretrizes da sua heroica jornada em prol da emancipação do Brasil. Desejamos comemorar o 7 de Setembro homenageando a terra do alferes José Joaquim da Silva Xavier, mas não apenas com a divulgação das clássicas fotografias, as lendárias, de magnífico efeito pictórico é certo, mas já suficientemente repetidas.

Como se vive em Ouro Preto? Que espírito cívico predominará nos seus milhares de habitantes? Há, realmente, vida própria por ali? O patrimônio da cidade estará sendo suficientemente conservado? E além desses pontos clássicos, obrigatoriamente percorridos pelos turistas, além das igrejas e cemitérios, das ladeiras e dos "sete passos" da processão da Quaresma, não haverá nada de novo para trazer ao conhecimento daqueles que não podem, facilmente, abalar-se às dezoito horas de viagem em três sucessivos trens (quando não surge o não menos clássico atraso de qualquer deles, ou de todos três)?

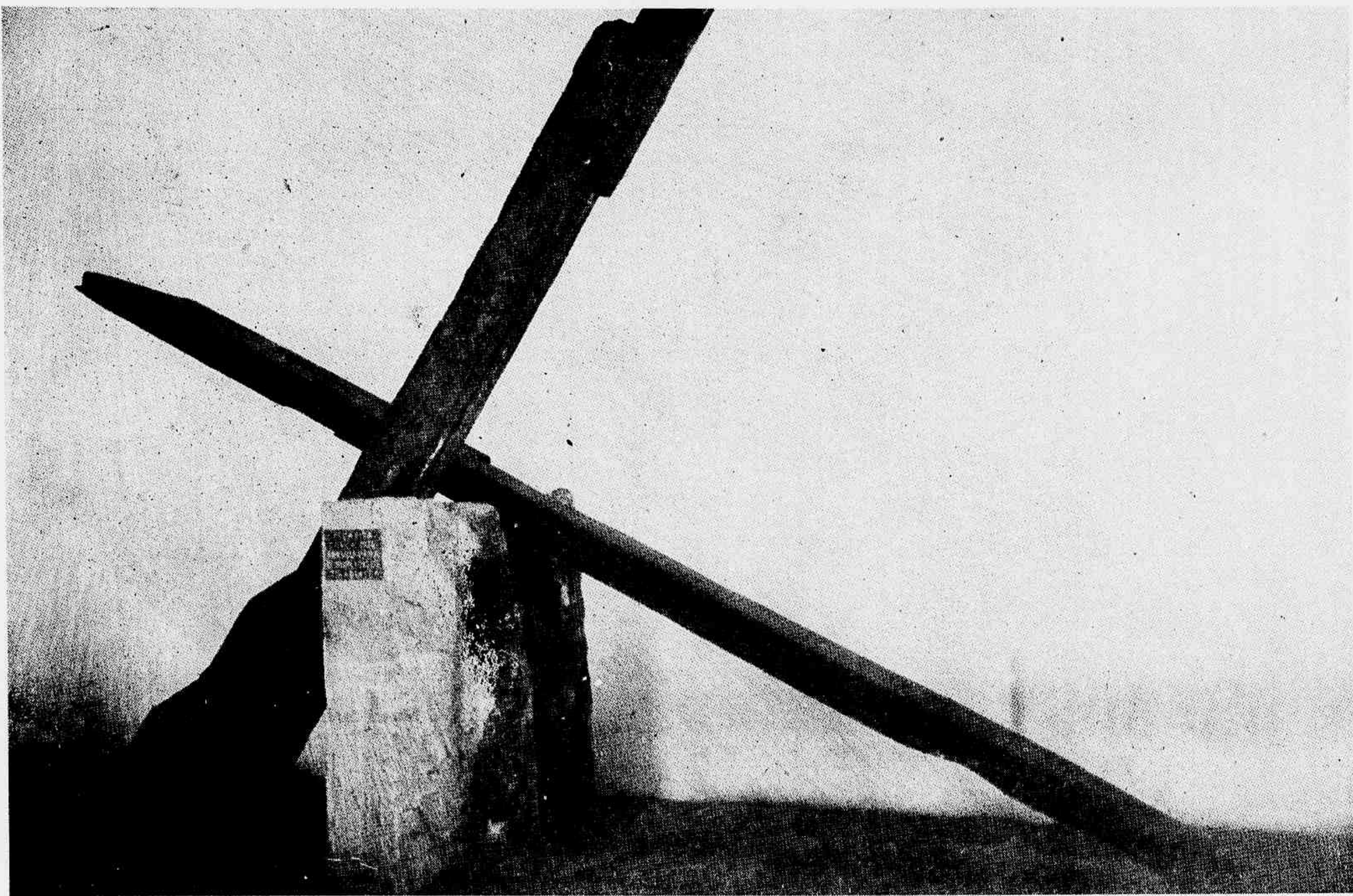
OURO PRETO

A DESCONHECIDA

Reportagem de
CELESTINO SILVEIRA • FOTOS de
ARNALDO VIEIRA







ESTES PEDAÇOS DA FORÇA ONDE FOI SACRIFICADO O ALFERES JOSÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER FORAM CONSERVADOS POR LONGO TEMPO AQUI NO RIO, NO MUSEU NACIONAL. AGORA, COM A INAUGURAÇÃO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, FORAM TRANSPORTADOS PARA OURO PRETO, ONDE REALMENTE DEVEM FIGURAR, JUNTO A TANTOS OUTROS PRECIOSOS DOCUMENTOS DAQUELE MARCO HISTÓRICO BRASILEIRO. LÁ ESTÁ, EM LUGAR DESTACADO, ALVO DA CURIOSIDADE DE QUANTOS VISITAM O PANTHEON, ATESTANDO O GRÁU DE CRUELDADE AO QUAL FOI SUBMETIDO TIRADENTES, O HOMEM QUE PRIMEIRO SE SACRIFICOU PELA EMANCIPAÇÃO DA NOSSA TERRA. OLHOS ÁVIDOS DE CONHECER EM TODAS AS MINÚCIAS O DRAMA DA INCONFIDÊNCIA FIXAM-SE NESSES MADEIROS, IMAGINANDO-SE O QUE FOI A ODISSÉIA DO HERÓICO ALFERES, CUJA GLORIFICAÇÃO AINDA NÃO FOI SUFICIENTEMENTE FEITA AQUI MESMO, NO BRASIL, MAS QUE PRECISA SER TRABALHADA SEMPRE E CADA VÉZ MAIS.

Foi com esse objetivo que nos abalámos, naquele fim de tarde, uma tarde friorenta de Agosto, de sol tépido e preguiçoso, à nossa peregrinação.

Dias antes vinha de inaugurar-se o Museu da Inconfidência, com a presença do ministro Gustavo Capanema. Lá deviam estar aglomerados tantos dos históricos documentos da conspiração de Tiradentes, muitos até então espalhados por diversos pontos do país.

Nosso pensamento recuava na ação do tempo até os dias da meninice, quando nossos maiores nos levavam pela mão ao Museu da Quinta da Boa Vista e ali encontrávamos alguns desses tesouros.

Desembarcar em Ouro Preto, antes de mais nada, constitui um exame de memória. Temos de recordar, por força, o heroico sacrifício de Tiradentes, e, como bons cariocas, essas evocações prendem-se aos lugares aqui do Rio, onde também se viveram os últimos capítulos do imenso drama: o local do Palácio Tiradentes, onde outrora ainda chegámos a ver a cela da velha cadeia na qual o mártir ficara enclausurado até à hora do enforcamento. Os terrenos da Escola Tiradentes, ali na rua Visconde do Rio Branco, terrenos em que teria sido levantada a força, segundo uns, e onde não teria sido levantada, segundo outros. Alguns pedaços dessa força, de velha e pesada madeira, sabiamente resistindo à passagem dos séculos, consciente do peso de sua responsabilidade, apontando aos vindouros o exemplo de abnegação e estoicismo daquele bravo alferes... E outras, e muitas outras recordações que se prendem às primeiras aulas de História. Aqui está à nossa frente o mestre, de rosto apoplético, olhos empapuçados mas bondosos, pesquisando por detrás do pince-nez do qual pende a inefável fita de seda preta:

— Diga, menino: quem foi Tiradentes?

E o aluno, incerto, mesmo indeciso, procurando repetir, linha por linha, as frases do compêndio...

Todo esse mundo de evocações passa e perpassa enquanto o trem desliza por sobre a linha e vai deixar-nos, agora, na estaçãozinha não muito cuidada, o tipo comum da estação de interior.

Viaja conosco uma comitiva de rapazes e moças da Escola Nacional de Belas Artes, chefiada pelo professor Wladimir Alves de Souza. Um grupo que consegue imprimir à

ESTA IMAGEM DE SÃO JORGE FOI ENCOMENDADA A ANTONIO FRANCISCO LISBOA EXATAMENTE QUANDO JOSÉ ROMÃO ACABAVA DE DIRIGIR-LHE "ALGUMAS CHACOTAS", RINDO DEBOCHADAMENTE NO ROSTO DO ARTISTA E CHAMANDO-O "MONSTRO" E "RESTOS HUMANOS". VINGOU-SE O ALEIJADINHO REPRODUZINDO-LHE A MÁSCARA NA PRÓPRIA IMAGEM, MARAVILHOSAMENTE TALHADA EM MADEIRA E TODA MECÂNICA. CHOVERAM OS PEDIDOS PARA QUE SÃO JORGE DEIXASSE DE FIGURAR NA PROCISSÃO, DE NADA ADIANTANDO. E QUASI VILA RICA DESABAVA AO RUMOR DAS GARGALHADAS DO POVO, AO VER MONTADO EM UM CORSEL AUTÊNTICO A IMAGEM COM A CARA DO PERVERSO FIGURÃO... DE QUALQUER MODO, NÃO FÔRA A VINGANÇA DO ALEIJADINHO E JAMAIS TERIA GANHO FOROS DE IMORTALIDADE. NA GRAVURA À DIREITA, A IMAGEM TENDO AO LADO OS APETRECHOS DE MONTARIA.



NA PÁGINA À ESQUERDA, O BUSTO DE SÃO JORGE, OBRA-PRIMA DO INFORTUNADO ARTISTA.



APETRECHOS DE ILUMINAÇÃO DO TEMPO DO IMPÉRIO: LANTERNAS, CANDEIAS, LÂMPEDAS DE QUEROZENE, COM "TORCIDAS" OU DE GAZ, COM AS "CAMISAS INCANDESCENTES". AO FUNDO, UM DETALHE DA ILUMINAÇÃO A ESSE TEMPO USADA NA FACHADA DOS EDIFÍCIOS PÚBLICOS, SISTEMA QUE ATÉ VINTE E POUCOS ANOS PASSADOS AINDA SE ENCONTRAVA EM USO EM ALGUNS BAIRROS AQUI MESMO, NA CAPITAL DA REPÚBLICA. AS ARMAS IMPERIAIS ERAM TRABALHADAS EM TUBOS DE GAZ, PERFURADOS DE TANTOS EM TANTOS CENTÍMETROS, POR ONDE SAÍAM OS PEQUENOS FLOCOS DE LUZ AZULADA, FORMANDO À DISTÂNCIA, EM CONJUNTO, INTERESSANTES EFEITOS LUMINOSOS. OS EDIFÍCIOS DA CENTRAL, DO MINISTÉRIO DA GUERRA, DO TESOURO NA AVENIDA PASSOS, DOS TELEGRAFOS, E TANTOS OUTROS, JÁ DESAPARECIDOS, OFERECIAM ESSE ESPETÁCULO ATÉ O APARECIMENTO DA LUZ ELÉTRICA JÁ NOS PRIMEIROS ANOS DA REPÚBLICA.

última etapa da excursão certo ar de jovialidade e alegria. Ao ruído da locomotiva e das ferragens desconjuntando-se casa-se o das gargalhadas desses moços, futuros pintores, arquitetos e escultores... Estrugem bombas e buscapés que alguns passageiros mais acomodados procuram sufocar com seus protestos. Tudo inutilmente. A viagem, positivamente, tem de ser do barulho...

Comove desembarcar em Ouro Preto. De súbito, como que recortado em cenário de papel

pardo, surge-nos diante dos olhos, à esquerda, a cidade arrancando pela montanha acima, com seus prédios de dois e três andares, todos obedecendo ao mesmo estilo — o colonial. Temos a impressão exata de ser muito familiar à retina aquele conjunto de casas claro-escuras, muitas pintadas de cal razoavelmente branca, outras com o madeirame à mostra qual uma dentadura mal cuidada. Sem dúvida tudo aquilo é igual aos flagrantes do Rio antigo, dos sobradinhos da rua Visconde de Inhauma e Senador Eusebio, que a abertura da avenida Presidente Vargas fez jogar abaixo nestes últimos três anos. Ou

então nossa associação de idéias prende-se às muitas vezes que já nos foi mostrado o panorama de Ouro Preto, com a ribanceira de casas, parecendo quererem despencar-se umas por sobre as outras, em sucessivas filmagens cinematográficas.

— Meu amigo, Ouro Preto tem sido a vítima indefesa de centenas de cinegrafistas — disse-nos um velho morador da cidade. O senhor poderia sugerir, lá no Rio, medidas acatadoras desse patrimônio...

— De que maneira?

— Pleiteando uma lei governamental que impedisse a vinda de alguns operadores cinematográficos com a preocupação única de filmar fachadas de igreja. A impressão que a nossa terra deve oferecer-lhes, lá fora, é a de aldeia de igrejinhas sem mais nada que desvendar aos estranhos... E, creia, essa não é a expressão da verdade...

Claro que não era, como pudemos certificarnos naqueles três dias de subidas e descidas pelas ladeiras e declives. Mas nem tudo poderá ser relatado nesta primeira crônica. Quando muito adiantaremos, nesta altura, que Ouro Preto é diferente, diferentíssima da cidade ultrapiedosa, exclusivamente religiosa e mística que nos sugerem as fotografias sempre iguais. Mas foi tanto o material recolhido pela nossa reportagem nesta excursão, que nos vimos na contingência de dividi-la em três capítulos distintos, a saber:

- 1.º) O Museu da Inconfidência;
- 2.º) Os aspectos pitorescos e desconhecidos de Ouro Preto; e
- 3.º) A conservação do Patrimônio de Ouro Preto.

Temos, assim, que desdobrar em três edições o material substancial aproveitado em nossa excursão. E, sem mais preâmbulos, passemos ao primeiro.

O MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

O centenário casarão da Praça Tiradentes, a bem dizer "o coração da cidade", foi o lugar indicado para a instalação do Museu. O fato

SÃO VÁRIOS OS INSTRUMENTOS DE SUPLÍCIO DO TEMPO DA ESCRAVATURA, CONSERVADOS NO MUSEU. ESTE É UM DOS INÚMEROS TIPOS DE PALMATORIA, "MENINA DOS CINCO OLHOS" — QUE POR SINAL TEM APENAS UM FURO — COM ESPESURA DE SEIS CENTÍMETROS, FEITA DE MADEIRA BEM PEZADA. COM ESSE "APARELHO" COM OU SEM MOTIVO, ERAM OS NEGROS CASTIGADOS ATÉ FICAREM COM A PALMA DA MÃO ENSANGÜENTADA. MAS TAMBÉM OS COLÉGIAS DAQUELE TEMPO, MESMO NAS CIDADES, TRAVAVAM RELAÇÕES COM ESSE INDESEJÁVEL COMPANHEIRO, HOJE REDUZIDO À TRISTE CONDIÇÃO DE RELÍQUIA DE MUSEU.



de ser ele inaugurado justamente na data comemorativa do bi-centenário do nascimento de Tomaz Antonio Gonzaga fez, como então se publicou, avultar de importância e significação esse acontecimento, não só por ser merecida homenagem à memória do poeta e patriota, como ainda porque constituiu um fato destinado a perdurar através dos séculos e a manter vivo o culto do nosso passado.

Mas embora oficialmente procedida a inauguração, não é das coisas mais fáceis cruzar os umbrais do Museu da Inconfidência e ainda menos percorrer-lhe as dependências, salvo dentro do horário restrito previamente estabelecido. O chefe do pessoal afirma-nos ser proibido o ingresso de fotógrafo. E vemo-nos na contingência de apelar para o diretor do Museu, o cónego Joaquim Trindade, a quem vamos encontrar simpático e risonho, ainda em casa, aprestando-se para uma rápida viagem à cidade vizinha de Mariana. E' que o cónego Trindade ali residia, em Mariana, até ser designado para a direção do Museu. E não teve ainda oportunidade de fazer a remoção das suas coisas, residindo por enquanto em casa do vigário Carvalho.

Claro que todos os impasses desaparecem quando o simpático sacerdote vem a conhecer as intenções da reportagem. E não só o portal venerando da antiga cadeia se escancara para a passagem da caravana da REVISTA, como também conseguimos permissão, mesmo àquela hora madrugadora, para nos acompanhar a comitiva dos alunos da Escola Nacional de Belas Artes.

Alguns instantes de palestra com o cónego Trindade põem-nos ao par do que foi de realmente nobre o ato da inauguração. E sabemos, ainda, que está em vias de fundar-se a Sociedade dos Amigos de Ouro Preto, a qual vai pleitear junto ao governo da República uma série de justos favores para a veneranda cidade. Estudos minuciosos serão feitos dos monumentos artísticos ali existentes. Excursões serão promovidas e a mais estrita cooperação será dada ao poder público em todas as medidas de conservação dos monumentos de arte. Pugar-se-á para evitar atentados contra o "fácie" nacional da cidade, além de outras medidas que serão pleiteadas.

Sem dúvida, não é bastante inaugurar um Museu para dentro dele serem recolhidos os tesouros e as relíquias da Inconfidência. Si essas

obras não receberem o amparo assíduo do Estado, a conservação poderá desaparecer de um instante para outro e os prejuízos serão incalculáveis.

A SALA DOS MÁRTIRES

O Panthéon, que vem a ser o próprio Museu, foi instalado para a veneração perpétua dos heróis da Inconfidência. E, de fato, ali vamos encontrar, carinhosamente tratados, todos os documentos, todas as figuras, todos os objetos, enfim, que de algum modo podem prender-se àquela magno acontecimento histórico. Mas a sala dos mártires é a que desde logo mais impressiona o visitante. Já a conformação do prédio, com suas grandes paredes de quinze e vinte palmos de espessura, as lages imensas, sobrepostas, os gradis pesados e fortes — tudo impõe respeito. Respeito e veneração. Ali, porém, naquele recinto mais amplo, tudo é singeleza, simplicidade e por isso mesmo imponência. Os passos do visitante ressoam, espalhando-se o eco até outras dependências vizinhas. A luz é escassa, mal coada pelas portas e janelas. À nossa frente a bandeira da Inconfidência está disposta em lugar de honra, afixada à parede, com a sua legenda heroica, que nos induz a esperar a liberdade, ainda que tarde...

De um lado e de outro do recinto, no solo, as lages com os nomes dos principais inconfidentes. Si nem todos foram recolhidos — pois alguns morreram longe da pátria e de outros os despojos não foram encontrados, começando pelos que teriam pertencido a Tiradentes, cujo corpo foi esquartejado — ainda assim lá se encontram os ossos de vários desses brasileiros destemidos, para quem a emancipação da pátria que os viu nascer estava acima de tudo.

O cónego Trindade acompanha a comitiva de académicos e a reportagem esclarecendo, pontificando, apontando nomes, recordando datas, tudo com simplicidade e doçura, não querendo ensinar mas recordar e, afinal, ensinando muito...

Em uma dependência contígua, chama-nos a atenção para uma placa de bronze e explica o seu significado:

— Vêem esta placa? Existiu, por muitos anos, ali mesmo na praça Tiradentes, junto a um pequeno marco comemorativo. Foi Saldanha da Gama quem o fez colocar, quando ainda

mal se esboçava o surto reabilitador dos Inconfidentes e por isso mesmo faz jus a esse lugar de honra.

E adianta:

— Hoje não há perigo nenhum em render tributo de homenagem à memória destes bravos. Mas em 1867, vinte e dois anos antes da implantação da República, as coisas passavam-se de outro modo. Não esqueçamos: a conspiração de Tiradentes foi o primeiro brado que se ouviu no Brasil em prol da República...

Fixámos o olhar na legenda do bronze. Lá estava:

SEOS
NOMES INFAMADOS
PELO
DESPOTISMO
REHABILITOU-OS A LIBERDADE
E SAGRA-OS ETERNAMENTE
A VENERAÇÃO E RESPEITO
DOS
HOMENS LIVRES
DE
TODAS AS NAÇÕES
ANO DE 1867

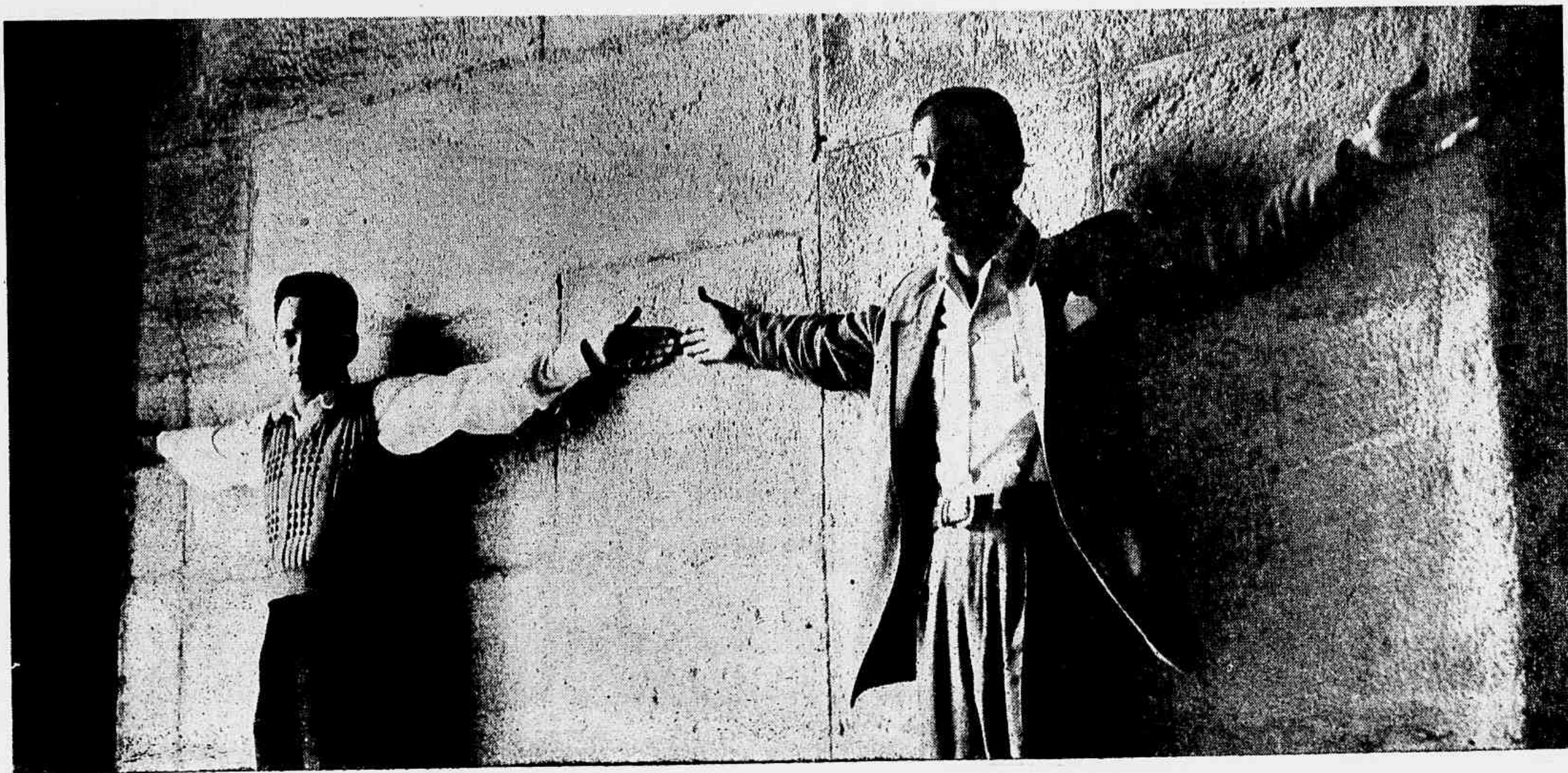
E na parte inferior:

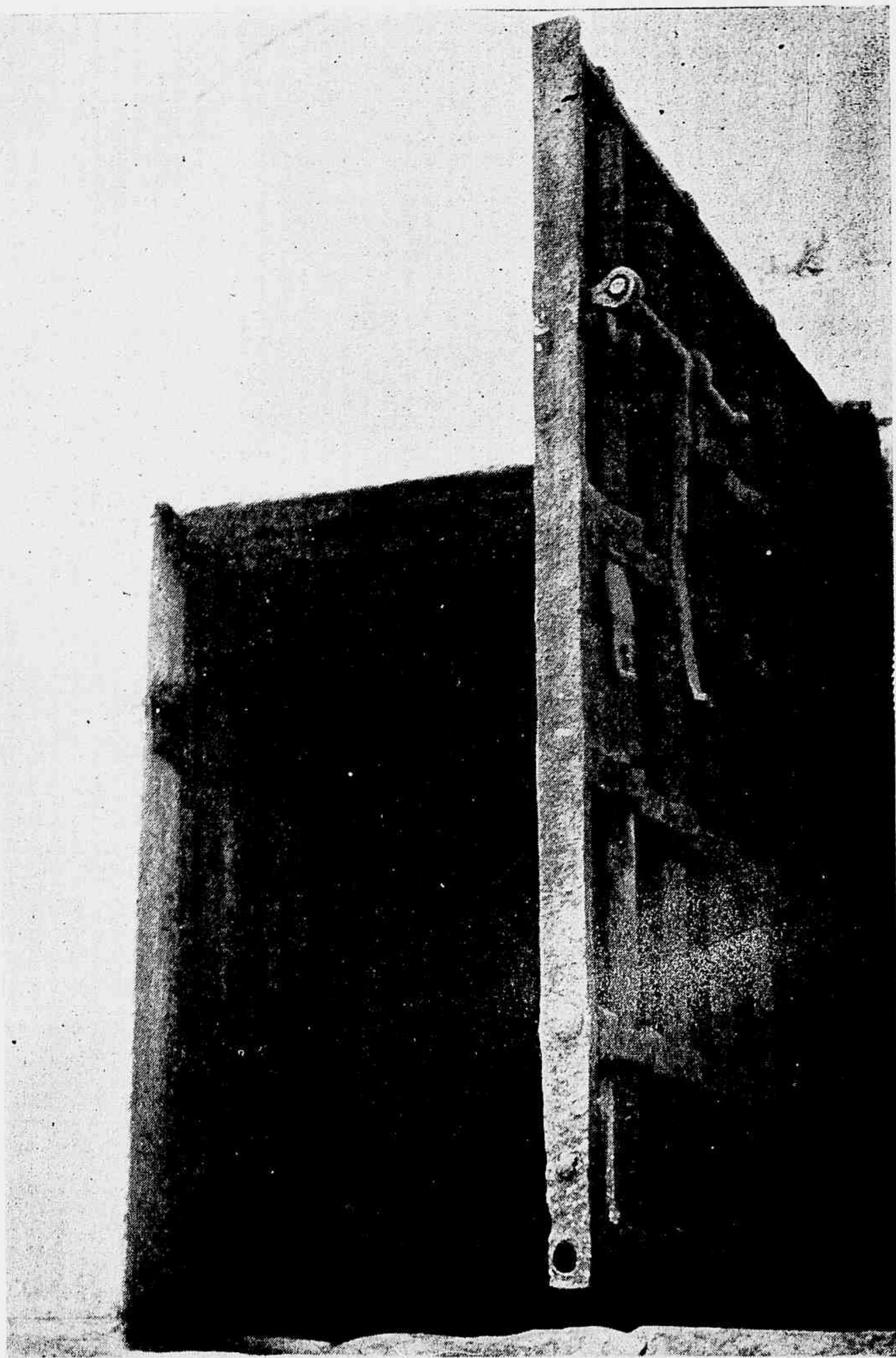
ESTE MONUMENTO FOI ERIGIDO
À CUSTA DE UMA SUBSCRIÇÃO POPULAR
SENDO PRESIDENTE DA PROVINCIA
DE
MINAS GERAES
O CONSELHEIRO
JOAQUIM SALDANHA MARINHO.

No verso uma corôa de louros. Tudo simples, simbólico e atestando o grau de veneração que se nutre em Ouro Preto pelos conspiradores da outrora Vila Rica.

E a peregrinação pelas dependências do Museu vai continuando. Aqui temos, neste pátio, uma solitária em abandono. Até a revolução de 1930, mesmo depois, por ocasião de pequenos movimentos políticos, dezenas de homens eram encafuados, nas trevas, mal alimentados, embora já não sofrendo as torturas dos tempos coloniais. Mas lá encontrámos ainda alguns

DOIS HOMENS DE BRAÇOS ABERTOS NÃO CONSEGUEM ABRANGER POR INTEIRO A ESPESSURA DA GRANDE PAREDE NA ENTRADA DA VELHA CADEIA, HOJE CONVERTIDA NO MUSEU DA INCONFIDENCIA. ONDE OUTRORA SE CONSERVAVAM OS PRESOS DA ANTIGA VILA RICA, EXISTE AGORA O PANTHEON CUJA INAUGURAÇÃO FÊZ-SE SOLENEMENTE, COM A PRESENÇA DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, NO MÊS PASSADO. PAREDES DESSAS PROPORÇÕES NÃO SÃO MAIS FEITAS EM NOSSOS DIAS, ATÉ PORQUE A MÃO DE OBRA ENCARCEU BASTANTE... E OS ESCRAVOS NÃO EXISTEM MAIS... NEM SIQUER EXISTE SUFICIENTE ESPAÇO PARA TAIS PAREDES. ELAS, NO ENTANTO, LÁ SE ENCONTRAM NA VELHA CADEIA, SEM NECESSIDADE DE RESTAURAÇÃO, RESISTINDO À AÇÃO DO TEMPO, SÉCULO APÓS SÉCULO, E TUDO OBEDECENDO AO MAIS RIGOROSO ESTILO COLONIAL. QUANTOS ESCRAVOS, QUANTOS CRIMINOSOS DE OUTRAS ÉRAS, QUANTOS PRESOS POLITICOS TIVERAM DE CRUZAR OS HUMBRAIS DA CADEIA, NÃO RARO PARA NUNCA MAIS SAIREM... VIVOS, PELO MENOS!





A SOLITARIA ERA UMA TENEBROSA MASMORRA, SEM O MENOR CONFORTO NO INTERIOR, HUMIDA E DESAGRADAVEL, ONDE SE ENCLAUSURAVAM NUM REDUZIDO ESPAÇO, DEZENAS DE PRESOS "PARA CASTIGO", E AINDA ASSIM, DEPOIS DE ALGUMAS CHIBATADAS. UMA PESADA PORTA DE FERRO, COM POSSANTES GONZOS E TRANCAS, ISOLAVA ESSES INFELIZES DO MUNDO EXTERIOR. LÁ DENTRO, APENAS AS TREVAS. NA PORTA UM PEQUENO ORIFÍCIO, COM AS DIMENSÕES BASTANTES PARA A PASSAGEM DO PÃO E DE ÁGUA, PARCIMONIOSAMENTE FORNECIDOS. NOTA CURIOSA: ATÉ A REVOLUÇÃO DE 30, AINDA SE GUARDAVAM OS PRESOS NESSE LOCAL. E MESMO DEPOIS DE 30, POR OCASIÃO DE UM MOVIMENTO POLÍTICO MAIS DE QUINZE CULPADOS ALI PASSARAM ALGUMAS NOITES.

dêsses instrumentos de suplício: grossas e ameaçadoras palmatórias, sem serem as "meninas de cinco olhos", pois apresentam apenas um furo; pesadas algêmas prendendo, simultaneamente, pés e mãos, obrigando o supliciado a manter-se estendido no chão com a cabeça quase encostando na ponta dos pés; ferramentas complicadas, algumas ponteagudas, cuja utilidade não devia ser menos tormentosa, e o conhecido "tronco", uma tábua no feito das de passar roupa, com dois grandes orifícios pelos quais atravessa uma corda de grossos nós que prende o castigado pelos rins. Quantos miseráveis escravos não teriam conhecido horas amargas, o corpo ferido e ensanguentado, a garganta ressequida de tanto gritar, os nervos em tensão máxima, abraçados àquêle madeiro, ao tempo que o algoz lhes aplicava as chibatadas do estilo!

Por curiosidade o repórter quer experimentar, não as chibatadas, mas o par de algêmas, desde que nenhum dos presentes se oferece para a pôse. E conhece, por experiência própria, uma pontinha do sofrimento pelo qual teriam passado os algemados de antanho. Quando se levanta das lages frias, nem cinco minutos transcorridos, tem a impressão de haver conhecido não apenas a experiência, mas a realidade da tortura. Três minutos de algêmas, naquela posição incômoda e forçada, pareceram três ou quatro horas.

COISAS DOS REISADOS

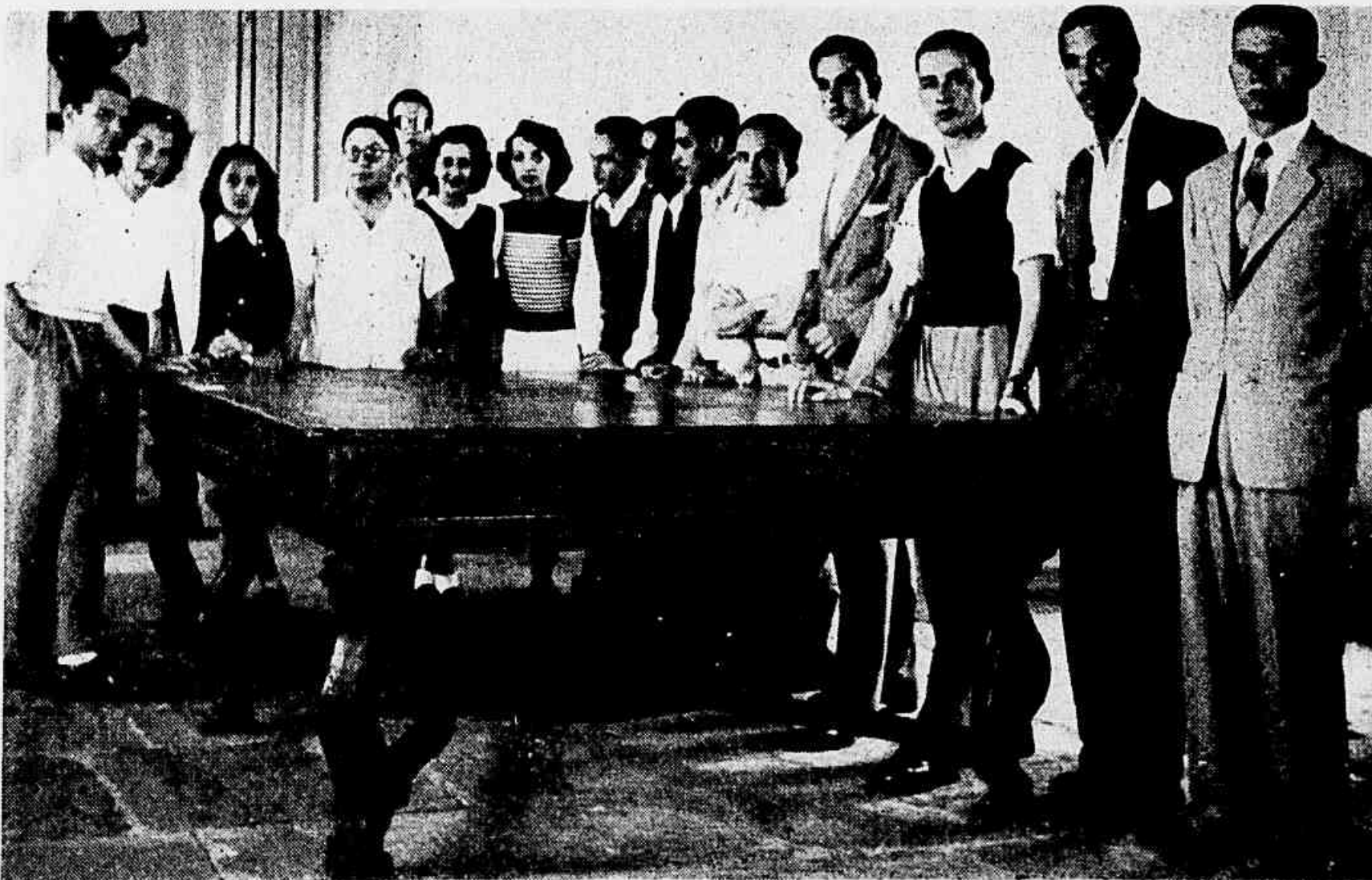
Naquela sala de vistosas librés, uma casaca talhada em côres mais vistosas atrainos a curiosidade. Dá precisamente a idéia de uma fantasia carnavalesca, embora o mais irreverente dos alunos da Escola Nacional de Belas Artes, que nos acompanha, insista em convencer-nos ser, na realidade, um uniforme-moço da Academia de Letras...

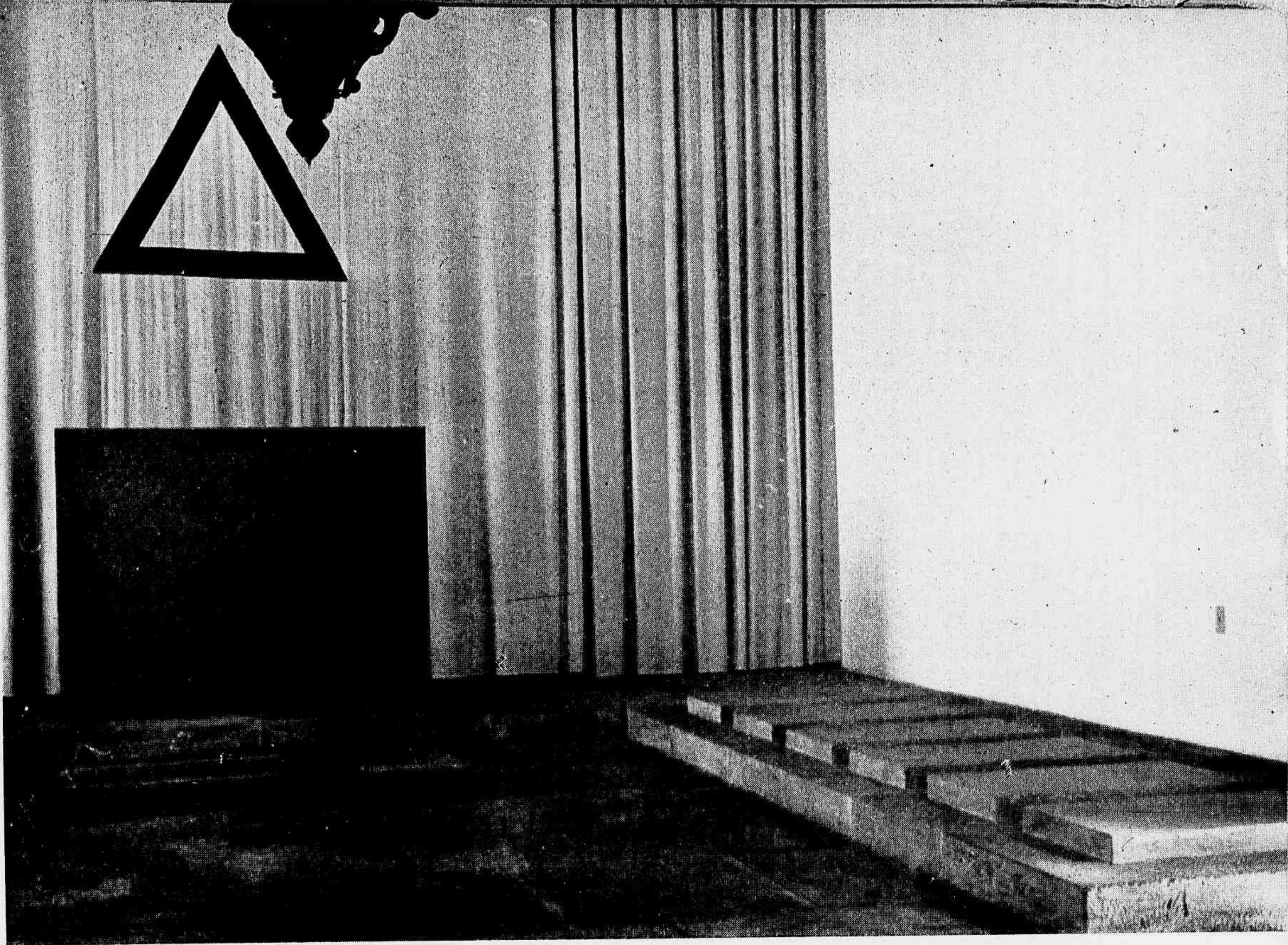
Naturalmente a *blague* provoca o bom humor coletivo. Mas a explicação, quanto à fantasia, não tarda. Essa é a roupa especial com que o Rei das Congadas, o Chico Rei Preto, se ostentava, imponente e cheio de empáfia, no desfile das procissões durante a Semana Santa. E ali ao lado, pendurado no teto da sala, parece querer despencar-se por sobre as nossas cabeças o guarda-sol não menos imponente sob o qual o ilustre personagem atravessava as ruazinhas tortuosas de Ouro Preto.

De fato, com as levas de escravos que os portugueses importavam da África para o Brasil, vinham frequentemente alguns pretos de alta nobreza entre os de sua estirpe. Estes, em aqui chegando, precisavam destacar-se da plebe e criavam o seu reinado, não reconhecido pelos brancos mas prestigiado pela veneração e o respeito de seus iguais. Chico Rei Preto foi o mais popular soberano preto daquelas imediações. Envergando a libré escarlate, de largos enfeites amarelos, verdes e azuis, que ali estava à nossa frente, cabriolava pelas ladeiras acompanhado do seu séquito, mas sem se desviar do guarda-sol enorme, também recolhido ao Museu.

— E aquela outra libré, miniatura da do Chico Rei Preto?

ESTA É A MESA QUE SERVIU PARA OS INCONFIDENTES SE REUNIREM MUITAS VEZES, ORA SENTADOS EM VOLTA A ESSA MESA, QUE OS CONSPIRADORES, O ALFERES À FRENTE, TRAÇAVAM OS PLANOS PARA LEVAR AVANTE O SEU IDEAL DE LUTA EM PROL DA LIBERTAÇÃO DA PÁTRIA. HORAS E HORAS, PELA CALADA DA NOITE, OS MARTÍRES DA INCONFIDÊNCIA DISCUTIAM E CONFABULAVAM. ESSA MESA HISTÓRICA, TESTEMUNHA DE TANTOS E DENODADOS ESFORÇOS, É CONSERVADA COM TODO O CERVELO. DE RESTO, ESTÁ CONSERVADÍSSIMA, EMBORA TENDO QUASE DOIS SÉCULOS. OS ACADEMICOS QUE NOS ACOMPANHAVAM EM NOSSA PEREGRINAÇÃO, ENTRE OS QUAIS FIGURAVA UM SOBRINHO DO NOSSO VELHO COLABORADOR ESCRAGNOLE DORIA, MEDITAM NO VALOR DESSA INESTIMÁVEL RELÍQUIA HISTÓRICA BRASILEIRA.





— Pertencia ao negrinho da Congada... o Príncipe, naturalmente — continua esclarecendo o cónego Trindade.

Reisados... Congadas... Congo... África... Pretos... Escravidão... Tempos da Colônia... Como todo êsse "material", depois de tão grande salto na ação do tempo, ganha fumaças de poesia e sentimentalismo! Mas outrora tudo devia ser muito menos poético. Os negros, pelo menos, não poderiam sorver a mais leve parcela de sentimentalismo, pensando no "tronco" e no látego do feitor da fazenda...

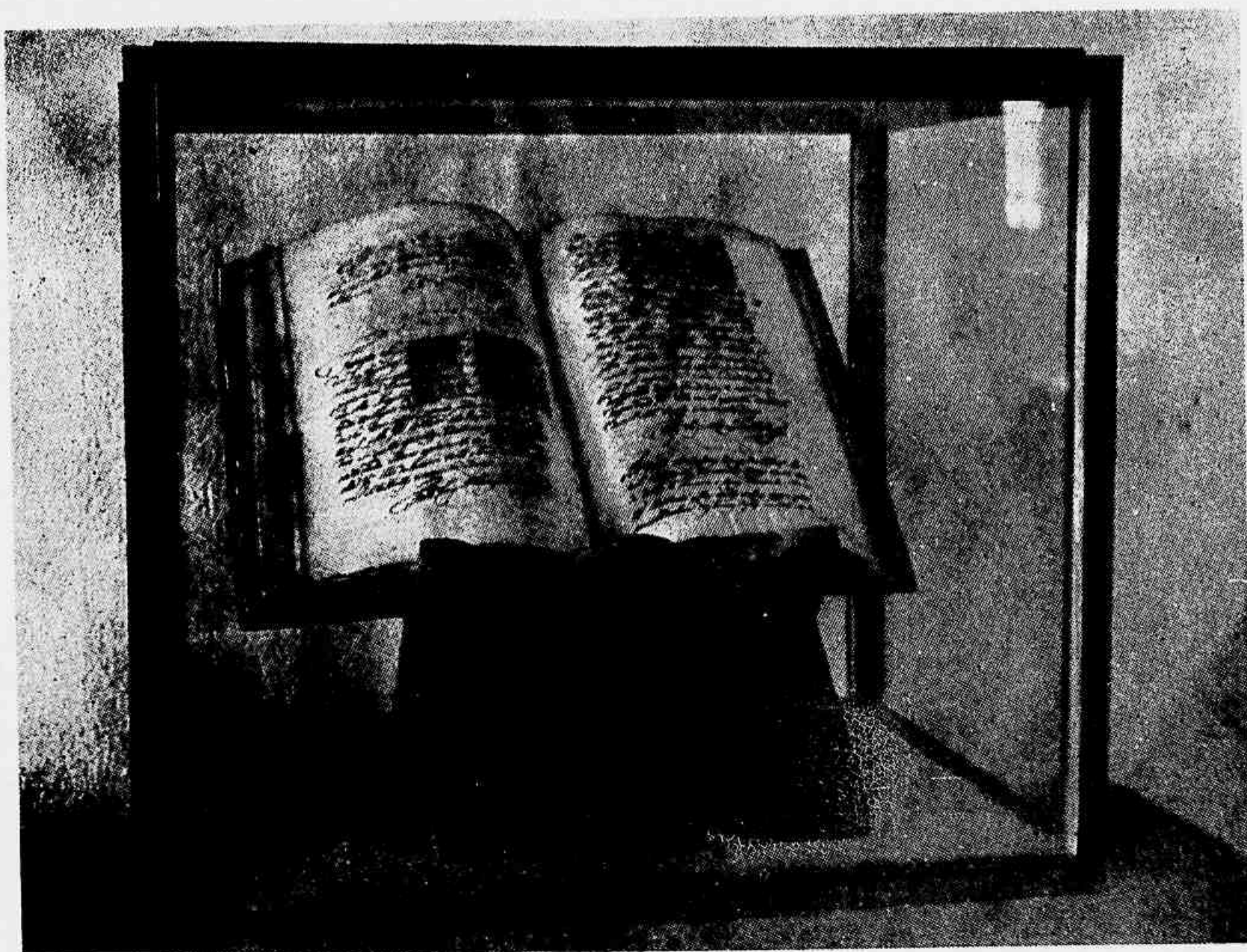
ONDE O ALEIJADINHO FAZ SUA PRIMEIRA APARIÇÃO

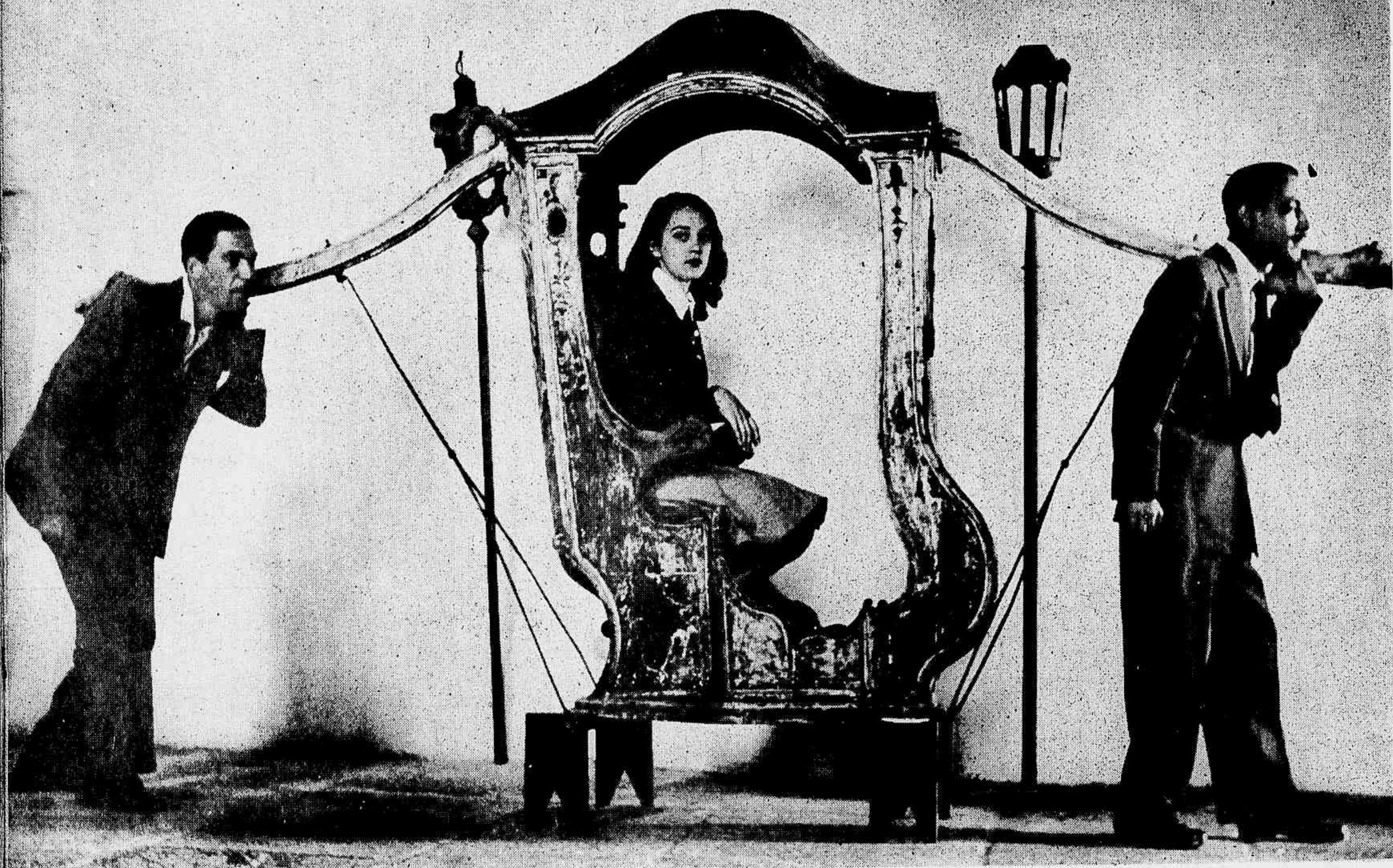
Ouro Preto, inclusive o Museu, não pode fugir à fatalidade de seus três grandes assuntos: Tiradentes, Religião e o Aleijadinho. Por mais que se busquem e rebusquem outros temas (e eles existem profusamente) de um modo ou de outro relacionam-se com as obras de José Francisco Lisboa, as igrejas coloniais e os episódios ligados à causa da Inconfidência. Aleijadinho não morreu nem morrerá tão cedo, enquanto perdurarem as centenas de obras de escultura, de pintura, os painéis, os trabalhos em "pedra-sabão", os altares, os nichos, os púlpitos, os murais de igreja, os *croquis* e as iluminuras distribuídas pelas muitas cidades e inúmeros logarejos onde ele viveu. Nem tudo quanto se atribui ao grande morfético foi realmente por ele produzido, mas grande parte. Do contrário, e por maior a presteza com que desse conta de suas obras, duzentos anos não seriam bastantes para legar à posteridade tudo quanto lhe está sendo atribuído.

Mas em Ouro Preto não há necessidade de falsificar as obras desse artista, tantas são as que ali encontramos, autênticas a mais não poder, documentadas pelos apontamentos, os recibos, os alfarrábios que mãos hábeis e espíritos atila-

IMPRESSONANTE, AUSTÉRA E GRAVE PELA IMPONENTE SIMPLICIDADE QUE OFERECE, A GRANDE SALA SERVINDO DE PANTHEON. ALI ESTÃO RECOLHIDOS, AGORA, OS DESPOJOS DA MAIORIA DOS GRANDES MARTIRES DA INCONFIDENCIA, SINGELAMENTE COBERTOS POR UMA LAGE SOBRE A QUAL FORAM APOSTOS OS RESPECTIVOS NOMES. NEM TODOS PUDEAM ENCONTRAR-SE, MAS OS PRINCIPAIS ALI DESCANSAM. AO FUNDO, UMA PLACA DE BRONZE APONTA AOS VISITANTES OS NOMES DE QUANTOS DERAM A SUA PARCELA DE SACRIFICIO NA NOBRE CAUSA. E OS VISITANTES, PISANDO AQUELE AUSTERO LAGÉDO FALAM POUCO E PENSAM MUITO. HA QUALQUER COISA DE MISTICO NO AMBIENTE. O ESPIRITO DE BRASILIDADE TANGE-NOS AS RECORDAÇÕES — E TEMOS, POR FORÇA, QUE CURVAR-NOS, REVERENTES, ANTE A MEMORIA DOS QUE DERRAMARAM O SANGUE PARA ARRANCAR A PATRIA AO DOMINIO ESTRANGEIRO.

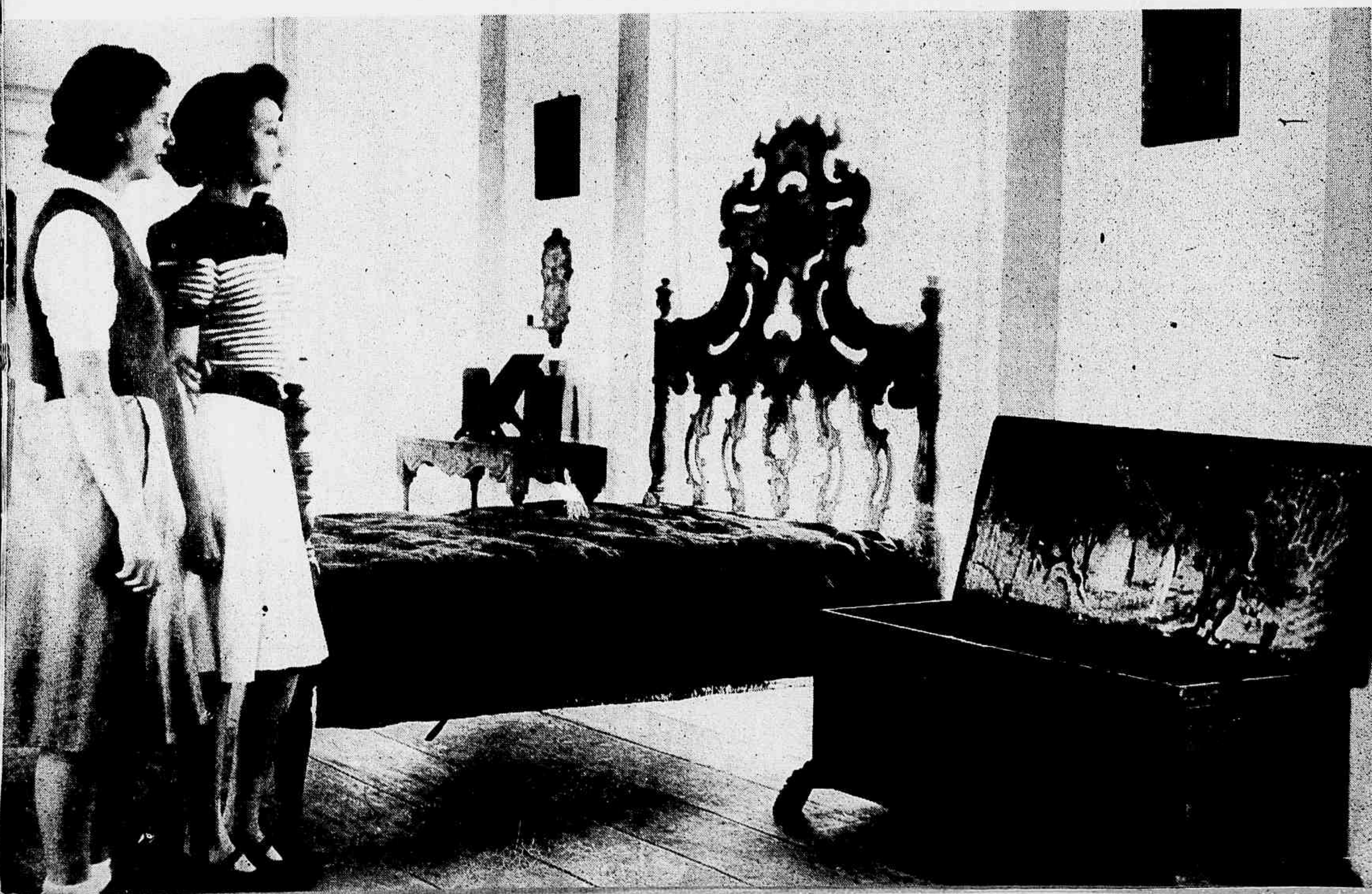
A SENTENÇA DE MORTE DO ALFERES JOSÉ JOAQUIM DA SILVA XAVIER, O TIRADENTES, AQUI SE ENCONTRA. O LIVRO ESTÁ ABERTO PRECISAMENTE NAS PÁGINAS QUE REFLETEM O ESPIRITO DA ÉPOCA. TIRADENTES DEVERIA SER ENFORCADO E ESQUARTEJADO... A CABEÇA SERIA PENDURADA EM UM POSTE... A PRÓPRIA CASA ONDE HAVIA MORADO, SERIA — COMO REALMENTE FOI — DESTRUIDA PELO FOGO... E O SOLO ONDE EXISTIRA ESSA CASA, CONVENIENTEMENTE SALGADO, PARA NUNCA MAIS DA TERRA BROTAR COISA ALGUMA... EM UMA PAREDE FRONTEIRA, VÊ-SE A REPRODUÇÃO DA SENTENÇA, FOTOGRAFADA DAS PÁGINAS DO LIVRO, EM PROPORÇÕES MUITO MAIORES. COMO SOFRIAM OS BRASILEIROS DO SÉCULO DEZOITO PELO "FEIO CRIME" DE SONHAR COM A EMANCIPAÇÃO DA TERRA ONDE HAVIAM NASCIDO!





AS MOÇAS ELEGANTES — E RICAS — DAQUÊLE TEMPO VIAJAVAM ASSIM, CONFORTAVELMENTE SENTADAS NESSAS LITEIRAS, COM ASSENTOS DE VELUDO CARMEZIM, UMAS ABERTAS, OUTRAS INTEIRAMENTE CERRADAS, TALVEZ PARA NÃO SEREM VISTAS POR MUITOS OLHOS MASCULINOS... PORQUE OS PAIS E MARIDOS ÉRAM PREVIDENTES — E CIUMENTOS TAMBÉM! DOIS VIGOROSOS ESCRAVOS INCUMBIA-SE DO TRANSPORTE DE HOMBRO SOB OS VARAIS, COMO SE VÊ NA GRAVURA. DOIS ALUNOS DA ESCOLA DE BELAS ARTES, DA COMITIVA QUE ENCONTRÁMOS EM OURO PRETO, GENTILMENTE SE PRONTIFICARAM A POSAR, COMO SI FOSSEM CONDUZIR ESSA BRASILEIRINHA QUE NÃO NASCEU NO TEMPO DO IMPÉRIO E SIM HOJE, POIS NA REALIDADE É TAMBÉM ALUNA DA ESCOLA, CONDÍSCIPULA DOS PRESTATIVOS CAVALHEIROS. AO FUNDO, DO'S LAMPEÕES QUE OUTROS ESCRAVOS LEVAVAM, ACOMPANHANDO O GRUPO. QUANDO AS EXCURSÕES SE ESTENDIAM PELA TARDE TODA, ENTRANDO PELA NOITE A DENTRO. NÃO HAVIA ILUMINAÇÃO, É CLARO!

AS MENINAS-MOÇAS PENSAVAM NO CASAMENTO DESDE A INFÂNCIA. E GANHAVAM, AO COMPLETAR DEZ OU ONZE ANOS, O SEU QUARTO DE NOIVA, MESMO SEM TEREM ELEITO AINDA PARA O MATRIMÔNIO. DA MOBÍLIA, PARTICIPAVA A ARCA DESTINADA AO ENXOVAL, ESSA QUE VÊ EM BAIXO, AO LADO DO CAMA DE SOLTEIRA. NESSA ARCA IA-SE GUARDANDO, POUCO A POUCO, ANO APÓS ANO, PEÇA POR PEÇA, O ENXOVAL DA FUTURA NOIVINHA. E QUANDO AS BODAS SE REALISAVAM, TUDO ERA MAIS RÁPIDO. FECHAVA-SE A ARCA E LEVAVA-SE NA COMITIVA DOS NOIVOS, NA VIAGEM DA LUA-DE-MEL. QUANTAS MAMÃESINHAS DOS AUREOS DIAS IMPERIAIS NÃO TERIAM REPETIDO A FAÇANHA NESSOS MESMOS MOVEIS, QUE AGORA VAMOS ENCONTRAR NO MUSEU DE OURO PRETO! E QUE PENSAMENTOS ESTARÃO ATRAVESSANDO PELAS CABECINHAS DESSAS DUAS ALUNAS DA ESCOLA DE BELAS ARTES, PERCORRENDO AS SALAS DO MUSEU E DEPARANDO COM SEMELHANTES REMINISCÊNCIAS DE SEUS ANTEPASSADOS!



Assim viajavam as brasileiras do tempo do Império. Hoje, essa liteira repousa em uma sala do Museu. Si ela falasse, que impressão nos relataria ao ser ocupada pela brasileira de 44 ?



dos vão arrancar aos arquivos, escaninhos e gavetas bolorentos da cidade. Há no Museu uma sala inteira dedicada ao Aleijadinho e não queremos reproduzir, peça por peça, os objetos de arte que ali nos deslumbraram. Um livro de apontamentos de certa igreja local mostra-nos que José Francisco Lisboa recebeu a importante quantia de "quatorze mil e quatrocentos réis" pelo trabalho de imaginar, fazer o *croquis* e realizar um frontal todo em "pedra-sabão", hoje ali existente em perfeito estado de conservação. Vários manuscritos demonstram a dificuldade com que o artista estaria assinando os seus recibos. À medida que as datas vão se sucedendo a grafia é mais e mais incerta, a letra é, por fim, quase um rabisco incompreensível.

— E não existe quem ponha em dúvida a autenticidade destes documentos? — indagámos do cônego Trindade.

Ele sorri:

— Existe mesmo quem duvide da existência do Aleijadinho, enquanto outros não querem reconhecer-lhe nenhuma dose de senso artístico.

Recentemente, a aparição de um livro no qual essa tese era defendida e assinado por um escritor sobejamente conhecido em Ouro Preto, magoou bastante a população. Não encontramos uma voz discordante:

— Como poderiam iludir-se durante quase dois séculos tantas e tão estudiosas personalidades? — diziam-nos. Existe, por aqui, quem viva exclusivamente para a devassa dos arquivos de igreja, com tempo bastante para o esclarecimento da mais leve dúvida. Pois bem. Até hoje tudo tem provado e comprovado o gênio do Aleijadinho. Ele não era apenas o executor de *croquis* traçados por terceiros, de maneira alguma! e ainda que fôsse apenas o executor, que maravilhoso artista já não seria!

Na sala do Aleijadinho, dentro do Museu,

reproduziram-se em tamanho natural dois púlpitos por ele trabalhados em certa igreja de Mariana. Certamente, foram envernizados há bem pouco tempo. As cores estão vivas, fortes, limpas. A obra é perfeita e deslumbrante. Nesses dois cantos da dependência é tudo como si o próprio José Francisco Lisboa acabasse, momentos antes, a sua tarefa e se deixasse transportar na cadeirinha pelos dois escravos...

— Os senhores sabem — adianta o cônego Trindade — Aleijadinho sofria barbaramente com a progressão da doença. Por fim, passava pelas ruas conduzido na liteira de cortinas pretas arriadas. Espiava pela fresta. Não falava a pessoa alguma, não aparecia a ninguém. Mas si passava perto alguém que lhe interessasse, um de seus poucos amigos, escancarava a cortina, chamava-o e conversava como poucos. É, pelo menos, o que rezam as crônicas...

C "CASO" DE ZÉ SIMÃO

Aquela imagem de São Jorge, em tamanho natural, é outro forte atrativo dessa sala. Tallhada em madeira, coberta com roupas de seda em cores vivas, é, na verdade, um soberbo trabalho de escultura. Mas o que mais empolga é a face. Que olhos perscrutadores e vivos! Que nariz bem delineado, que expressão vincada com acerto e justeza! Positivamente o modelo desse São Jorge existiu. Não terá sido apenas uma concepção do artista.

E relatam-nos o episódio:

Estava o artista com a enfermidade avançada, quando lhe encomendaram aquela imagem para a procissão da Quaresma. Zé Simão, um "maioral" do tempo, vendo-o pela primeira vez não pôde conter o riso. Escancarou as mandíbulas e gargalhou a mais não poder... Mas que demônio de aleijado divertido era aquele, se-

nhores! Que tipo mais cômico! Sim, era um monstro, um completo monstro... E como poderia sair obra que prestasse, de um tão estranho indivíduo: sem mãos, só com os côtos aos quais se prendiam os apetrechos de escultura ou de pintura!

O Aleijadinho não gostou. Interiormente revoltou-se e jurou vingar-se, sem dizer nada a ninguém. Meteu-se no seu atelier, burilou a madeira, fez a imagem e... reproduziu o rosto insólito do seu ofensor. Dias antes da procissão sair foram visitar-lhe o trabalho. E essa! Era o Zé Simão, sem tirar nem pôr... O mesmo olhar ríspido e tirano, o mesmo ar secarrão... Mas que perfídia "seu" Lisboa! Positivamente, isso não se faz... E só por isso, estava claro, a imagem de São Jorge não poderia desfilar pelas ladeiras de Ouro Preto...

Mas o escultor fez pé firme. E porque tinha influência, porque o seu trabalho estava perfeito, venceu. No dia aprazado a cidade inteira divertia-se, gargalhava, por sua vez, assistindo ao desfile de São Jorge montado num corcel legítimo, sob o vozerio estridente da garotada...

— Olhem... Lá vai o Zé Simão... E' o Zé Simão, não há dúvida! Olhem o Zé Simão vestido de São Jorge...

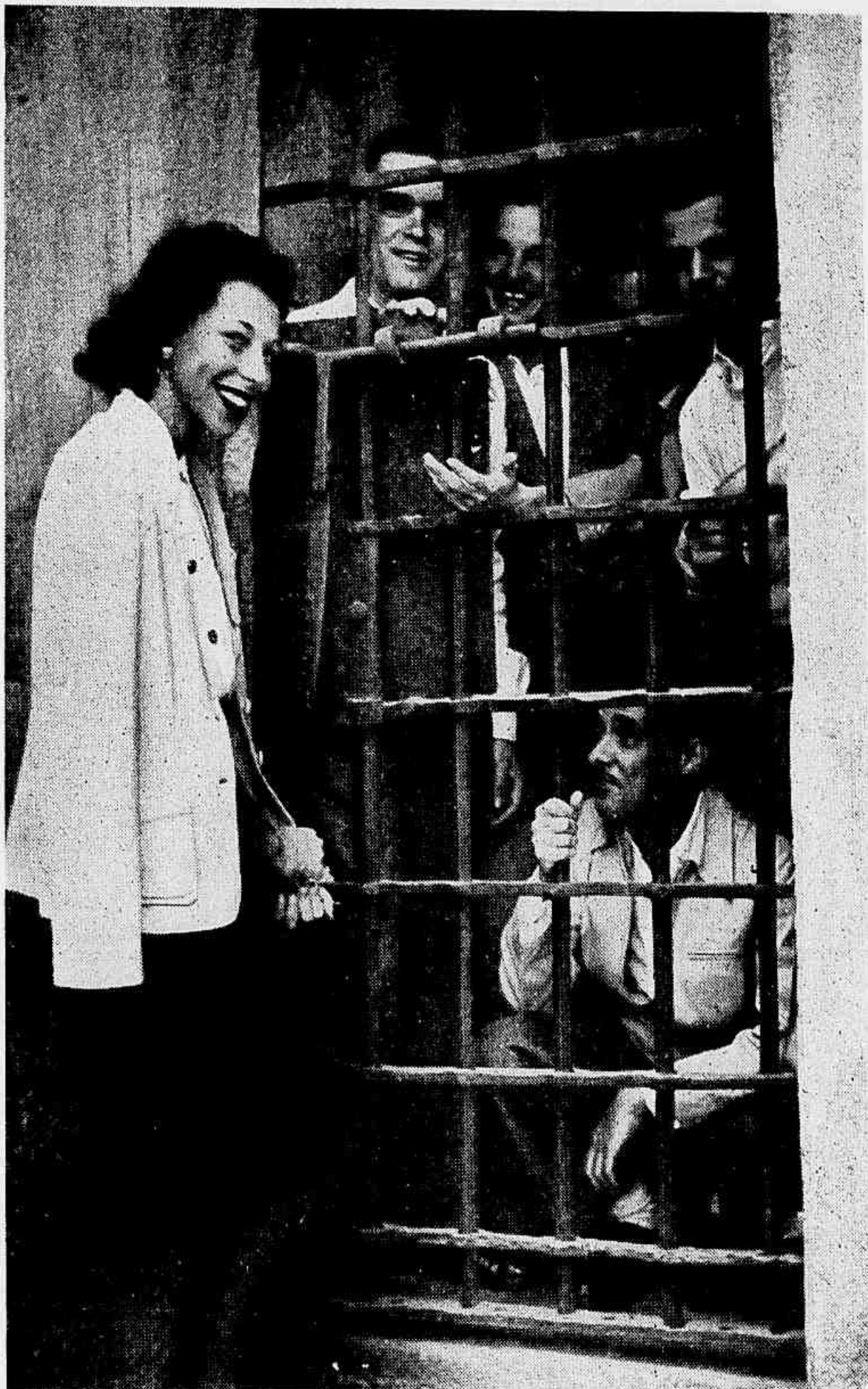
E assim foi que o Aleijadinho riu melhor porque o fez por último. Mas não deixou de celebrar aquele mesmo que o levou para o ridículo. Sem a caricatura do São Jorge, quem estaria recordando, nesse instante, tão obscuro personagem?

AS LITEIRAS, OS MÓVEIS, OS LAMPEÕES PORTÁTEIS

Não é possível reproduzir tudo quanto se pode observar de curioso e histórico nessa demorada peregrinação pelas múltiplas dependên-

ERAM REQUINTADAMENTE BARBÁROS OS INSTRUMENTOS DE TORTURA ADOTADOS PELOS DOMINADORES DO BRASIL. VÊJA-SE ESTE APARELHO DE SUPLICIO, AO QUAL FICARAM JUNGIDOS OS HUMILDES DA ÉPOCA. NÃO APENAS OS CONDENADOS, É BOM FRISAR. PORQUE AS TORTURAS APLICAVAM-SE COMO CORRETIVO PARA OS MENORES CRIMES E MESMO PARA A MAIS LEVE DESOBEDIÊNCIA À VONTADE DO SENHOR. PÉS E MÃOS FICAVAM IMOLADOS E DALÍ SAÍAM, HORAS MAIS TARDE, SANGRANDO. NOSSO COMPANHEIRO, PARA EXPERIMENTAR O APARELHO, SUBMETEU-SE AO MESMO APENAS POR ESPAÇO DE TRES MINUTOS — E AS CONSEQUENCIAS NÃO FORAM MUITO AGRADEVEIS IMAGINEMOS O QUE NÃO ACONTECIA COM OS PULSOS E OS TORNOZELOS DOS MISERÁVEIS SUPLICADOS! A CIRCULAÇÃO DIFICULTA-SE, OS MUSCULOS RETEZAM-SE, OS RINS SOFREM EFEITOS DESASTROSOS... POSITIVAMENTE NÃO ERA NEGOCIO USAR ESSE DUPLO PAR DE ALGÊMAS!





AS GRADES, NA CADEIA VELHA, HOJE MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, ESPALHAM-SE E MULTIPLICAM-SE NO INTERIOR DO GRANDE PRÉDIO DA PRAÇA TIRADENTES. ALÍ FICAVAM OS PRESOS DE ENTÃO, METIDOS EM MASMORRAS, SEM UM BANCO, SIQUER, PARA SENTAR-SE. QUANDO PASSAVA ALGUÉM NO PÁTIO ESTENDIAM-LHE A MÃO PEDINDO "UM VINTEN"... MAS OS RAPAZES QUE SE VÊEM, NA CRAVURA, NÃO SÃO RECLUSOS E SIM OS ACADÊMICOS DA ESCOLA DE BELAS ARTES, DO RIO, EM EXCURSÃO A OURO PRETO E PRONTIFICANDO-SE A "BANCAR" OS PRESOS DO TEMPO DO IMPÉRIO. AS MASMORRAS, HOJE, NEM PELOS RATOS SÃO MAIS HABITADAS. POR ISSO, OS "PRESOS" SORRIEM BEM HUMORADOS. PUDERA, DALÍ SAÍRAM INSTANTES APÓS...



O "TRONCO", O FAMOSO "TRONCO", POSTO DE SUPPLÍCIO QUANDO EXISTIA O BARBARO SISTEMA DA ESCRAVIDÃO NO BRASIL, REFLEXO DE UM PROCESSO BARBARO IMPORTADO DE OUTRAS TERRAS. ALÍ ESTÁ, AGORA COMO SIMPLES RELÍQUIA, DE TRISTE E DEPLORÁVEL MEMÓRIA. O POBRE NEGRO ERA AMARRADO AO MADEIRO PESADO. UMA CORDA DE GROSSA ESPESSURA APERTAVA-LHE A CINTURA, AS MÃOS ABRAÇAVAM O MADEIRO — E O ALGOZ, DE LATEGO EM PUNHO MINISTRAVA-LHE DEZ, VINTE, CEM CHIBATADAS, ATÉ O SANGUE JORRAR E O MISERÁVEL PERDER OS SENTIDOS. NÃO RARO, DALÍ ERA RETIRADO JÁ SEM VIDA. O "TRONCO" CONTINUAVA A SERVIR, ANOS E ANOS, PARA TORTURA E PAVOR DOS DESERDADOS DA SORTE. HOJE, É APENAS UMA COISA HISTÓRICA.

cias do Museu. Ali existe de tudo. Desde a liteirinha do Primeiro Império, os lampeões, as candeias provincianamente lusitanas, os candelabros iluminados a azeite ou a petróleo, até os móveis da época, as camas de "dois andares" talhadas em pau maciço. Há também uma mobília de noiva.

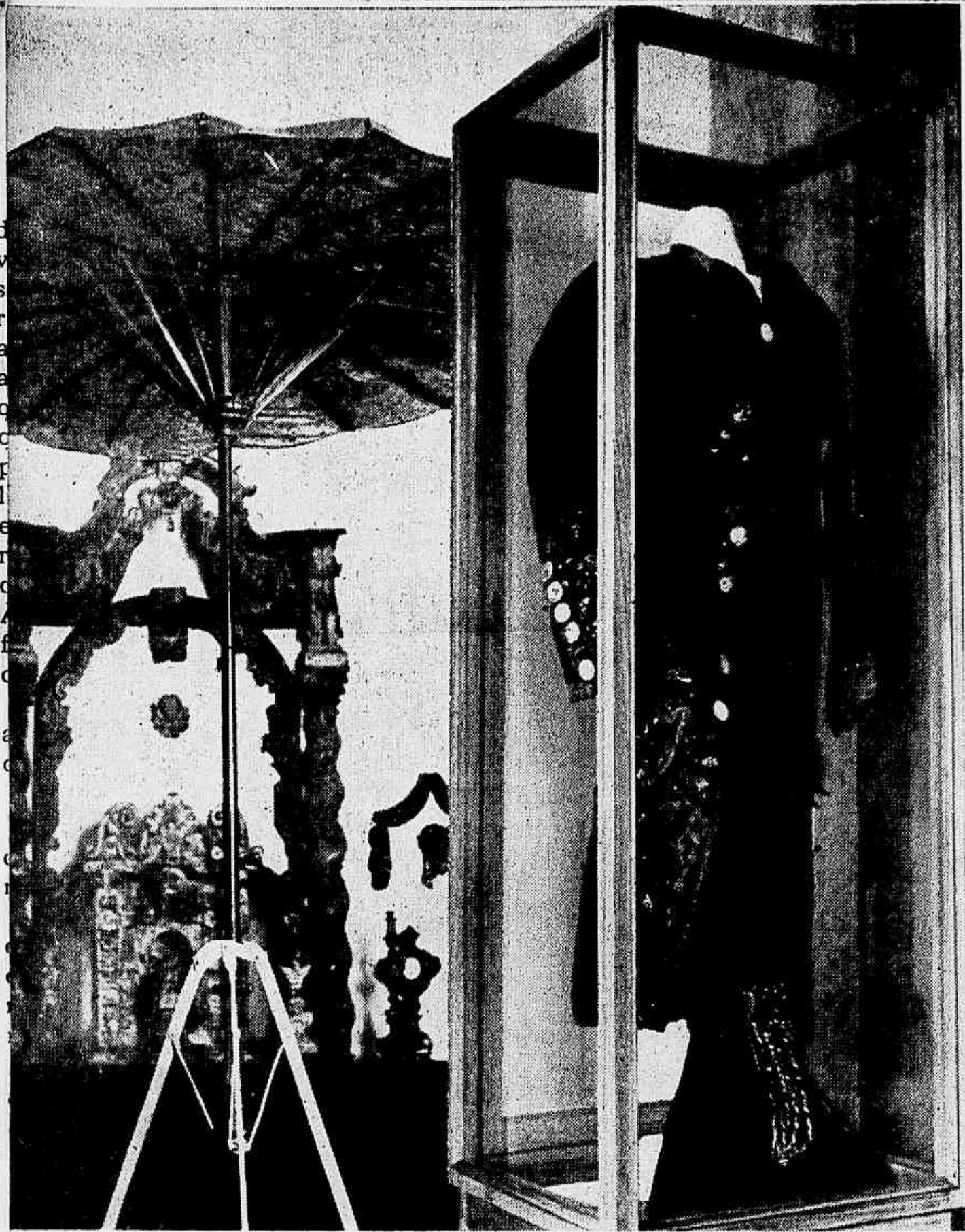
As meninas-moças do tempo imperial viviam para o casamento desde a adolescência. E ganhavam de presente, si filhas de pais ricos, cama de jacarandá legítimo e arca para o enxoval. Na tampa, do lado interno, graciosas figuras de dois noivos: ele de calção pelos joelhos, ela de véu mal lhe encobrindo o rosto. Ali dentro a moça ia guardando tudo quanto fôsse necessário para as núpcias, mesmo quando as núpcias ainda tardassem dez ou quinze anos. Nem mesmo o noivo fôra escolhido: já os laços e as rendas, as saias rodadas e os casacos de tecidos em cores alacres se acumulavam, tudo convenientemente desinfetado para resistir à ação do tempo... Um dia a menina estava moça. Mulher feita. O noivo já havia aparecido. Consumava-se a cerimônia. E quando chegava a hora da viagem de núpcias era apenas baixar a tampa, correr os ferrolhos, pôr-lhes os cadeados e chamar o escravo incumbido de levar o móvel à cabeça, léguas e léguas, até aonde fôsem ambos passar a lua-de-mel...

Uma das alunas da Escola de Belas Artes posa para o fotógrafo, com os olhos pendurados na arca.

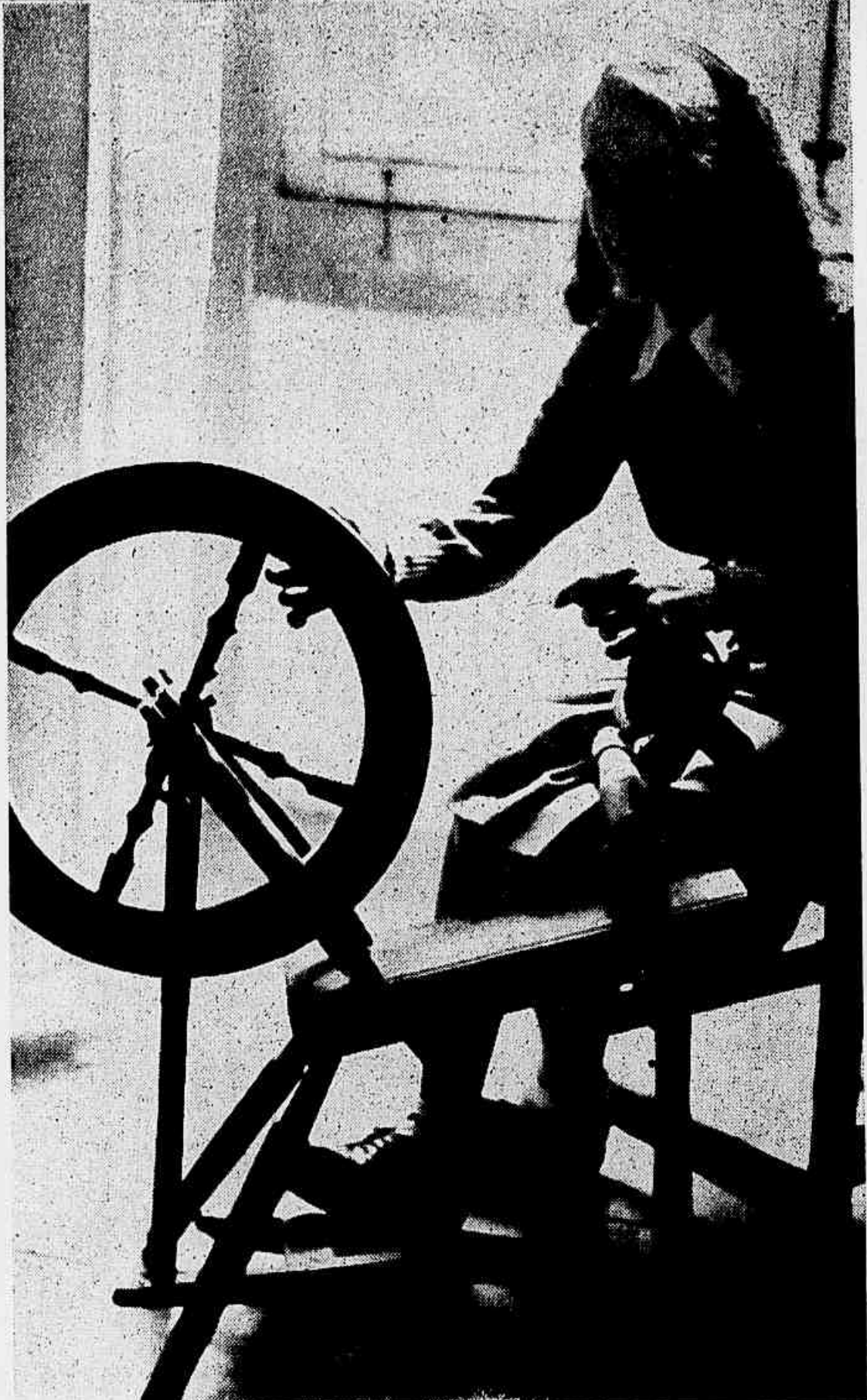
Mas não pudemos adivinhar-lhe os pensamentos.

AS CALEÇAS ÉRAM DE VÁRIOS ESTILOS. PUXADAS POR UMA, DUAS OU MAIS PARELHAS DE ANIMAIS, CONDUZINDO NA BOLÉA APENAS O COCHEIRO OU DUAS PESSOAS, E NO INTERIOR, COM RASOAVEIS BANQUETAS DE MADEIRA, FORRADAS DE SETIM ESCARLATE, ONDE OS SENHORES DA ÉPOCA REPOUSAVAM AS BANHAS E OS OSSOS QUANDO EMPREENDIAM SUAS LONGAS E DEMORADAS JORNADAS. ESSA QUE AÍ VEMOS, EM BOM ESTADO DE CONSERVAÇÃO, ESTÁ SENDO EXAMINADA POR UM JOVEN ESTUDANTE DE ARQUITETURA. QUE TAL AS LINHAS DA CARRUAGEM DE NOSSOS AVÓS, SENHORITA? POR CERTO, O AUTOMÓVEL É MUITO MAIS CONFORTÁVEL E RÁPIDO. MAS NÃO ESQUEÇA, NAQUELE TEMPO TAMBÉM NÃO EXISTIA O GASOGÊNIO... VINGARAM-SE AS CALEÇAS IMPERIAIS, POIS NÃO!





GRANDES FESTAS DA CONGADA, CONSTITUÍAM SEMPRE UM ACONTECIMENTO IMPAR. O PRETO PATRIARCA, DESCENDENTE LEGÍTIMO DO CONGO, ENVERGAVA O FARDÃO QUE SE VÊ À DIREITA. UM FARDÃO VISTOSO, TIPO BRÉ, DE CORES BERRANTES REPONTADO DE EFEITOS DOURADOS... O GUARDA-SOL ÉRA CONDUZIDO PELO ÍMPREMO HERÓI DA FESTA. E O ACOMPANHAMENTO, ÉRA ENTÃO UMA FARANDULA DE NEGROS: TODA A CORTE E ESCRAVOS, SALTANDO E BERRANDO OS SEUS CANTOCHÕES, EM OBEDIÊNCIA AO RITUAL DA CERIMONIA AFRICANA. DIAS E DIAS NÃO SE FALAVA EM OUTRO ASSUNTO. E AINDA HOJE EM CERTOS RINCÕES DISTANTES COSTUMAM FAZER-SE SIMULÁCROS ÀS CONGADAS, EMBORA SEM O MESMO E FIÉL PANORAMA PICTÓRICO.



UMA FIANDEIRA IMPROVISADA EM DOIS TEMPOS... JAMAIS ESSA GRACIOSA SENHORITA, TAMBÉM ALUNA DE BELAS ARTES, AO EMBARCAR PARA OURO PRETO PODERIA IMAGINAR QUE A CONVERTESSEM EM UMA FIANDEIRA, MESMO SOB O SIMPLES PRETEXTO DE ILUSTRAR ESSE VELHO TEAR DO MUSEU. E NO ENTANTO, AÍ A VEMOS MANEJANDO OS APETRÊCHOS, PEDALANDO COM VONTADE, PRONTA PARA DESFIAR OS FUSOS... OS TEMPOS SÃO OUTROS. AS FIANDEIRAS QUASI NÃO MAIS EXISTEM. E O TEAR É UMA PEÇA APENAS CURIOSA, MUITO INTERESSANTE — MAS INÚTIL...

RAÇAS À BOA VONTADE E À GENTILEZA CATIVANTE DO DIRETOR DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA, O CONEGO JOAQUIM TRINDADE, FOI QUE EM NOSSA REPORTAGEM POUDE LEVAR A BOM TERMO OS SEUS TRABALHOS OS QUAIS DAMOS, HOJE, ESTA PRIMEIRA DIVULGAÇÃO. TRATA-SE DE UM ESTUDIOSO DAS COISAS PRECIOSAS QUE TEM SOB SUA GUARDA, UM HISTORIADOR DE RELÉVO E UM ESTUDIOSO CONSTANTE, COMO PODEMOS CERTIFICAR-NOS DURANTE O TEMPO QUE COM ELE PRIVÁVAMOS ENQUANTO RECOLHIAMOS O NOSSO MATERIAL INFORMATIVO.



O PERFUME DO PASSADO

É tudo assim dentro da velha cadeia de Ouro Preto. Seu destino continua sendo o de reter, por tempos indeterminados, o que não tem direito à liberdade. Em lugar de condenados às torturas do "tronco" e das algêmas, da solitária e das chibatadas, ali estamos deparando com as relíquias dos privilegiados desses dias. O perfume do passado, um perfume característico e nobre das coisas venerandas, acompanha-nos na peregrinação de sala em sala, cruzando os pátios, subindo os degraus que rangem ao péso dos calçados modernos.

Tudo é imponente e respeitoso. O Museu do Ipiranga pode ser mais rico e suntuoso, o Museu Nacional poderá reunir coleções de raridades, em conjunto muito mais variadas, mas o Museu da Inconfidência fala mais ao coração da gente brasileira. Estamos agora por inteiro alheios aos fatos históricos da hora presente. Ali, naquele armário esguio posto bem à entrada, um pavilhão nacional, queimado pelo sol e quase em tiras pelo vento de muitos invernos, fala-nos de outras guerras nas quais soldados nossos também partilharam. E também saíram vencedores. Acolá, coleções de moedas de ouro, prata e cobre: dinheiro do tempo dos Inconfidentes e de muito antes. Em outro ambiente essas mesmas coisas seriam apenas relíquias. Mas nesse onde as encontramos estão no seu "clima" e impõem-se porque obtiveram o seu justo lugar. Nem tudo quanto se prende à causa dos Inconfidentes pôde ser reunido portas a dentro daquele edifício, mas outras preciosidades devem existir lá fora. Os responsáveis pela conservação do Patrimônio de Ouro Preto prometem continuar as pesquisas, os estudos, as devassas até o documentário se completar.

O QUE É PRECISO FAZER

Saímos dessa primeira fase da nossa estada na cidade, com uma noção mais alevantada e segura do que foi a luta pela Independência e pela República. No fim de contas, não era apenas a preliminar do Grito do Ipiranga o que se fazia sentir na campanha de Tomaz Antonio Gonzaga e seus companheiros, mas também o objetivo final da República. Mas não queremos furtar-nos a esta série final de considerações.

O Museu da Inconfidência requer, antes de tudo, a criação de uma verba maior para sua manutenção. Tal como observamos, há escassez de recursos para o bom trato de tantas peças de valor inestimável que ali existem. O pessoal é em número por demais escasso. Objetos avulsos, fáceis de subtrair, depauperam-se a cada instante e não será impossível que um ou outro venha a desaparecer se um correto serviço de vigilância deixar de prevalecer. E no entanto, nem mesmo auxiliares para acompanhar os visitantes ali se encontram. Foi o próprio diretor quem nos guiou os passos esclarecendo, orientando e prestando-se, enfim, a uma tarefa que não lhe está afeta. Sem verbas permanentes para o aumento do pessoal, tudo será muito difícil. O Museu está franqueado ao público apenas três ou quatro horas por dia porque as outras horas são para a limpeza. E mais: inúmeros objetos carecem de gente especializada para serem expostos. Há dependências onde eles se avolumam, esperando quem os selecione e aproveite melhor.

Queremos encerrar o primeiro capítulo desta nossa reportagem com um apelo sincero endereçado ao Ministro da Educação, no sentido de apressar o estabelecimento desse serviço administrativo. Louve-se o esforço do conego Trindade, mas reconheça-se que sozinho ou com a pequena equipe de seus auxiliares, pouco mais poderá fazer.



Conheci-a no sertão.
Era uma mulata de estatura regular, cheia de corpo, cadeiras largas e braços grossos. Tremiam-lhe as nádegas a seu passo forte. Trazia sempre á cabeça um lenço de côr, atado junto á nuca, deixando pender as duas pontas, que substituíam as tranças. Ostentava invariavelmente o colo de nhambú, descoberto, aparecendo os seios duros, saltitantes, presos no bico pela renda da camisa alva. Cereava-lhe o pescôço um colar grosseiro, pesado, de grandes contas de ouro maciço. Das orelhas pendiam-lhe brincos grandes, também de ouro, em forma de meia lua. Tinha a pele macia e a carnadura cheia do viço que transudavam seus lábios vermelhos, sempre úmidos. As linhas do rosto, corrêtas que eram, representavam no conjunto de seu corpo o cunho da raça caucasiana. Esse conjunto aliava á graça da européia a sensual indolência das filhas d'Africa.

Era provocadora — a mulata!
Chamavam-lhe Esteireira, por causa do pai, empregado no ofício de fazer esteiras de taquara.

Lavadeira exímia, pela praia do Lontra, sobre o brilhante cascalho, estendia ela sua roupa, de alvura tão nítida que, ao vê-la pela manhã no coradouro, direis um sendal de geada caída durante a noite.

Encontrámo-la, muita vez, de sãua arregaçada, metida n'água até aos joelhos, curvada sobre uma grande pedra, na qual batia as peças de roupa, depois de mergulhá-las no córrego.

Ana Esteireira gostava de um rapaz conhecido por Filipinho, diminutivo por que sempre foi tratado, por ser de baixa estatura. Era um pardo de peito largo e saliente, sobre o qual assentava

AFONSO ARINOS

A ESTEIREIRA

Ilustração de

ARCINDO MADEIRA

um pescôço de anta. Sua cabeleira preta e enrespada sustentava um leve chapéu de palha de burit, e da illhargá esquerda pendia-lhe um grosso e pesado facão, preso a um cinturão de sola.

Andava sempre em mangas de camisa e de calças arregaçadas, á maneira de calções; camisa e calça abotoadas por uns grosseiros botões de chifres, fabricados mesmo na terra.

Esse mestiço era objeto de perseguição e busca da polícia local.

De gênio atrevido e despreocupado, arredio a toda espécie de trabalho. Filipinho estava ao pintar para companheiro do Besouro, do Pedro Barqueiro, do Lucas e outros terríveis bandidos que infestaram as regiões banhadas pelos rios Urucuyá, Sono e Preto.

Mais de uma vez, o cabo Marianão, á frente de um púgilo de bons soldados, déra, cara a cara, com Filipinho, arremetendo todos em massa contra ele. Mas o endemoninhado mulato era mais destro no pulo do que o cangussu; riscava com o facão as fardas dos soldados, e dando um assobio agudo, desaparecia em qualquer touça de arbustos nas imediações. Não era á tãa

que o mulherio o julgava como tendo trato com o Sujo.

De uma vez, foi a causa da morte de um sub-delegado. Corréra na cidade que o Filipinho andava fazendo suas tropelias mesmo intramuros, e alguém foi ás pressas avisar ao Manuel Lourenço, sub-delegado que então era. Estava este acabando de jantar, mas saltou presto da mesa para o lombo de um cavalo amarrado á porta. Saiu em corrida disparada para o lugar onde o tigre se havia entocado; não o alcançou porém, pois que uma apoplexia lhe arrancou a vida no cumprimento do dever.

Já Filipinho estava encantado, depois de ter por centenaes de vezes querido romper o círculo em que o fechára o cabo Marianão.

— Desta vez estás na unha, moleque, disse o gigantesco soldado.

De fato, caíra; mas, astucioso que era, mudou de tática para a resistência, vendo que do emprêgo da força só mal poderia advir-lhe. Entrêgou os punhos ás algêmas, tanto como um cordeiro, deixando-se levar á casa da autoridade policial para aí sofrer o inquérito.

Crime visível e grave não o cometera ele, que alguém dissesse. Era turbulento, mas não fizera morte, nem roubo. Têmiam-no e atiravam á sua conta toda escalada em casa alheia durante a noite, qualquer pancadaria na sombra dos bécos e vielas. Provas não havia; entretanto, sabendo Filipinho do conceito de que gosava, vivia foragido.

Aí, nas próprias barbas da autoridade, desenvolveu a Esteireira uma arenga em defesa do seu Bem, em que, com os seios descobertos, inflados de cansaço e ira (corrêra da praia ao saber do que se passava), fazia largos gestos com os lindos braços nus, bronzeados, húmidos e bordados por uma renda de espuma.

Tinha desviado para si a atenção; e os soldados, confiando na postura humilde de Filipinho, limpavam a testa, resfolegantes, deixando-o sóto na sala, pois já estava algemado.

Imperceptivelmente, ele se afastava até á porta e, voltando-se de repente, entra a correr pela rua acima.

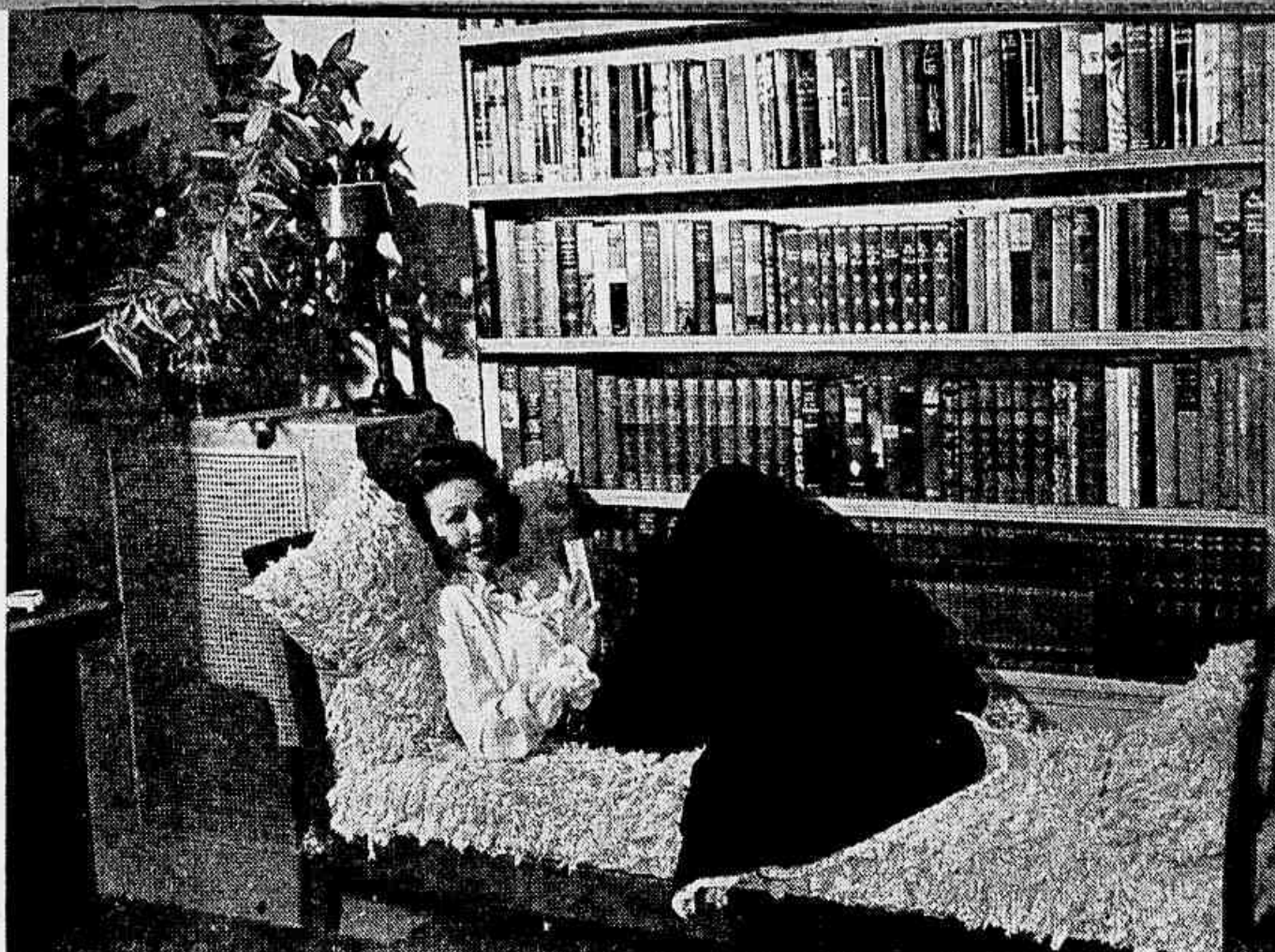
Tomaram-lhe a dianteira.
No largo, podia ele desenvolver toda a sua destreza; e, embora algemado, deitou por terra dois soldados que, destacados, topou no caminho.

Fugiu.
Não prenderam a Esteireira, que daí a pouco, em doce entrevista, conversava com o mestiço nas cercanias da casa do pai dela, ao longe, já tardinha.

Juntos e esquecidos do que se passara — tão grande era o amor que os ligava e curtos os momentos de que dispunham para as falas ternas e as mútuas confidências — quedaram-se muito tempo



Um dia com Loretta Young



MANEJÁ-SINHA CEDO...DEPOIS DA PRIMEIRA REFEIÇÃO, NADA COMO ALGUNS MINUTOS DE LEITURA, AGUARDANDO A HORA DE SEREM INICIADOS OS TRABALHOS NO ESTÚDIO. A BIBLIOTECA É VARIADA: BASTA ESCOLHER NA PRATELEIRA DOS ROMÂNTICOS, DOS REALISTAS OU DOS SOCIOLOGOS... QUEM DISE QUE OS LIVROS ALI ESTÃO SÓ PARA ENCHER ESPAÇO? MENTIRA! ELA NÃO É DESSA... LÊ POR NECESSIDADE ESPIRITUAL, POIS NÃO...



CONSERVANDO O CARRO... — A GASOLINA ESTÁ RACIONADA MESMO PARA AS "ESTRELAS". MAS SEMPRE SE OBTÉM ALGUMA PARA A CONSERVAÇÃO DO "BICHINHO". QUANDO AS LUZES VOLTAREM A BRILHAR, QUANTO PASSEIO PARA FAZER, MEU DEUS! ENQUANTO NÃO BRILHAM, ELA MESMA SE INCUMBE DA "FAXINA", TRÊS VEZES POR SEMANA. JUNTA-SE O ÚTIL AO AGRAVÁVEL. O ENCARREGADO DESSE SERVIÇO ESTÁ NAS FILEIRAS DO EXÉRCITO...

VAMOS acompanhar Loretta Young durante um dia inteiro? Pois então, comecemos. Manjinha cedo ainda mal clareando — piscina, mesmo com esse grande aparato, como si pretendesse ficar duas ou três horas ali no Posto Seis, quando vai ficar apenas quinze ou vinte minutos. Enfim, que n tem capa sempre escapa, e Loretta não quer furtar-se ao fazer dessa bonita pôse com a capa, o *maillot* de tecido estampado, a toalha de feltro e a touca de borracha. Depois, alguns minutos de leitura para relaxar os músculos após o exercício da piscina. Um passeio pelo jardim, talvez um pouco de jardinagem, uma vista de olhos pela correspondência particular — pois a do estúdio lá está a secretária para respondê-la — e o primeiro almoço. Agora é tempo de rumar para o estúdio, o filme vai adiantado, ela não sabe a que horas estará de volta, mas as instruções foram dadas à velha Bá para cuidar dos arranjos domésticos. E não esqueça, hein? Prepare um jantarsinho bem gostoso para logo mais...

Depois o estúdio. A tormenta do *maquillage*. As rubricas do diretor, as imperinências do pessoal da casa, os telefonemas, as tomadas de camera — uma, duas,

dez, vinte vezes... — até tudo ficar certinho... Embora a tezoura, mais tarde, venha a cortar metros e metros!

Hora de repouso. *Lunch* lá mesmo no estúdio. E novamente o trabalho pela tarde adiante, não raro entrando pela noite, com outra refeição fornecida pelo *restaurant* da empresa... Até que os trabalhos são suspensos até a manhã seguinte. E finalmente — casa. *Home, sweet home*...

Bem, mas existem umas sobrinhas da noite. Talvez seja convidada para uma reunião elegante em casa de Humphrey Bogart... Ou quem sabe si não é noite de frequentar o *Cocoanut*?

Do contrario, deixa-se ficar mesmo em casa, com seus bons e fiéis amigos — os livros. O telefone ali está, a dois passos, pondo-a em comunicação com o mundo, lá fora, cheio de prazeres e percalços.

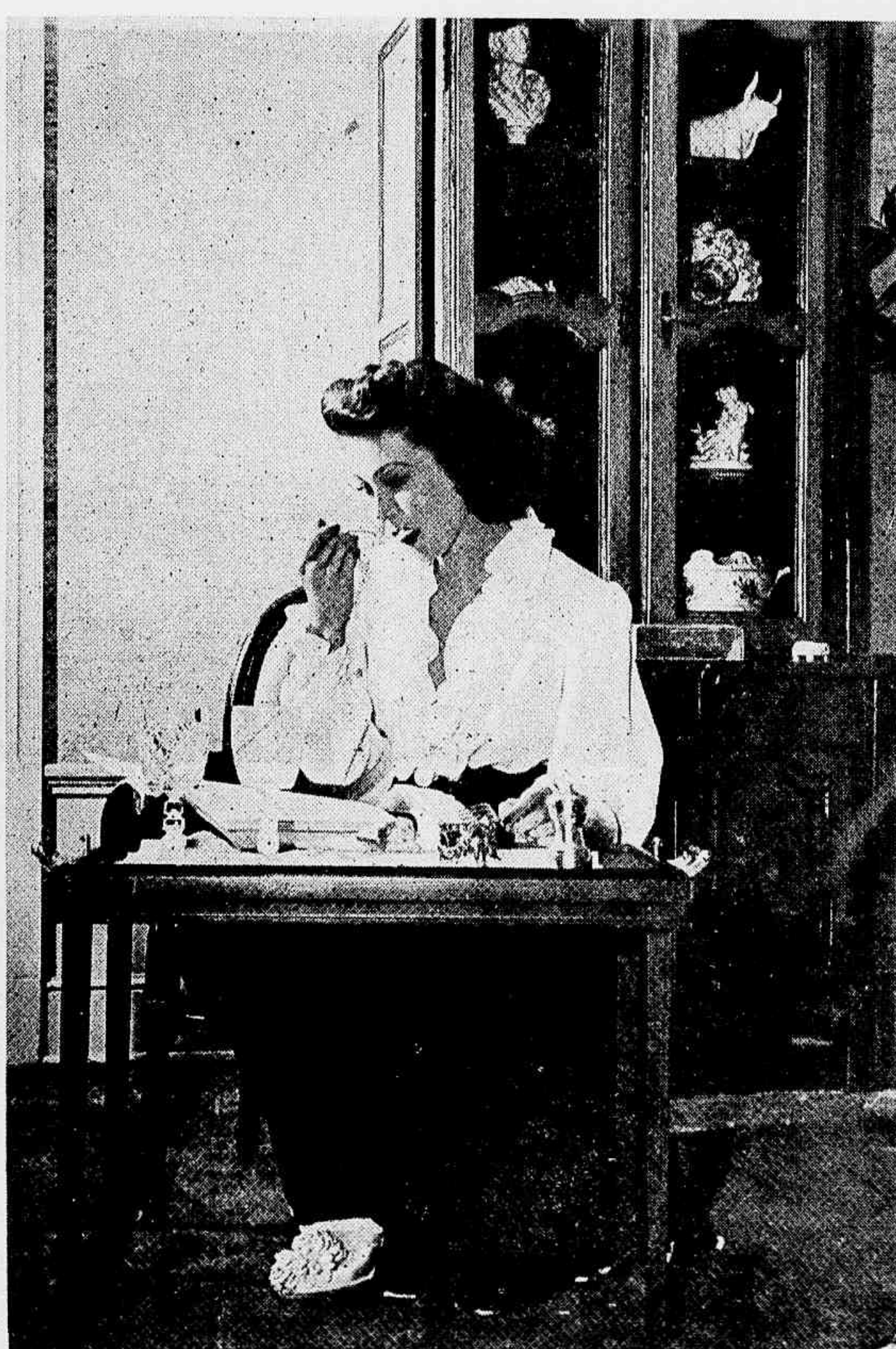
Quando ela pisa a calçada, costuma dizer:

— Bem, agora entrei na jaula dos leões.

E toma as precauções.

QUE BOM REMEXER PAPEIS VELHOS! RECORTES DE JORNAIS ANTIGOS FALANDO (BEM, NATURALMENTE) DE SEUS FILMES... CARTINHAS DE ADMIRADORAS (E "...RES") FAZENDO PROPOSTAS DE CASAMENTO, MESMO SABENDO QUE ELA JÁ SE CASOU MAIS DE UMA VEZ... LÁ DENTRO, ESTÁ EM PREPARATIVOS O "LUNCH". É PRECISO MUDAR DE ROUPA — MAS QUE PREGUIÇA PARA ESSAS COISAS! E ELA RI: ENGRAÇADA A CARTINHA DAQUELE FAN DO ARIZONA...

HUM! MAS ESTA' GOSTOSO... — QUE PENA NÃO PODER CONVIDAR-NÓS PARA FAZER-LHE COMPANHIA! O PITÉOSINHO, FEITO PELA BÁ QUE ACOMPANHA MISS YOUNG HA DEZOITO ANOS, DEVE SER ALGUMA COISA DIVINA. MAS NÃO IMPEDE QUE A "ESTRELA" CONTINUE A LEITURA. NÃO, AGORA NÃO É LIVRO E SIM A SUA PARTE NO FILME QUE ESTÁ POSANDO. NADA COMO TER O "PAPEL" NA PONTINHA DA LÍNGUA. (BONITA A CHINELINHA DE SEDA, NÃO?)





QUANDO SE REPETE A FAMOSA FRASE — "E AS LUZES BRILHARÃO OUTRA VEZ" — VEM-NOS Á MEMORIA, POR UMA INEVITAVEL ASSOCIAÇÃO DE IDÉAS, O NOME DE MICHELLE MORGAN, A "ESTRELA" DAQUELE MEMORAVEL FILME. ELA AQUI ESTÁ, EMBORA TAL COMO NO-LA TEM MOSTRADO AGORA HOLLYWOOD. E, CONVENHAMOS: MICHELLE MORGAN DO CINEMA FRANCÊS ERA MUITO DIFERENTE... PARA MELHOR, DECERTO!

Nas terras de França tremulam as bandeiras dos povos livres. No atropelamento de uma época de vulgaridades como a nossa, em que todos os valores se baralham num mesmo jogo de concorrências quer políticas quer de sentido intelectual, podemos sentir, mais uma vez, quanto é peregrino, indestrutível e inconfundível o poder espiritual, a luz de uma mística que se projeta até os limites infinitos do mundo.

Nunca houve, em toda esta guerra de interesses inconfessáveis, movendo regimes asfixiantes, e que desagregaram os povos corrompendo neles o verdadeiro sentido do civismo, nunca houve, para a humanidade conjunta, momentos de tanta emoção como aqueles da queda de Paris, da entrada das hordas bárbaras sob o baldaquino do Arco do Triunfo, ou do bater das botas germanicas no desfile pelos "Campos Elíseos". A França cativa era como um sacrilégio, a mais incompreensível iconoclastia. A França sacrificada era para todos os homens livres, para todos os homens de espírito, um pensamento torturante.

No dia da invasão o mundo vibrou, uma fagulha elétrica, zebrando em fogo o

ar, sacudindo todos os nervos; porque os exércitos dos homens livres pisavam em terras de França e iam de vitória em vitória bater às portas de Paris.

E esse dia chegou: a aurora iluminou o mundo, o sol fará fecundar o holocausto. Os homens que estão unificando os povos, para libertá-los sob um regime de democracia social, no íntegro sentido jurídico, estão hoje sob a proteção de Joana D'Arc e de Santa Genoveva; estão sob a gloriosa significação do Arco do Triunfo.

A França, herdeira dileta da imortalidade da Grécia magnífica, vai novamente acender para o mundo a sua tocha, o seu fanal. Embora a evolução natural da vida humana traga modificações, impossíveis de evitar, temos certeza que elas serão para o mundo como uma nova queda da Bastilha, um grito de liberdade mais larga e mais profundamente desejada, varrendo da face da terra as prepotências que geram a desigualdade e a miséria de grupos de irmãos nossos, cujos direitos os evangelhos apregoam e os cristãos esquecem.

As luzes brilham outra vez em Paris!

A terra desperta para uma aurora feliz de fraternidade.

Voz Bastidores Femininos

Confissão

Paulo:

Recebi, hoje, a sua carta. Como me alegrou! Nada poderia me fazer mais feliz do que a certeza de que você e Laurita são felizes. Nada me poderia trazer mais consolo. Quando você partiu, senti muito. Mas, gradualmente, a certeza de que você era feliz com a mulher que o amava tornou-me mais leve a tortura da separação inevitável.

— Maria Luiza, você tem a certeza de que não será infeliz?

Você me perguntou isso, antes de partir, com a consciência do golpe que me dera. Mas eu me apressei em assegurar:

— Nada, Paulo. Você sabe muito bem que, já há alguns anos, nós nos vinhamos separando, pouco a pouco. Nosso amor passou. E' triste constatá-lo, mas é a verdade.

— Então, adeus, Maria Luiza. Antes de partir, porém, quero agradecer-lhe, do fundo do coração, todos esses anos de felicidade que passamos juntos e que um simples divórcio não poderia, nem conseguiria, tirar da lembrança. Maria Luiza...

— Que há Paulo?

— Posso beijá-la?

— Para que, meu amigo?

— Para que eu tenha a certeza de que nos separamos amigos, muito amigos.

— Pois bem. Se isso lhe dá prazer.

Não sei como pude sustentar o estremeamento que senti ao contacto dos seus lábios, meu amigo, meu amor.

Agora que você está casado novamente, Paulo, agora que já nada mais pode impedi-lo de ser feliz, agora que tudo já passou, que já não sofro mais, posso dizer-lhe que menti. Menti! Amava-o ainda. E lutei em vão pelo seu amor. A nossa despedida não foi a separação de dois entes que se amaram e depois deixaram de amar-se. Para mim, foi uma desprendimento brusco, alguma coisa que eu arranquei de dentro de mim e que deixou um vazio tão grande que eu, a princípio, pensei que iria morrer. Mas sobrevivi, sobrevivi e serenei. Talvez se eu tivesse apelado para o seu cavalheirismo. Talvez se eu tivesse usado de meios indignos, talvez conseguisse conservá-lo ao meu lado. Mas de que valeria tê-lo infeliz, pensando em outra?

Desde a primeira vez que vi Laurita senti um pressentimento.

— Muito prazer em conhecê-la, disse eu.

E ela, graciosamente, apertou-me a mão.

— Deve ser um grande honra ser a esposa de um homem como Paulo Arland, disse.

Olhei para ela, um instante, e compreendi: Amava-o. Que fazer? Como impedir que a sua mocidade e a sua graça conquistassem Paulo? Como impedir? Confesso que imaginei meios e modos. Odiei-a, a princípio. Mas que haveria de fazer?

Depois, mais tarde, compreendi que ela o amava, realmente, que não era um capricho de moça jovem e bonita. Foi então que a visitei... Ainda me lembro de todas as palavras que pronunciámos. Ficaram gravadas no meu coração amargurado.

— A senhora aqui? disse ela, ao vê-me.

— Sim, eu. Preciso falar-lhe. Não vai deixar-me entrar?

Ela parecia muito surpreendida.

— Entre. Entre. Desculpe a desarrumação. Eu não esperava visita a essa hora.

— Não reparo nisso.

Houve uma pausa. Um silêncio cheio de constrangimento.

— Senhorita, disse eu, por fim.

Preciso falar-lhe.

— Sou toda ouvidos.

— Ama meu marido, não é verdade?

— Minha senhora!

— Não tente negá-lo. Eu sei!

— Mas...

— Não tente negá-lo, digo-lhe... Que pretende fazer? E' só isso que quero saber. Quer arrebatá-lo?

— Muito me surpreende a sua atitude, minha senhora. Eu não creio que, até hoje, pelo menor gesto, a menor palavra, tenha deixado transparecer alguma afeição pelo seu marido...

— Não negue, já disse! Vê-se pela maneira por que o olha, pela maneira de falar-lhe, pelo modo com que o ouve...

— Francamente, eu...

— Não negue! Quero saber o que pretende fazer. Afinal de contas, creio que tenho o direito de saber, o direito de esposa ofendida!

— Minha senhora eu repito-lhe que está enganada. Não foi ofendida!

— Como assim? Quem lhe disse que não fui ofendida e miseravelmente?

— Pois eu não lhe assegurei que...?

— E que importância tem isso? Não são palavras, gestos definitivos. A senhorita conquista o meu marido, sem precisar dizer, abertamente, que o ama. Sei disso. Não consentirei, afirmo-lhe! Não consentirei que me roube o marido!

— Ora! Francamente!

De repente não me contive mais e as lágrimas que eu escondia com tanto cuidado saltaram dos meus olhos. Laurita ficou embaraçada.

— Minha senhora, pelo amor de Deus!

— Como posso deixar de chorar? A senhora tirou-me tudo, tudo.

— Mas se eu lhe afirmo que...

— ...Ele era moço e desconhecido, quando eu casei-me com ele. Era ainda Paulo, o meu Paulo. Depois que se tornou famoso, já era menos meu, mas eu ainda tinha o consolo de ser a esposa, de estar sempre ao seu lado, nas horas duras...

— Minha senhora, peço-lhe...

— Deixe-me contar... Esperava tocar-lhe o coração com a minha história...

— Mas...

— ...Ele teve aventuras. Já sabia. Pensava enganar-me! Como os homens são ingênuos! Eu sabia. Mas não me inquietava. Quando se cansasse voltaria para junto de mim.

— Eu...

— Mas nenhuma delas era uma mulher como a senhorita...

— Mas eu não vejo...

— Assim que ele a encontrou percebi que, desta vez, era diferente...

— Mas...

— Sim, diferente. As outras, eram belas, mas nenhuma delas podia dar a ele mais do que eu lhe dava. E eu não me perturbava. Mas, um dia, veio a senhora. E era diferente. Muito diferente, porque a senhorita era inteligente. Mais inteligente do que eu. Imediata-

mente comeci a perceber por que ele preferia conversar com a senhorita a conversar comigo. Sabia que a senhorita era superior a mim, que poderia falar durante horas sobre o trabalho dele, ao passo que eu sabia somente falar durante horas sobre o meu amor. E isso entediava. Nenhum homem gosta de uma mulher que o ame como um cãozinho fiel que acompanha o amo...

E a infeliz que não compreende isso sofre o destino do cãozinho. Nas horas de irritação, recebe os pontapés e para compensar isso não basta a carícia distraída de um momento de serenidade!

— Permite que eu fale?

— Diga...

— Eu amo seu marido. Amo-o como nunca amei nem nunca amarei na minha vida. A senhora me fez uma confissão retribuio-lhe com outra. Enquanto era a esposa enganada que me exigia satisfações, eu não lhe dava atenção. Porém já que a vejo agora, como realmente é, uma mulher que sofre, sinto e deploro o seu destino e falarei francamente...

— Obrigada.

— Amo seu marido. Se ele quisesse casar-se comigo, eu aceitaria e creio que nada poderia fazê-lo mais feliz. Não é vaidade. Sei que somos feitos um para o outro. Por isso é que falo.

— Mas...

— Minha senhora. Não falo por mim, mas por ele e se a senhora compreender o que eu quero dizer verá que tenho razão.

— Quer roubar-m'o.

— Sim. Confesso-lhe.

— Nesse caso...

— Porém não é isso o que importa. Os nossos desejos são de somenos importância. Minha senhora, uma vez em cada século, ou mais raramente ainda nasceu um gênio e as mulheres que o amarem devem estar dispostas a sofrer e a sacrificar-se por ele, tendo como única recompensa a glória de haver um dia merecido aquela mesma carícia distraída ao cãozinho a que a senhora há pouco se referiu... E' esse o triste destino das que o amarem. O triste e glorioso destino!

— Mas ele pode ser um gênio, porém é meu! Meu!

— Se ele pudesse ser feliz com a senhora, se fosse um bem para ele a vida com a senhora, eu abandonaria minhas pretensões. Porém ele precisa de mim. E eu estou disposta a arrostar tudo, tudo, para fazê-lo feliz. E peço-lhe, suplico-lhe que compreenda que não é puro egoísmo roubá-lo, mas somente exclusivamente para fazê-lo feliz.

— Não é justo! Não é justo!

— Mas é a vida...

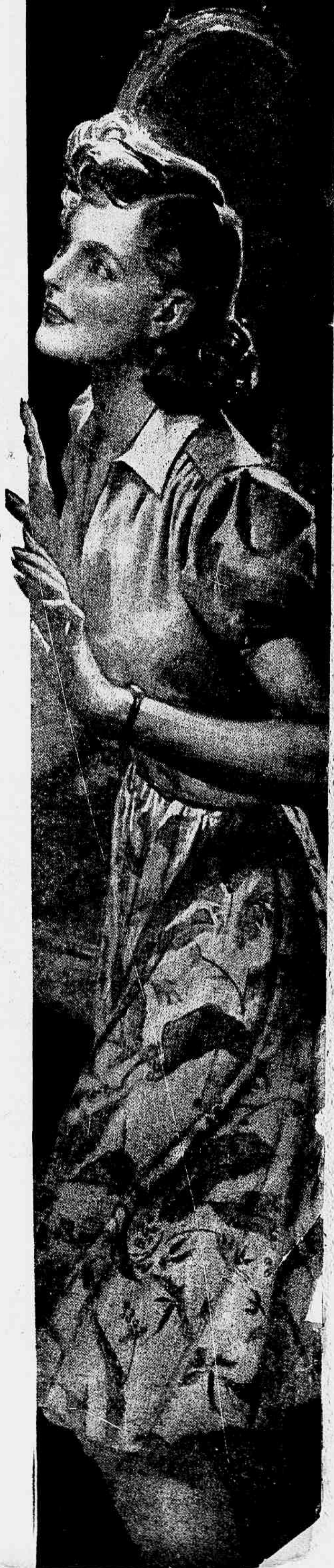
— Hoje estou convencida de que ela tinha razão, de que deveria, de fato abandoná-lo e assim fiz. Custou muitas lágrimas, muita dor, mas eu consegui fazer o que queria. Hoje, depois de tudo passado, sinto a alegria de ter tido a coragem de ser superior.

Não se preocupe comigo, Paulo. Hoje, sou feliz. E espero que, quando, mais tarde, você vier a estas terras, venha fazer-me uma visita para recordarmos um tempo que já passou há muito, muito, muito...

A amiga fiel,

Maria Luiza.

SOMENTE QUANDO
ERA TARDE DEMAIS.
ELA CONFESSOU...



DE Música

Lucia di Lammermoor -- Thais -- Rigoletto

O tempo não foi elemento para com a melodramática história de Lucy Ashton. E as melodias fáceis com que Donizetti a musicou perderam a novidade, com o correr dos anos, sem no entanto sair da banalidade. O compositor italiano, porém, teve mais sorte do que o romancista inglês, porque se, hoje, quasi ninguém lê o romance de Walter Scott, de onde foi tirado o libreto da ópera, ainda o publico afluente ao teatro para ouvir os sopranos ligeiros famosos competirem com a flauta na famosa cena da loucura.

Maria de Sá Earp enfrentou galhardamente, as dificuldades do papel. Mobilizou, para isso, todos os recursos de que dispõe e que se resumem numa palavra: escola. Voz muito educada, se bem que de timbre desagradável, Maria de Sá Earp esteve mais feliz nas cenas em que não abundavam os agudos, em geral um pouco ásperos.

Não podemos deixar de louvar, entretanto, o esforço da cantora para dar um desempenho consciencioso ao seu papel.

Estreiou, no papel de Ashton, Pablo Vidal, dono de voz possante. Um barítono razoável.

Merino, no Edgar, esteve fraco. Preferiu cantar em autêntico estilo italiano com toda a força de seus pulmões, e assim, muitas vezes, desagradou.

Vaghi, como sempre, excelente.

E' uma pena que tenham confiado o papel de Artur ao Sr. Pescuma. O elenco, que já não estava em seus melhores dias, teve que suportar ainda as francas risadas da plateia, provocadas pelo desempenho deste tenor.

O maestro Guarneri não esteve muito feliz.



Perguntaram, certa vez, a Reyer qual era sua opinião a respeito da musica de Massenet.

— Bem... E', de fato, encantadora... Mas... Bom... E' um pouco assucarada... Acho que ele faz muitas concessões ao mau gosto do publico e...

Um dos admiradores de Massenet, que o ouvia, foi incontinenti procurar o autor da Manon e fez-lhe a seguinte pergunta:

— Que pensa da musica de Reyer?

— Magnifica! Admirável!

— Sabe, maestro, que ele não tem das suas composições uma idéa tão lisonjeira?

— Oh, meu caro! Você compreende, não é? Nem eu nem Reyer dizemos o que pensamos...

Porém, apesar da resposta espirituosa de Massenet, Reyer estava com a razão.

Solange Petit Renaux fez jus aos aplausos que recebeu, na Thais. Essa cantora tem uma grande qualidade: identifica-se, de tal forma, com o papel, representa com tanta arte que muitos dos senões que poderíamos apontar no seu desempenho perdem



MARIA AUGUSTA COSTA

É ASSIM QUE VOCÊ ESCOLHE?

por Augusto Rodrigues

— SOU PELA MAIS GOSTOSA



Não! Dentífrico não é tempero culinário. Não se limite ao gosto. Exija que ele venha acompanhado do poder de proteger seus dentes. Obtenha ambos com Lever SR.

— SOU PELA MAIS BARATA



Não! Isso é economia de palitos. Pois sai caríssimo perder os dentes, com doenças nas gengivas. Torne-as saudáveis com Lever SR, para economizar de verdade.

— SOU POR QUALQUER UMA

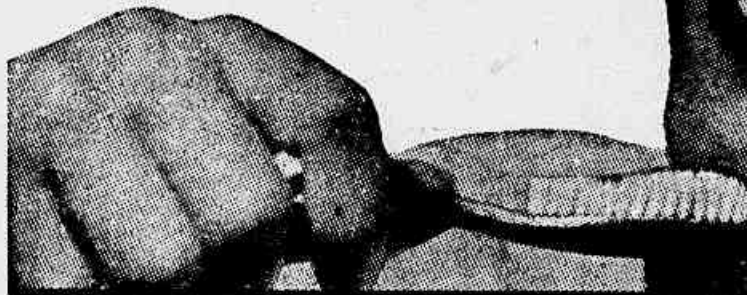


Não! Pela culatra pode sair o tiro. Não é por acaso que você terá um sorriso lindo e sadio, mas sim com o super-dentífrico Lever SR.

-Eu uso Lever S.R.

Que Escolha Formidável

Sim! Pois você exige que seu dentífrico seja gostoso, refrescante, econômico. Tudo isto, de forma insuperada, está em Lever SR. Há ainda mais, neste super-dentífrico: há Sódio-Ricinoleato, o famoso elemento que, protegendo as gengivas, assegura a vida dos seus dentes. Por isso é que Lever SR mantém dentes brancos... mantém os dentes!



MANTÉM DENTES BRANCOS... MANTÉM OS DENTES!

a importância, no conjunto da interpretação. Cenicamente, Solange foi uma Thais admirável. E, se vocalmente nem sempre foi tão feliz, as pequenas falhas, como certos agudos mais ásperos, não chegaram a comprometer o sucesso.

Daniel Duno, no papel de Atanael, esteve muito melhor do que na Carmen, apesar de continuar pronunciando o francês de uma maneira abominável. De qualquer maneira, demonstrou qualidades apreciáveis.

Eltzova e Taghi colaboraram eficientemente.

O tenor Mario di Lorenzo tem uma voz muito agradável; porém, infelizmente, pequena demais para a ópera. Mal se o ouve.

Estreando no papel de Palemon, ouvimos o Sr. Américo Basso, de quem falaremos mais adiante a propósito da sua atuação no Rigoletto.

Regeu a orquestra o maestro Melich.



Se dissesse que Maria Augusta Costa esteve perfeita na Gilda ela saberia muito bem que estaria exagerando. Não creio que ficasse satisfeita com esse elogio excessivo. Porém é com o maior prazer que registramos o grande e merecido sucesso, que não nos surpreendeu, aliás, em vista do seu desempenho na Odaléia. Num papel de responsabilidade como é o de Gilda, Maria Augusta Costa esteve muito bem e os poucos senões que poderíamos apontar em nada desmerecem o valor incontestável do seu desempenho. Assim, se a preocupação com as dificuldades do Caro Nome tirou um pouco da espontaneidade da ária, se uma ou outra pequena falha ainda poderíamos assinalar, acredito que, depois de cantar o papel mais umas vezes, ganhando maior desembaraço, ela atingirá a perfeição. Aliás, já no Rigoletto notamos a segurança dos seus agudos, a afinação e o timbre agradável de sua voz, e a facilidade admirável com que ela venceu as dificuldades que apresenta o papel.

Leonard Warren repetiu o sucesso do ano passado no papel de Rigoletto, sem que entretanto tivesse deixado de melhorar seu desempenho.

Dono de uma voz admirável, ele se esforça para se aproximar, cada vez mais, da perfeição. Não se contenta com o que já conseguiu. Procura, sempre, melhorar. Assim, foi com grande prazer que notamos que ele, de ano para ano, vem melhorando, sensivelmente, o seu jogo de cena, cada vez mais apurado.

Américo Basso estreara, sem maior relevo, na Thais. No Rigoletto, entretanto saiu-se bem, no papel de Sparafucile.

O Sr. Charles Kullman não é evidentemente um grande cantor, porém desincumbem-se dos papéis que lhe são confiados com muita habilidade. Voz pequena porém agradável, ele se esforça para dar relevo ao seu desempenho. Um cantor que satisfaz.

Os outros elementos, sem maior relevo.

Guarnieri regeu com segurança.

ROBERTO LYRA FILHO



AS MARGENS DO IPIRANGA — Quando saímos de uma das mais festivas e gloriosas comemorações do Dia da Independência, a reprodução da gravura acima ganha foros de extraordinária atualidade. Aqui está a humilde casinhola de taipa, às margens do Ipiranga, na estrada de São Paulo a Santos, junto à qual se apeou a escolta do Príncipe Regente na manhã de 7 de Setembro de 1822. Foi quando D. Pedro I, mal recebendo a missiva que tanto o abalou, sentindo que a força das circunstâncias impelia o Brasil, mais breve talvez do que muitos esperavam, para destino mais amplo, governando-se por ele mesmo, resolveu por sua vez antecipar os acontecimentos. E proclamou então o brado heroico de "Independência ou Morte!", depois do qual a emancipação começou a processar-se.

Essa "humilde casinhola de tai-

pa" ficou lendária, adquirindo relevo extraordinário nas páginas da História. Foi precisamente ali que o primeiro Imperador do Brasil recebeu a notícia e fazendo estacar toda a escolta, agindo por conta própria, si bem que sob a pressão dos acontecimentos anteriores, deu a carta de alforria à maior nação sul-americana. Dêsse mesmo ponto, se espalhou, desde a memorável manhã, o ciclo de desenvolvimento, progresso e grandeza a que

agora assistimos, a largas passadas para um destino sempre e cada vez mais glorioso.

E no entanto, êsse casal de sertanejos, postado à porta do casebre, parece inteiramente alheio ao valor histórico do lugar onde reside. A ação do tempo fez manter, ainda assim, por anos e anos, aquêle mesmo reduto onde os transeuntes da estrada, em grande parte, também estacam para examinar, mais detidamente, a humil-

de vivenda a que aludem os fastos do Brasil. Cento e vinte e dois anos transcorridos, festeja-se o Grito do Ipiranga com a presença de soldados brasileiros em terras distantes, desenhovilhando a honra da Nação, que a fúria do inimigo comum da humanidade quiz inutilmente conspurcar. O Brasil atinge plenamente a sua emancipação. É, hoje, uma terra que se rege livre e soberana, tendo sua frente, num futuro não distante, perspectivas de Progresso a perder de vista.

E', quando nos devemos curvar, reverentemente, para as evocações iguais a essa que nos sugere a gravura acima. A humilde casinhola da estrada de São Paulo a Santos vale por um símbolo: o símbolo da origem na libertação de um povo que não quiz continuar jungido à canga de colônia. E não continuou mesmo...

COISAS DO BRASIL

PROCLAMADA a Republica reunio-se Constituinte, em palacio havia pouco imperial, o de S. Cristovão. Marteladas sobre marteladas adaptaram-se sobre pressa, salas do edificio para recinto legislativo. Noutras salas o leiloeiro Dias, assistido por Virgilio Rodrigues, levantando e abaixando martelo, trazia em hasta publica o espolio da finada imperatriz D. Teresa Cristina.

A Constituinte abriu-se a 15 de Novembro de 1890. Cada Estado do Brasil, pouco antes provincia com p pequeno, mandou representantes á assembleia reunida no Distrito Federal, pouco antes municipio neutro. As maiúsculas eram apenas vistosas.

Em o novo regimen proclamado pelo exercito e armada em nome da nação, o poder legislativo, principiando constituinte, apresentava-se constituído de maneira diferente do mesmo poder modelado no Imperio.

Neste o Senado era vitalicio, na Republica a senatoria temporaria. No regimen abolido a Camara dos Deputados funcionava por legislativas de quatro anos sujeitos á dissolução. O Congresso na Republica não dissolúvel.

No Imperio o conselheiro Silveira da Motta representou Goiaz de 1855 a 1889. A ultima Camara dos Deputados do Imperio ficou em sessões preparatorias, mal agourada a sua primeira sessão da especie aberta no dia de Finados, data da celebração universal da morte.

A ultima Camara do Imperio a provincia de Goiaz mandára á sua pequena bancada dous representantes, goianos, o conselheiro Fleury e o dr. Leopoldo de Bulhões, ambos pelo advento da Republica sem tempo de dizer legislativamente ao que vinham.

Chamado a urnas em 1890, Goiaz Estado escolheu para senatorias respectivamente por nove, seis e tres anos, José Joaquim de Souza, Silva Canedo, antigo chefe conservador, e Silva Paranhos, português naturalizado, residente longo tempo na ex-provincia e participe de sua politica local. Todas as politicas locais se assemelham. E com tanto ardor Silva Paranhos se empenharia em lutas partidarias que dela lhe adveio morte violenta em 1897.

A bancada de Goiaz na Constituinte contou a principio tres deputados: Sebastião Fleury Curado, Guimarães Natal e Leopoldo de Bulhões. Aumentou-se depois a representação goiana com mais um deputado, Urbano de Gouveia, então major do exercito, os seus tres colegas de representação formados na mesma Faculdade, a de Direito de S. Paulo.

O mais moço dos deputados constituintes goianos era Sebastião Fleury Curado cujo patronimico lembrava em honra familia de Goiaz de projecção na provincia e na historia do Imperio.

Sebastião Fleury contava vinte e seis anos de idade. Graduára-se em ciencias juridicas e sociais em 1886. Filiára-se ao partido liberal, o de seu sogro o conselheiro André Fleury, e figurára na assembleia provincial de Goiaz, as assembleias provinciais preparatorias de grandes ou notorios vultos para os embates parlamentares do Senado e da Camara dos Deputados do Imperio.

Dos representantes goianos era o senador José Joaquim de Souza o mais chegado a Sebastião Fleury. Uniram-se para os trabalhos da Constituinte, depois convertida por disposição constitucional em primeira legislatura ordinaria, uma vez organizada a lei basica das instituições recém-proclamadas.

Entre amigos são de precioso laço afinidades comuns. Existiam em Souza e Fleury. No exercicio de mandato moravam até juntos, na rua Fluminense, altos do morro carioca de Paula Mattos.

O senador Souza e o deputado Fleury eram versados em letras juridicas, hauridas em épocas diferentes no foco de cultura da Faculdade de Direito de S. Paulo com seu corpo docente de tantos juriseconsultos: um Ramalho, um Ribas, um Justino de Andrade. Todos doutos e o ultimo tão rigoroso quão justo professor e examinador, invergavel a empenhos. Ensinava e queria que se soubesse, e julgar isto muito é valer muito pouco.

O senador Souza fóra tabelião em Goiaz, antes de matricular-se na Faculdade paulista. Ao cursal-a levava para tanto conhecimentos forenses. Formou-se com trinta e sete anos, escapando do temporal de repro-



UM CONSTITUINTE DE 1890
SEBASTIÃO FLEURY CURADO
(Goiaz 1864-1944)

vações desabado sobre a sua turma academica, a de 1861, nela dezesseis quinto anistas reprovados, reprovados também dous bachareis que defenderam teses bem depois em 1865. Bólas pretas sobre bórlas e capelos.

Advogado notavel, funcionario publico distinto, deputado provincial, o dr. José Joaquim de Souza, senador federal, participou da Constituinte de 1890 ao lado de Sebastião Fleury e em harmonia politica com ele. Tal harmonia é rara.

Souza era então sexagenario. Fleury de verdes anos Souza mostrava indole calma, o amigo na obrigação da juventude, a de ser ardorosa. Souza já sabia o preço das conquistas da vida, Fleury a elas se lançava, com entusiasmo.

Nem Souza nem Fleury foram na Constituinte méros portadores de diplomas eleitorais, justificaram os seus.

Não se limitaram a subscrever Constituição. Estudaram e defenderam idéas. Fleury de temperamento combativo advogou principios democraticos, apresentando emendas e sustentando por conta propria quanto o levava á tribuna.

Da autoria Fleury foi a emenda preconizando a eleição direta do presidente da Republica.

Promulgada a Constituição de 24 de Fevereiro de 1890, seguiu-se ao ato solene a eleição do presidente da Republica. Disputaram-a dous grupos parlamentares apresentando as candidaturas de Deodoro, chefe do Governo Provisório, e de Prudente de Moraes, presidente da Constituinte.

Deodoro foi eleito por 122 votos, 95 dados a Prudente de Moraes. O senador Souza e o deputado

Fleury sufragaram Deodoro, cuja curta presidencia terminaria bem antes da expiração do mandato constitucional. Tendo a ele renunciado, em virtude de sucessos passados á historia, Deodoro morria a 23 de Agosto de 1892. Proximo da morte pediu a seus a execução de duas vontades: dispensa de honras militares, entrega á sepultura á paisana. Tudo cumprido, significativamente.

Deodoro devia presidir Republica de 1891 a 1894. A sua renuncia chamou a governo o vice-presidente

Floriano Peixoto, ministro da Guerra do primeiro Ministerio de Deodoro sucedendo a Benjamin Constant.

No Imperio á mudança de partidos no governo costumavam seguir-se "as derrubadas", isto é a substituição de funcionarios de confiança do partido em ostracismo por gente do partido alçado a poder.

A renuncia de Deodoro seguiu-se exatamente uma "derrubada", não mais de presidentes de provincia, sim a dos governadores solidarios no aplauso ao golpe de Estado de 3 de Novembro de 1891. Só um o condenára: Lauro Sodré, no Pará. A coragem isolada avulta.

Goiaz sentiu os efeitos da "derrubada", palavra substituida em 1891 por "deposição". A primeira palavra lembrava golpe violento, a segunda descida rapida.

Transformado o Congresso Constituinte em legislatura, ordinaria sobretudo a Camara entrára em opposição vehemente a Deodoro.

Sebastião Fleury testemunhou a luta e todos os sucessos desenrolados no decurso da primeira legislatura da Republica findada a 25 de Setembro de 1894. Então lavrára no Rio de Janeiro a revolta da armada, e no Rio Grande do Sul a campanha federalista.

Tornado a Goiaz, não a repouso, Fleury voltaria á Camara na oitava legislatura, a de 1912 a 1914. Teve por companheiros de bancada Marcello Silva, Ramos Caiado e Olegario Pinto. Bancada de advogados, o proprio Olegario Pinto capitão reformado do exercito, mas formado em Direito.

Na oitava legislatura mostrou-se Fleury o mesmo deputado culto da primeira legislatura após Constituinte.

Participou principalmente da discussão do Código Civil. Foi membro da Comissão dos 21, eleita pela Camara para estudo das emendas do Senado ao projeto do Código. Na comissão Fleury encontrou com diléto amigo, Alfredo Mavignier, deputado por Mato Grosso e de otimas letras juridicas.

Nos trabalhos da Comissão dos 21, coube a Fleury relatar o parecer a materia do Código Civil compreendida entre os artigos 1.080 e 1.185, o voto do relator merecendo inteira aprovação da Camara.

Com o termo da oitava legislatura concidio o da vida parlamentar de Sebastião Fleury. Recolheu-se de vez a Goiaz, ao convívio de digna e numerosa familia, ao trato de coestadoanos, á grata companhia de seus livros.

Não figurára só na politica geral como também na estadual. Nela foi membro da comissão de juristas organizadores de duas Constituições. Depois por espaço de vinte anos exerceu funções de procurador da Republica em Goiaz.

Como se não bastasse, para variar labor, Sebastião Fleury retomou pena exercitada no jornalismo academico abolicionista. Fundou jornais, *O Goiano*, *A Voz do Povo*; colaborou em outros órgãos da imprensa local.

Como se não bastasse ainda, e para nova variedade de labor incansavel, dedicou-se Fleury a estudos historicos, transformando-os em monografias muito de prezar. Traziam cunho de exatidão documental e singular elegancia de estilo. O escritor estimava o vernaculo buscando nele molde.

Sacudia Fleury o peso dos anos no trabalho constante. Convidado para orador em festas, oficiais ou não, cedia ás instancias dos que queriam ouvir oração substanciosa sem minga de agrado.

Decano no fóro da capital goiana, Sebastião Fleury era advogado procurado e consultado. Não escrevia Direito por linhas tortas.

Paraninfo de bacharelados na Academia de Direito de Goiaz, Fleury animava a juventude que partia para a vida patria. "Cesar, vêde bem, dizia, tinha 21 anos quando pronunciou a célebre oração contra Dolabella, Vico defendeu o pae aos 15 anos, Odilon Barrot começou a advogar aos 19."

Jornalista goiano, Luis do Couto, assim resumio a existencia operosa de Sebastião Fleury: "Filho de Goiaz, por Goiaz viveu." Mas não só na terra natal deve Fleury ter memoria. O ante-penultimo constituinte de 1890 — apenas da assembleia restando Thomaz Delfino e Borges de Medeiros — merece também homenagem da comunhão nacional, pois no que pouda a comprehendeu, servio e amou.

ESCRAGNOLLE DORIA

SEBASTIÃO FLEURY

A esteireira

(Continuação da página 35)

Ao despedir-se do mulato, Ana, puxando-o pelos dedos e fixando nos dele seus grandes olhos negros, queimados de zêlos, perguntou-lhe se não era exato ter ele dado umas bichas de ouro à Candinha do Fundão e estar inclinado a gostar dela.

Filipinho negou tudo, afirmando que o seu Bem era ela, Ana; que sempre gostou dela e afrontava os perigos que ela bem sabia para vir vê-la à cidade. Se isso não era prova, que mais queria?

Ela acreditou, ou fez que acreditou, pois não tocou mais nisso.

Afagou a cabeleira basta do mulato e, fugindo ao abraço d'este, disse-lhe, a certa distancia, com o braço elevado e o indicador da mão direita apontando para o ar, como quem quer dar uma ordem e ao mesmo tempo ameaçar pelo não cumprimento desta:

— Olhe! Depois d'amanhã, quero vê-lo no Lageiro de Cima. Esteja junto daquela lobeira da margem do córrego, depois que eu tiver apanhado a roupa do coradouro. Adeus.

E virou-lhe as costas, num movimento rápido, saindo a correr.

O mulato contemplou-a até desaparecer; depois, descansando numa perna, tirou de trás da orêlha uma grossa palha, alisou-a com o facão e, picando um pouco de fumo que tirou do bolso da calça, fez um cigarro. Acendeu-o na binga e, vagarosamente, foi descendo a trilha estreita, que, como uma cobra-coral, coleava um bosquezinho de goiabeiras, embaixo das quais os gravatás eriçavam as folhas compridas, duras, bordadas de espinhos.

O crepúsculo abrandava pouco e pouco a claridade do dia. Sua luz tibia vinha banhando suavemente a terra; tão branda que — obra invisível de misterioso pintor — parecia haver um pincel oculto, passando delicadamente pelo espaço e carregando manso e manso as côres, como se a mão que o detinha quizesse fazer, na tela de cristal desse claro dia sertanejo um fundo azul escuro.

Atravessado o pequeno bosque, Filipinho saiu num vasto campo e, descendo sempre, foi ter à praia do córrego, já frouxamente alumada pelas estrelas. Semelhava de longe, na profusão do cascalho claro, onde se destaca-

vam os seixos escuros, uma colossal rede de pesca estendida ao sereno.

O córrego defluía murmuro e harmonioso — doce prática, querulo idílio ou, talvez, bem travada porfia de acordes, na corte da Mãe d'Água.

Filipinho vadeou o Lontra e, subindo o môro fronteiro, desapareceu.

No dia seguinte, à hora marcada, estava o mulato em cima do barranco, ao pé da lobeira da margem do córrego, no lugar chamado Lageiro de Cima.

Ana apareceu nesse dia, como sempre assejada, com a sã de uma limpeza sem par. Trazia nos olhos um brilho estranho; seus olhares pareciam ferir como os espinhos dos gravatás sobre os quais ela estendia algumas vezes a roupa.

E' que o ciúme lhe trabalhara a alma todo o tempo decorrido desde a véspera. Andara assuntando e chegou à conclusão de que o escolhido de seu peito a traía com a Candinha do Fundão.

— Onde esteve ontem, perguntou ex-abrupto, depois que me deixou?

— Você está caçoando, Ana; pois onde é que eu vou quando a deixo? Não é para o meu rancho, lá para os lados do Espírito Santo?

— Mas você passou no Gorgulho e esteve em casa de Sinh'Ana, tanto que quis cinzar a Valu', porque você bem sabia que ela vinha me contar quem lá esteve a brincar com a Candinha.

— Eia, eia, eia! Já Ana começa? Olhe! Quer saber de uma cousa? Diga à Valu' que venha sustentar isso à minha vista; ela há de saber "para que é que tatu' cava". Se você pega com essas bobagens, eu me vou embora, e já. Continuaram ainda a dialogar com certo azedume.

Ana era orgulhosa. Amava a Filipinho, julgando-o todo seu, dela só. Reconhecia-se uma mulata honesta, trabalhadeira e bonita; não era para qualquer uma regateira lhe tomar o noivo.

Entretanto, eram infundados seus receios.

Quando saiu daquele lugar, começou a banzar, procurando um meio de se ver livre da pretensa rival. E no cérebro encandecido da mulata principiou a creptar uma labarêda de idéias fe-

(Continua na página 46)

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA QUARAMIDINA

Instituto Roentgen

Radioterapia Superficial e Profunda
DRS. ÁLVARO FORTES — FERNANDO AZZI
RUA BARÃO DE ITAPETININGA, 139

Salas 10, 11, 12 e 14 - Fone: 4-0394 -- São Paulo

Madame IDA



Transcorreu a 28 do mez de Agosto proximo findo o aniversario natalício de Mme. Ida, conceituada modista patricia, que por êsse motivo foi alvo de carinhosa homenagem de seus parentes e amigos, que lhe foram levar pessoalmente os seus votos de felicidade.

Mme. Ida concluiu com excepcional brilhantismo o seu curso de humanidades e de artes applicadas no Colégio Santa Dorotéa, de Manãos, tendo viajado pela Europa durante algum tempo, onde adquiriu conhecimentos mais apurados na arte de Corte e Alta Costura, motivo por que desfruta hoje, a modista paraense, o justo conceito em que é tida em nossa sociedade elegante.

A recente inauguração do atelier de Mme. Ida, á rua dos Arcos, 39, 1.º andar, em Julho proximo passado, foi um acontecimento de remarcado relevo social, ao qual compareceu o mundo elegante carioca, que vem de conquistar assim mais uma contribuição aos requintes da moda.



Pulsa um coração

PARA DAR VIDA AO SEU RÁDIO

No complicado organismo de uma estação rádio-transmissora, a válvula pode ser comparada a um coração. Órgão vital, dela dependem a intensidade, o alcance e a pureza de som que chega ao seu rádio-receptor.

Fabricando estações de "broadcasting" e receptores de rádio, desde que êsse invento nasceu, acrescentando-lhe melhoramentos que tornaram possível a sua evolução, a General Electric deu o melhor de seus esforços para lhe proporcionar agradáveis entretenimentos: música, notícias e diversão, em sua própria casa e a qualquer hora.

Através da aparelhagem de rádio General Electric, a interpretação artística e a riqueza de som dos instrumentos musicais chegam à sua casa com o máximo de fidelidade.

GENERAL ELECTRIC

LIDER DA INDÚSTRIA DA ELETRICIDADE



"O MUNDO DE AMANHÃ" é o novo e movimentado programa apresentado pela General Electric S. A. Ouça-o, sintoniando todas as sextas feiras, às 21 horas, a Rádio Tupi do Rio de Janeiro.



A General Electric está fornecendo toda a sorte de material de rádio-comunicação às Nações Unidas. Esse esforço, que está reduzindo a produção para uso particular, permitirá que, após a guerra, a General Electric o sirva ainda melhor com melhores e mais aperfeiçoados rádio-receptores.

POEMAS ANTIGOS, de Vinício da Veiga — Rio de Janeiro, 1944.

Antigos, por que? Pela era a que se filiam no motivo inspirador ou na feição literária? Pela época em que foram compostos e em relação à idade atual do autor? A primeira hipótese, logo estas páginas a destroem, não só com a natureza dos assuntos mas também com os processos de execução. A segunda não parece muito apropriada, pois se trata dum poeta ainda moço — e assim Deus o conserve por muitos anos e bons. O que lhe dará a impressão de velhice é o cansaço ou o desânimo dalguns momentos, um dos quais, certamente, lhe sugeriu o título do volume. Assim, ao final do soneto *Spleen*, em que se sente "chumbado ao sofrimento alheio", soluça o poeta:

eu ando a envelhecer antes dos meus vinte anos!

Isso de suportar os males doutrem é, por via de regra, bem preferível a curtir os próprios. E outras poesias do livro acusam um vigor e uma alegria de causar inveja a todos os que já transpuseram a primeira mocidade. Estão nestas ditosas condições os versos da *Anunciação*, que dizem da revolta do sr. Vinício da Veiga contra os pecados e misérias terrenos e da sua definitiva ascensão pelos Espirais do Sonho; as estrofes da *Vindima*, impregnadas de sabor bucólico e de perfume pagão a fantasia *Espirais de fumo*, idealista e risonha ao extremo; *Depois da ceifa*, novo quadro rústico e festivo, e ainda outras páginas de feição a alegrar-nos o espírito e acariciar-nos a sensibilidade. Na técnica do artista não rareiam as audácias que constituem privilégio dos verdes anos. Há neologismos que lhe devem ser exclusivos, tais como os verbos "estalactitar" e "auristrelar", os adjetivos "vascante" e "navrante"; e há licenças poéticas como a de rimar "seráfica com "Africa"... Tudo isso indica juventude, se não propriamente adolescência. Quanto a poemas de tipo arcaico, pouquíssimos se encontram no livro. Mas este vilancete, por exemplo, é encantador:

*Num dia, tantos de tal,
derradeiro de meu bem,
e primeiro de meu mal...*

*O' que alada fantasia,
levou-me a tanto querer-vos
de Amor que se não detem
no caminho da alegria,
com febre para os meus nervos,
pezares, temores, sem
esquecer aquele dia,
derradeiro de meu bem...*

*Mas por desventura minha,
tudo esqueci e desprezei,
desde que vos vi, Rainha
de um Reino que fica além,
e só não esquecerei
aquele dia fatal,
derradeiro de meu bem,
e primeiro de meu mal...*

*Se já não resisto à prova,
de sempre amar, sempre e em vão,
como epítáfio final,
ponham sobre minha cova,
esta simples inscrição:
"Aqui jaz quem por seu mal,
morreu d'Amor com razão,
num dia tantos de tal..."*



Livros

O CASO DO CÃO UIVADOR, romance de Erle Stanley Gardner, tradução de Sônia Guimarães — Porto Alegre, 1944.

Romance policial, Perry Mason é, além de advogado criminal, um detetive privado que pretende ultrapassar Sherlock Holmes. E de certo modo o consegue. O de Conan Doyle resolvia tudo ou quase tudo pela dedução. Bastava-lhe relancear os olhos pelo indivíduo que ia entrando no seu gabinete, para lhe retratar minuciosamente a intimidade e fazer-lhe uma espécie de biografia. Outras vezes, só precisava dum objeto, relógio, bengala, anel, qualquer coisa usada por certa pessoa, para "ver essa pessoa e acompanhar, episódio a episódio, o romance ou tragédia em que ela se tivesse envolvido. Perry Mason não vai além dessas facilidades de observação e conclusão; sobrepuja-as, porém, pela energia instintiva e a audácia dos expedientes profissionais. Uma vez em ação, nenhum perigo ou escrúpulo o faz recuar, ou sequer hesitar. Passa por cima da lei, forja documentos, inventa fatos, fratura cofres, arromba portas, mata se for preciso, contanto que desvende o mistério em questão e leve o criminoso — poderíamos dizer "o outro" — ao tribunal e à condenação. Um dia é procurado por um sr. Cartright que deseja processar o seu vizinho Clinton Poley, dono dum cão sinistro, insuportavelmente uivador. Mason interroga o novo cliente de maneira a obter informações e particularidades que ele não tencionava, de modo nenhum quereria dar; e assim o caso, simplicíssimo à primeira vista: apenas a infração duma postura urbana, passa a oferecer a feição dum problema cada vez mais intrincado e impressionante. A ele o detetive se entrega de corpo e alma, e com os recursos de advocacia de que dispõe, desenvolve um sistema de armadilhas, surpresas, violências às vezes, outras vezes falcatrias — tudo, porém, com a mais louvável das intenções, que é a de salvar uma inocente já, por assim dizer, a caminho da cadeira elétrica. E não só lhe perdoarão, a ele, como o hão de louvar todos os leitores que prezarem tais enredos e tais emoções.

SANGUE ARIANO, romance de Rodolpho Vilhena. — Rio de Janeiro, 1944.

Este romance, conforme o sr. Rodolpho Vilhena nos conta num prefácio impressionante pela sinceridade autoral, pela lealdade para com o leitor, começou por ser uma peça de teatro. Na sua forma original dependia, portanto, da boa vontade e do esforço alheios. Precisava duma empresa que a compreendesse, a estimasse e nela se dispozesse a empregar o capital do seu negócio. Infelizmente, era sizada e honesta de mais para isso. Os críticos que a ouviram ler sem restrições a louvaram; mas os diretores de companhia alegaram, para a repelir, que o seu público só deveras apreciava o gênero hilariante e brejeiro, disparatado e com pilhérias do populacho, em fim: aquilo que a tecnologia do meio designa por "chanchada". Outros comediógrafos teriam desanimado. O autor de *Sangue ariano* apelou para o romance e, para não correr o risco de lhe responderem os editores mais ou menos como os empresários, resolveu imprimir a obra à sua custa.

O motivo central, o principal assunto inspirador destas duzentas páginas é a fecundação artificial. O autor não louva nem condena especialmente esse sistema já adotado em tantos países — sobretudo em relação ao reino animal. Aproveita-o para considerar a situação moral e sentimental das pessoas directamente interessadas. E, situando a acção na Alemanha de Hitler e de Himmler, do nazismo, do antisemitismo e da Gestapo, faz obra de narrador metódico e desassombrado comentarista. Entre os personagens figuram políticos, militares, cientistas, magistrados, gente da alta sociedade gosadora. E' evidente o escrúpulo do autor em evitar qualquer feição escabrosa ou libertina do tema desenvolvido. Embora se não trate dum livro rigorosamente destinado a mocinhas, os mais escrupulosos leitores adultos percorrerão estas páginas sem a menor repugnância ou escândalo. A linguagem é correntia, espontânea, e tornar-se-ia por completo agradável se a não prejudicassem maneiras de dizer determinadas pela pouca experiência ou a precipitação do trabalho. Assim se podem notar impropriedades ou desacertos tais como: *mal grado nosso... ha* (distância) muitas milhas do *front*... A *nenhuma* simpatia de Guilherme pelo seu homônimo, o Kaiser, *baixou* a menos de zero... O bravo oficial troca a farda pela simples *endumentária* (em vez de indumento) de pastor anglicano... Mas esses e outros senões que uma revisão mais cuidadosa corrigiria, de certo, o sr. Rodolpho Vilhena, na segunda edição do livro, os não deixará escapar.

NO SILENCIO DA CASA GRANDE, contos de Emí Bulhões Carvalho da Fonseca — Rio de Janeiro, 1944.

O título deste livro vem do primeiro conto que faz lembrar um velho caso, talvez verídico: uma senhora de fazenda, que, ouvindo o marido gabar os dentes duma joven escrava, resolveu, só por isso, mandar-l'os arrancar, até ao último. O drama que a sr. Emí Bulhões Carvalho nos oferece não é menos cruel, embora, no motivo determinante, se afigure mais humano. O casal, de fazendeiros também, tem como filha única uma mocinha que não seria feia se a não prejudicassem os dentes desalinhados, tortos, quasi negros. Um dia, certa parente sugere, sem de certo imaginar as consequências de tal lembrança: Por que não se procura "dar um geito" àquilo? Ora, há na fazenda uma negrinha cuja dentadura se faz admirar, quer pela nítida regularidade quer pela graça luminosa... Manda-se vir da cidade um dentista consumado em prótese, charlatanismo e barbaridade. E, para fazer um aparelho que ha de substituir os dentes defeituosos da menina rica, não hesita o algoz venalíssimo em desarraigar a cito, duma assentada, as pérolas que adornavam a boca da escrava. A escritora faz passar os episódios do conto através das recordações da pobre protagonista. A exposição obedece a um realismo sem exageros, sem procura de efeitos teatrais e por isso mesmo a nota emotiva assume rara intensidade.

As histórias reunidas neste volume são, em geral, tristes ou trágicas: o "castigo" nazista de atrocidade e escárnio, infligido a uma moça ariana e ao joven judeu seu apaixonado; a decepção duma esposa que, ditosíssima

**GRIPE /
RESFRIADOS /
NEURALGIAS /**

**DÔRES /
de CABEÇA**

TRANSPIROL



Novas

com a esperança de ser mãe, vem a saber que o seu caso era de falsa gravidez; o incidente que desvia do verdadeiro destino um bilhete de amor e causa a desgraça de duas criaturas; a inutilidade duma intervenção cirúrgica em desespero de causa, um incêndio numa maternidade e a angustiosa situação em que ficam os pais dum menino por não poderem distingui-lo entre os outros recém-nascidos; o expediente duma esposa infiel, denunciando-se, em repetidas cartas anônimas, ao marido, para que este a expulse e ela consiga reaver o amante prestes a abandoná-la... Damos assim o ponto de partida ou a circunstância principal desses trabalhos de ficção que, pela naturalidade, a "facilidade", nos fazem crer — como as melhores páginas do mestre no gênero, Maupassant — em coisas acontecidas. A sra. Bulhões de Carvalho, apesar de moça, como o seu retrato nos prova, não aderiu ao movimento modernista de rebuscamento dos motivos inspiradores e adoção da linguagem ignara ou rasteira. Escreve claro e gera mente certo. E, se nos dá agora o primeiro livro, à sua estréia corresponde incontestável triunfo.

MARIA DA PENHA, novela de Flávia da Silveira Lobo — Rio de Janeiro, 1944.

É uma história de morro. Quer dizer: inspirada nos costumes e nos tipos que, no entender de certos escritores que lá não moram, peculiar ou exclusivamente pertencem àquelas eminências da cidade. Com certeza a autora de *Maria da Penha* não reside em tais alturas nem talvez, por curiosidade de novelista, as visitasse. Devemos antes admitir que, em matéria de documentação, satisfizesse o que geralmente se conta e se acredita, cá em baixo... E depois, para que serve a imaginação? Tantos romancistas localizam a sua ficção em cidades ou regiões por onde, como diz o povo, nunca se perderam. Por que não situaria a sra. Flávia da Silveira Lobo a sua novela nas ladeiras da Favela ou do Pendura Saia, de que apenas ouvira falar? Nem por isso a obra deixaria de lhe sair natural e interessante — como, de fato, saiu.



Maria da Penha é uma dessas protagonistas de sketch de teatro popular ou dessas heroínas de samba, condenadas a viver entre o sacrifício de sustentar um vadio truculento e os maus tratos com que este as recompensa de tanta dedicação e tanta miséria. Por fim, o abandono, a fome e, suprema desgraça, o arrependimento inútil por ter vindo tarde... Ao redor dessa personagem, andam indivíduos igualmente tradicionais: a comadre-novidadeira e perversa; a especialista em mizinhas e benzeduras; o dono de venda extorcionário, e metido a conquistador; o negro velho, contador de coisas doutro tempo; o pedinte andrajoso que todas as noites sobe da cidade com as algibeiras atulhadas de níqueis e já possui vários prédios; outras figuras em cujo aspecto, linguagem e maneiras a novelista caprichou e que realmente saíram "parecidas". *Maria da Penha* diverte, comove de vez em quando, prende a gente até à última página. No gênero, que mais é preciso?

J. L.

CONTRIBUIÇÃO DA SUECIA PARA A BIBLIOTECA NACIONAL PERUANA

A Biblioteca Nacional Peruana, em Lima, foi recentemente destruída por um incêndio que causou a perda de quase 110.000 volumes e de 40.000 manuscritos, dos quais muitos eram verdadeiramente insubstituíveis. Seguindo o exemplo dado por algumas nações sul-americanas e pelos Estados Unidos, a Suécia também quis contribuir, tanto quanto possível, para preencher as lacunas: quase 1.000 volumes, na maior parte obras científicas, foram recolhidos em diversas instituições para serem enviados ao Perú.

O trabalho foi realizado pelo conservador da seção etnográfica do Museu de Gotemburgo, sr. H. Wassén, e ele diz que até agora umas 12 instituições e um certo número de particulares puseram grandes coleções de livros à disposição; entre outras a Academia Científica fez presente de uma cópia de todos os seus documentos, que datam de 1864 até 1941, assim como uma monografia do sábio sueco Berzelius, algumas obras de Carl von Linné, botânico célebre, as obras do filósofo sueco Swedenborg, etc. Além de outros doadores, salientam-se a biblioteca acadêmica de Upsala, a Associação de Belas Letras, em Gotemburgo, o museu, a universidade e a biblioteca da cidade de Gotemburgo; e ainda o museu etnográfico de Estocolmo e algumas outras instituições prometeram contribuir.

Ao todo, espera-se receber quase 2.000 volumes, os quais serão enviados para o Perú, o mais cedo possível, a bordo de um vapor que navegue com salvo-conduto.

X.

TRONCOS ESTRANGEIROS DE FAMILIAS CEARENSES — Hugo Victor — Empresa Editora Fortaleza

Autor de obra numerosa sobre util, Hugo Victor Guimarães e Silva é contado entre os escritores cearenses de valor provado. Continuando a produzir, agora publica mais um estudo de história da terra natal. Traz o título de *Troncos Estrangeiros de Famílias Cearenses*.

Pesquisando para bem historiar, Hugo Victor encontrou no Arquivo Público do Ceará dois esquecidos livros que para um qualquer não valeriam. Um dos livros era o de identificação de estrangeiros residentes na antiga província do Ceará, no período de 1842 a 1864, o outro um livro de passaportes.

Muitos alienígenas registrados nos dois livros se residiram no Ceará não deixaram traço rememorativo. Dezesete d'aquelas alienígenas, porém, sobrevivem em proveitosa descendência, bastando citar dois, Smith e Studart. Não conhecer o barão de Studart, por exemplo, é desconhecer o próprio Ceará, tanto Studart o conheceu e exaltou sem cessar.

Pareceu a Hugo Victor que outros alienígenas cujas famílias mantêm hoje notoriamente no Ceará o nome patronímico mereciam estudo especial.

Tal estudo inicia-o Hugo Victor considerando a Família Ellery, de sangue inglês e pernambucano. E, como o pesquisador de Victor Hugo se baseia sempre em boa documentação, o seu novo escrito sem favor também se recomenda à atenção dos que estimam o passado do Brasil, onde quer que se ache.

E. D.

COBRAS VENENOSAS — Eurico Santos — Editora Chacaras e Quintais — São Paulo — 1943.

Recebemos um exemplar do livro supracitado, que faz parte da coleção "Biblioteca Agrícola Popular Brasileira".

É um trabalho completo, bem ilustrado, em que são estudadas todas as espécies de serpentes, sob todos os aspectos.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



Dr. SPINOSA ROTIER

Membro do Círculo Médico de Buenos Aires

DOENÇAS SEXUAIS E URINARIAS

(Endoscopia, Operações, Eletricidade, Hormônios Sexuais)

RUA SENADOR DANTAS, 45 — 9º ANDAR — APARTAMENTO, 912 — TELEFONE, 22-3367



Hábitos criados agora

DURARÃO TÔDA A VIDA

Faça ver ao seu filho, desde logo, para a sua aparência e saúde, a importância da higiene bucal e dos dentes limpos. Escolha com o máximo cuidado o dentífrico que ele deverá usar: puro, eficaz e de sabor muito agradável. Ele gostará do Creme Dental Squibb pelo seu delicioso sabor e pela admirável sensação de frescor que deixa na boca! É tão puro que jamais poderá acarretar-lhe qualquer inconveniente. Não estragará o esmalte dos dentes nem irritará as gengivas, porque não contém nenhuma substância raspante ou adstringente. Acostume-o a usar este delicioso e seguro dentífrico depois de cada refeição, se possível, ou pelo menos, duas vezes ao dia.



CREME DENTAL
SQUIBB

MAIS DE 100 PROVAS DE LABORATÓRIO ASSEGURAM SUA EFICÁCIA E PUREZA

1844-1944

THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA

UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIAUSAR A PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE É SABER DAR PREFERENCIA AO
DENTIFRÍCIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRÍCIA S. S. WHITE

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante".
Experimente-o.

A esteireira

(Continuação da página 43)

rozes, filhas do seu sangue e da sua educação. A tenra e voluptuosa mulatinha



UM BUSTO PERFEITO

Dá elegância e juventude à mulher...

A plástica perfeita do busto é elegância e juventude. Seios caídos prejudicam a silhueta feminina.

É fácil, porém, reconquistar a perfeição do busto, usando a PASTA RUSSA.

A PASTA RUSSA, isenta de perigo para o organismo, usada diariamente, ativa a circulação do sangue, e age sobre os tecidos atrofiados, dando firmeza aos seios.

Readquira a juventude do busto, usando PASTA RUSSA, um produto científico de comprovada eficiência e confiança absoluta.

PASTA RUSSA

Nas boas farm. e perfumarias

Distribuidores:

ARAÚJO FREITAS & CIA.
Rua Miguel Couto, 88 - Rio

cedêra o passo à urucuiana selvagem — canguçu' farejando um novilho para os filhotes famintos.

Ao amanhecer do outro dia, toda blandícia convidava a Candinha a dar um pulo à Contagem, para trazerem uns cajus que Ambrosina lhe prometêra. A outra tornou que não haviam de ir sósinhas.

— Alí tão perto? Que tem isso? Vamos no mouro de papai; é um cavallinho muito bom e dá garupa. Antes do sol alto lá estaremos.

LOTES DE LINHO,
MIXTOS E DE CRETONE

Guarnições de mesa — Linhos avulsos — Cambraias, etc. Vendas por atacado e a varejo — Grande facilidade nos pagamentos — Solicitem demonstrações sem compromisso a JULIO HIRSCH.

AV. BRIGADEIRO LUIZ ANTONIO, 350
FONE 2-2022 — S. PAULO

Aceito o convite, partiram as duas, de boa harmonia, conversando desculdasas.

Depois de uns três quartos de hora de marcha, Ana, sem que a companheira o percebesse, saca de uma navalha e, vibrando-a com mão rápida e firme, corta a carótida à infeliz companheira, que estava unida a si, abraçada à sua cintura, na garupa do animal. Caíram ambas, e Ana, não querendo que na estrada houvesse grande marca de sangue, encostou os lábios ao lugar de onde irrompia aos cachões e, carnívora esfaimada, chupou, chupou por muito tempo, carregando, depois, o corpo da desventurada para bem longe, onde um desses precipícios, cavados pelas enxurradas, recebeu-o no fundo de sua fauce.

Não foi mais à Contagem, nem voltou à cidade. Desse lugar mesmo, safou a procura de Filipinho, desvairada, fustigando o animal, bracejando como os selvagens nômades de que fala um romancista, quando pilhados pela luz do

dia. O pêlo finíssimo, imperceptível quasi, que lhe cobria os braços como poeirinha de ouro fôco, eriçara-se todo, arrepiando-se como cerdas de caetetu'. Os olhos negros, desmedidamente abertos, parecendo olharem através de um véo de sangue, tinham a expressão ao mesmo tempo páfida e feroz da marra bravia perseguida pela matilha.

Assim galopou até ao Espírito-Santo, onde o tugurio de Filipinho se erguia quasi à beira do córrego, mesmo junto de um perú. As águas tinham aí uma coloração escura, carregada ainda pela sombra dos ingazeiros, cujos ramos se debruçavam para dentro do pôco, mergulhando nele as vagens cheias da polpa doce e branca, que as curumatis vinham beliscar.

Depadou-se-lhe o mulato, a pouca distancia do seu tugurio, sentado tranquilamente à sombra de uma árvore, a tesser chapéus com a sêda do buriti. Ana gritou-lhe de longe que a seguisse, que fugisse com ela, pois nada mais a prendia àquela terra.

Estupefacto com o seu aparecimento naquelas paragens, Filipinho não lhe pôde compreender as palavras. Entretanto, ela, arquejante, com os lábios tintos de sangue e o olhar tórvo, ejaculava:

— Monte! Vamos para as Traíras, que os soldados querem prendê-lo!

Muitos dias depois, na grande estrada real das Trahyras, uma escolta de cavalaria de polícia, armada de revólveres e espadas, encalçava criminosos. Ana e Filipinho eram tenazmente perseguidos.

O cadaver da Candinha fôra descoberto, e a fuga dos dous amantes, ligada a mil outros indícios, os havia indigitado como autores do crime.

A solidão das selvas, a perspectiva do perigo a cada passo, as fadigas das jornadas e vigílias, transfundiram numa aquelas duas almas. O noivado desses dous rebentos opulentíssimos da exuberancia tropical se havia celetalado como o do jaguar, no meio das matas, à voz melancólica dos jaós, à sombra densa de uma imburana.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS POROS
A VENDA EM TODA A PARTE

A escolta, com o Marianão à frente, foi topar os fugitivos na estreita ponte sobre o rio Trahyras.

Filipinho, ao dar com os soldados, antes de chegar à ponte, encostou-se ao tronco de uma árvore e esperou o assalto, acuado como tigre prestes a empolgar a presa.

Os dous tinham vindo a pé.

Marianão deu-lhes voz de prisão.

Filipinho não respondeu.

O cabo e seus companheiros desmontaram, marchando em seguida sobre o mulato, em cujo braço robusto refulgia a lâmina de um facão, sua única arma.

A poucos passos de Filipinho, fizeram alto os soldados, e Marianão intimou-os a se renderem, os dous foragidos. Filipinho deu um salto para a

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

frente, ao mesmo tempo que se ouviam estampidos de tiros.

Dous corpos tombaram pesadamente, e os soldados recuaram, vendo o Marianão, varado pelo facão de Filipinho, que cavalgava o valente soldado, estendido de costas. O mulato, debruçado sobre o corpo do soldado, mordida-o, esfaqueava-o, misturando com o dele o sangue da própria ferida.

Ana saltara, rangendo os dentes, qual cadela ruiva.

Defrontando os outros soldados, ela dera costas a Filipinho e Marianão, cujos corpos se haviam como que misturado nas convulsões da agonia.

Ana estava desarmada; mas, com o busto inclinado para diante e os dedos das mãos recurvados como garras, pronta se achava para a defesa.

Nôvo estampido se ouviu.

A rapariga levou a mão ao seio e não pôde sopitar um grito terrível, um rugido antes, que ecoou pela mata.

Recuou dous passos e tombou, ao través, sobre os corpos de Filipinho e Marianão.

Um bando de gralhas do cerrado, de plumagem azul escura, passou alto, desferindo seu grito intercadente, longo, mais semelhante a uma gargalhada.

Ao longe, na orla do campo perdizes piavam tristemente.

A beira da mata, num chavascal de cambaúbas, duas juritys, que os tiros haviam amedrontado, arrulhavam com ternura, aconchegando-se.

(Do Livro: "PELO SERTÃO")

Quero bom trato!

TIMBOROL

É o melhor e mais eficiente sabão veterinário, por conter todos os elementos ativos do timbó.

EVITA E COMBATE AS PULGAS, CARRAPATOS, SARNAS, ECZEMAS, FERIDAS, E, EM FIM, TODOS OS PARASITOS E DERMATOSES, ASSEGUANDO A HIGIENE E BELEZA DOS ANIMAIS.

IND. QUIMICAS TONKH, LTDA.
C. Postal 1495 — Rio de Janeiro

Feminino



CORTE E COSTURA

Aprenda pelo método moderno **POR CORRESPONDÊNCIA**, o Curso completo de Corte e Costura. Estude em sua própria casa, nas horas livres, sem deixar suas ocupações habituais.

Em pouco tempo e com poucos gastos, será uma excelente modista, perfeitamente preparada para fazer qualquer trabalho nessa profissão.

GRATIS

Cada aluna receberá: Figuras da última moda - Carteira de Identidade - 100 cartões de visita - Serviço especial de consultas sobre o curso.

MENSALIDADES SUAVÍSSIMAS

ENVIE-NOS HOJE MESMO O COUPON ABAIXO

INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO
CX. POSTAL, 5058 - SÃO PAULO

189

Ilmo. Sr. DIRETOR:
Peço enviar-me
GRATIS E SEM COMPROMISSO
o folheto e as informações completas sobre o Curso de Corte e Costura.

NOME _____
RUA _____ N.º _____
CIDADE _____ Estado _____

Blusas para todas as horas em fazendas leves de fantasia; os babados em forma de "jabot" são os motivos principais destas blusas, dando a todas leveza e "charme". De algumas o babado é de renda ou bordado.

CABELO BRANCO?
LOCÃO
Brilhante

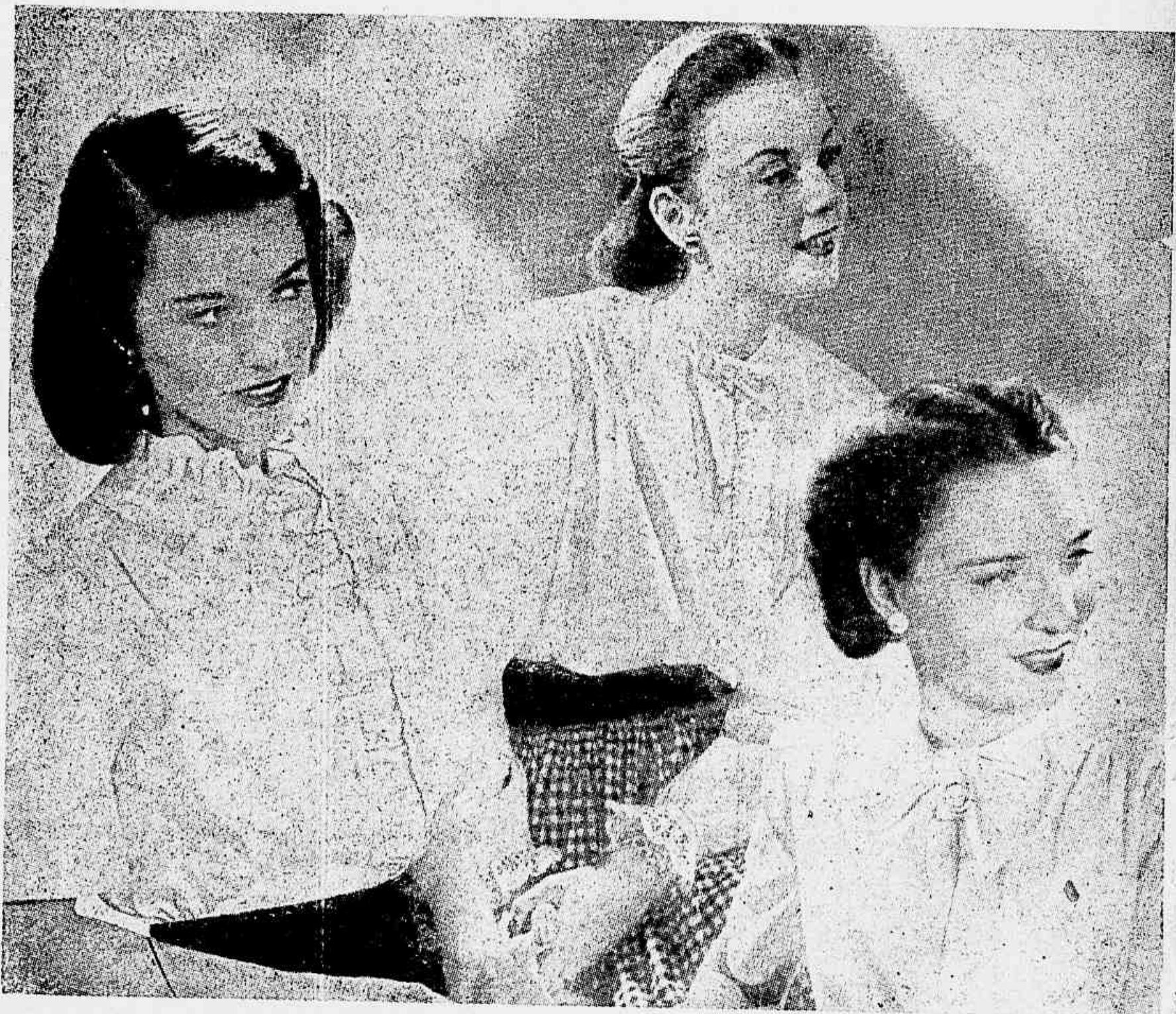
O que se deve evitar

O homem é um animal racional, mas nem sempre sabe usar do seu raciocínio em seu benefício e no do próximo com o qual ele é obrigado a conviver e portanto a permutar sentimentos, gestos, mercadoria. Cada profissão tem a sua própria ética, sem a qual, essa permuta, necessária, tornar-se-ia impossível quase sempre e difícil sempre. Na convivência diária, o ser humano precisa adaptar-se a regras e pragmatismos que naturalmente lhe facilitam e tornam agradáveis os momentos de vida transitoria passadas neste planeta. Há seres egoístas que estão sempre pensando

serem eles os senhores do mundo, aos quais tudo é permitido e para os quais foram feitas todas as coisas boas da vida; esses não têm nenhuma noção de solidariedade humana, e seria até injustiça compará-los a nossos amigos irracionais pois estes têm as suas sociedades grupais muito organizadas onde a lei

e a ética são inteligentemente observadas para harmonia do conjunto. O lar é sempre a primeira escola do homem, e isso é tão velho e tão certo, que um rifão popular consagrou a frase: "Costume de casa vai à praça", querendo significar que na vida pública social se pode julgar a origem doméstica de

cada indivíduo. O homem educado, num lar bem organizado, dificilmente será incivil, ele tem ingenuamente, espontaneamente gestos de cavalheiro. O cavalheirismo denota também superioridade e finura de sentimentos, uma coisa que ninguém pôde ensinar: dom que vem do berço por uma feliz herança.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

Qual a sua Idade?

A de sua cabeça!... Ninguém é mais jovem que seus próprios cabelos... Principalmente as senhoras.

Cabello sem vida, opaco e escasso, significa velhice, embora se tenha vinte annos... Cabello vivo, abundante, brilhante, é juventude — embora se tenha cincenta!...

Uma fricção diária com **TRICÓFERO DE BARRY**, antes de pentear-se, não só dá brilho e maciez ao cabelo, como defende-o contra a caspa e evita o encanecimento prematuro e a calvície.

Em todas as idades — da infância à velhice — **TRICÓFERO DE BARRY** é recomendado para amaciar o cabelo, facilitar-lhe o penteado e evitar-lhe a queda.

Tricófero de BARRY



Esta Não Ficarà Solteirona

★ Não falta nada para completar essa beleza radiante que todos admiram. Ela bem sabe quanto vale a Triple Ação do Crème Dental Kolynos, que refresca, embeleza e limpa os dentes. Adote o mesmo sistema:—use Kolynos duas vezes ao dia, para ter uma dentadura linda, sadia... e um sorriso cativante!

Use-o com Confiança

Triple Ação

1. LIMPA

2. EMBELEZA

KOLYNOS
CREME DENTAL

3. REFRESCA

O CADAVER DE PERCIVAL BLAND

(Continuação da página 19)

ciam mãos verdadeiras e via, na sua imaginação, delinear-se um plano... Um plano magnifico e interessante. Um plano perfeito, que, á medida que ia se desenvolvendo ia apresentando falhas que elle logo supria. Uma sugestão, bem nítida e perceptível, era apresentada por aquela caixa, daquele geito...

Lembrava-lhe seu primo Roberto e seus planos feitos por outro lado para descansar, para abandonar, de uma vez por todas, o trabalho exaustivo e, se bem que produtivo, bastante perigoso que escolhera.

— Farei ou não farei aquilo que estou planejando? pensou o ladrão. E decidiu-se a pôr em prática o seu plano.

Mas havia uma dificuldade e esta era quasi intransponível. Era simples para um cidadão qualquer comprar uma coisa de que precisa. Bastava dizer que queria comprar, tirar do bolso o dinheiro necessário para adquirir a coisa desejada e recebê-la. Era, como vêem, extremamente simples. Havia uma dificuldade, porém. Não era caso de dinheiro. Isso não faltava a Percival. Também não era timidez que o impe-

disse de expressar o seu desejo, afinal tão simples. Era o fato puro e simples de que não queria que se soubesse que havia adquirido o objeto. E como adquirir um determinado objeto, sem auxilio de um cúmplice? Era procedimento arriscado. De que modo agir para que não se suspeitasse de que ele o comprara? Afinal resolveu correr o risco. Compareceu ao leilão e arrematou o lote que constava da caixa com ossos por um preço mais do que módico.

O leiloeiro colocou o objeto sobre a mesa e tinha, evidentemente, um ar de desprezo pelo que havia a sua frente.

— Quando me dão por essa magnífica coleção de ossos e instrumentos cirurgicos, em excelente estado? Quanto me dão?

— Seis xelins, gritou Percival. Ninguém fez mais ofertas. Ele arrematou o objeto. Estava acabada a primeira parte do seu plano.

— Agora é preciso completar as minhas compras, pensou.

Naquella mesma noite, Percival, em sua casa, conversava com a governante.

— Sr. Percival...

— Diga...

— Eu queria pedir uma coisa ao senhor...

— Pois não...

— Mas eu... Eu não sei se o senhor vai ficar zangado...

— De modo algum. Se não puder conceder-lhe o que me pedir, recusa-

rei. Nada mais simples...

— Pois bem, eu...

— Vamos, fale. Não tenha medo.

— Eu queria passar o Natal fora, sabe?

— O dia de Natal? Mas você sempre teve folga no dia de Natal...

— Não senhor. É pelo seguinte. Eu queria passar mais de um dia. Meu irmão mora longe e eu queria passar o dia com ele, depois voltar no dia seguinte á noite...

— Pois não. Pode ir.

— Ah! muito obrigado. Sr. Percival. Muito obrigada.

— De nada. Era só?

Os meus planos vão de vento em pópa, pensou Percival.

— Bem. Sr. Percival, eu...

— Há mais alguma coisa?

— E', sim, senhor.

— Então diga logo...

— Pois é, não é? Eu...

— Vamos. Desembuche!

— Bem, a Maria...

— A Maria quer ir também, não é isso? Por que ter medo de me dizer isso?

— Bem, o senhor podia não gostar de ficar sozinho...

— Não faz mal. Você deixa tudo em ordem. E, depois, pode ir.

— O senhor é um anjo, Sr. Percival.

— Está bem, está bem. Mas agora deixe-me só que eu preciso trabalhar.

Chegara a oportunidade. Seu plano tornara-se mais facil com a colaboração do destino que ajudara-o consideravelmente.

— Agora é preciso agir depressa, pensou Percival.

II

No dia seguinte, quem acompanhasse as compras do Sr. Percival ficaria muito surpreso.

Ele foi, primeiramente, a uma livraria.

— Que deseja, cavalheiro?

Percival pensou.

— Quero alguns livros de medicina...

— Pois não. Por aquí.

— Obrigado.

— Que assunto o senhor deseja examinar?

— Anatomia...

— Aquí está. Há uma prateleira somente sobre anatomia.

— Muito bem.

— O senhor deseja algum trabalho de autor conhecido?

— Bem...

— O senhor não se interessará por essa anatomia de Gray?

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

O empregado espantou-se perante a ignorancia de um cavalheiro que queria livros de medicina e não sabia o nome de Gray.

— Gray?

— Sim.

CREME DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mma. Campos
BRANQUEIA E AVELUDA A PELE
A VENDA EM TODA A PARTE

REGULADOR XAVIER

★ O remedio de confiança da mulher ★

DUAS FORMULAS DIFERENTES PARA DOIS MALES DIFERENTES.

N.º 1 Regras Abundantes - Hemorragias
N.º 2 Falta ou Diminuição de Regras



BELZEMA

para Erupções da Eczema

• Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.



Rotenol
NÃO HA MELHOR SABONETE
SEJA QUAL FÔR O PREÇO

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACAO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SAO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTIFICOS DA CUTIS
Poco enviar-me prospectos:
NOME: _____
ENDEÇO: _____

ATAQUES EPILÉPTICOS OU NERVOSOS

NOVO TRATAMENTO

O tratamento mais eficaz e seguro que a medicina tem hoje em dia para os ataques nervosos ou epiléticos é o que se faz com **MARAVAL**—solução. Este poderoso medicamento, graças á feliz combinação de elementos opoterápicos e vegetais de sua fórmula, restitue em pouco tempo a saúde, a alegria e o sossego aos doentes. **MARAVAL**—solução—é verdadeiramente o tratamento racional e científico dos ataques nervosos e epiléticos.

Não encontrando **MARAVAL**—solução—nas Farmácias e Drogarias, escreva ao Depositário, Caixa Postal 1874, São Paulo.

MARAVAL

— Com certeza é para presente, pensou ele.
— Bem. Mostre-me o livro, disse Percival.
— Aqui está ele, replicou o vendedor.
— Muito obrigado.
— De nada. Não tem de que.
Percival saiu da livraria, com o livro de Gray debaixo do braço.
Essa foi a sua primeira compra.

A seguir passou por um açougue. A transição é, admito, demasiado violenta. Mas foi, de fato, num açougue que ele entrou.

— Boa tarde, cavalheiro.
— Boa tarde.
— Em que posso servi-lo?
— Desejava um quilo de carne.
Feita a compra, Percival, poz-se a andar até passar por outro açougue onde comprou novo quilo de carne até perfazer dez quilos.

Sua próxima visita foi a uma casa de couros e peles onde adquiriu uma pele de coelho.

— Uma pele de coelho, cavalheiro? perguntou o empregado.
— Sim, não tem?
— Bem, é costume comprar-se uma pele mais decorativa...
— Eu quero uma pele de coelho.
Finalmente o homem resolveu satisfazê-lo.

A próxima loja que Percival visitou foi uma papelaria onde adquiriu cola.

— Cola, cavalheiro?
— Sim?
— Vidro grande ou pequeno?
— Dez vidros grandes, disse Percival. E, ante o espanto do rapaz, continuou:
— E' a minha provisão para o mês. Isso pareceu tranquilizar o jovem.

A ultima compra foi talvez a mais corriqueira, mas por isso mesmo a mais surpreendente.

Numa loja de ferragens, Percival pediu:
— Uma panela, por favor.
E esta foi a ultima compra que ele fez.

Que iria o nosso herói fazer duma panela e os outros objetos que adquirira? "Construir" um cadáver, era o seu plano. E plano bem simples.

Com os ossos, a carne, a pele de coelho, a cola, a frigideira e lendo a Anatomia, ele iria reconstituir o cadáver. Era simples.

— E assim nosso amigo fez. Reconstituído o cadáver, ele na noite de Natal preparou a cena. Mais uma compra teve que fazer para completar o plano.

— Quero dois litros de gasolina, pediu.

E, assim, armado com a gasolina, reconstituído o cadáver, pronta a cena, destruídos os vestígios da preparação, ele passou de pôr em prática o que planejara.

Era noite de Natal e as casas vizinhas estavam em festa. Todos distraídos, não prestaram atenção ao estranho procedimento do dono da casa n.º 32. Depois de molhar o chão do quarto em que colocara o cadáver com gasolina e atear fogo, ele desapareceu, cuidadosamente, pela porta dos fundos...

Dentro de alguns minutos altas labaredas queimavam a casa. Pouco depois, soou a sirene do corpo de bombeiros e mais tarde veio o carro da polícia.

Verificaram que Percival Bland morrera no acidente e garantido que na polícia não houve quem chorasse a sua falta.

Estava encerrado o caso de Percival Bland cujo cadáver carbonizado jazia no necrotério.

Terminara o trabalho da polícia. Terminara o trabalho dos bombeiros. Terminara o trabalho de todos menos da agência de seguros que teria que pagar o seguro de vida ao tal Roberto Lindsay, primo da vítima.

E isso, asseguro-lhes, não era nada agradável para a agência de seguros. E foi assim que o embuste veio a ser descoberto.

Como? Vamos com ordem. Sigam os fatos sua ordem cronológica...

III

— Incrível!
— Hum.
— Impossível!
— Não é lógico!
— Hum.
— Inacreditável!
— Hum.
— Impossível!
— Você está se repetindo sem dizer a que eles se referem.
— E' inacreditável.
— Repetiu outra vez.
— Mas você então não compreende que...

— Que o que? Deixe de fazer essa cara de imbecil e diga logo.
— Pois bem.
— Que foi?
— O preço do chapéu da minha mulher!

— E então?
— O que me intriga não é isso! O que eu não posso compreender é essa razão inversa!

— Que razão inversa?
— Imagine você que quanto menor é o chapéu maior a conta!

— Ora!
— Você pôde não achar isso importante porque não é você quem paga as contas.

— Deus me livre!
A conversa, que corria nesses termos entre Thorndike e mim, foi interrompida por um criado.

— Há um cavalheiro que deseja falar com o senhor, disse.

— Thorndike respondeu:
— Mande entrar.

Perguntei: — Quem será?

— E meu amigo, com a sua proverbial má vontade, redarguiu:

— Como é que você quer que eu saiba sem tê-lo visto?

— Puxa! Não precisa ficar zangado por uma coisa tão simples como esta!

— Então não faça perguntas tão idiotas.

— Está nervoso, hein?

— Pois é.

O cavalheiro vinha entrando.

— Bom dia, saudou-nos.

— Bom dia, respondi.

— Bom dia, replicou.

Thorndike não o saudou.

— Que é que o traz aqui?

— Um caso complicado que queria que o senhor resolvesse.

— Quem é o senhor?

— Chamo-me Roberto Law.

— Muito bem. E quem representa?

— Uma firma de seguros de vida.

— Que querem que eu investigue?

— Um incêndio e a morte de um dos nossos segurados!

— Pois bem. Que aconteceu?

Um dos nossos segurados morreu num incêndio. Pois bem, a sua vida fôra assegurada por um quantia muito elevada em virtude do seu ótimo estado de saúde.

— Muito bem...

— E nós queríamos...

— Suspeitam que haja alguma coisa...

— Não. Não há suspeita alguma.

Mas, de qualquer maneira, queríamos que o senhor investigasse o caso de modo a ficar bem claro que, de fato, a morte foi acidental. Queríamos saber como começou o incêndio, o que a polícia não conseguiu descobrir...

— Quem era a vítima?

— Percival Bland...

— Mas, se não me engano, Percival Bland era um ladrão habilíssimo que a polícia vinha querendo pegar há muito tempo...

— Ele mesmo...

— Nesse caso...

— E' impossível que haja fraude...

— Quem é beneficiado pelo seguro de vida?

— Um primo de Bland, Roberto Lindsay.

— Muito bem. E quer então que eu...

— Que o senhor se encarregue de verificar se de fato foi uma morte acidental ou...

— Quando quer que eu tome conta do caso?

— Assim que puder. Temos pressa...

— Por que?

— Há um prazo para a entrega do seguro. E, uma vez entregue o seguro, isso significa que estamos convencidos de que a morte foi acidental e, mais tarde, poderemos protelar se viermos a descobrir que, ao contrário, foi suicídio...

— Muito bem. Hoje mesmo, à tarde, estarei no necrotério para examinar o cadáver. Depois passaremos pelo local do sinistro. E depois de examinar ambos direi a minha opinião.

— Muito obrigado.

— De nada. O caso me interessa...

— Ah! Mais uma coisa!

— Sim!

— O diretor da companhia garante ao Sr. que quanto à remuneração não era preciso o senhor preocupar-se. Seu tempo não será perdido...

— Ótimo. Até mais tarde.

IV

Depois de visitar o necrotério e o local do incêndio, Thorndike disse ao representante da Cia. de seguros que poderia guardar o seu dinheiro.

— Então?

— Sim. Foi uma fraude. Vamos à casa do Sr. Lindsay.

— O senhor acha que ele tem alguma coisa a ver com isso?

— Ele tem TUDO a ver com isso.

— Sr. Roberto Lindsay?

— Eu mesmo.

Tem certeza de que não se chama Percival Bland?

Mais tarde, quando Percival já estava preso e o representante da Cia. de Seguros se retirara, perguntei a Thorndike:

— Como descobriu a fraude?

— Mas você, então, não ouviu a minha explicação?

— Não se lembra que eu tive que sair na melhor hora?

— E' verdade. Pois bem. Vou explicar. O nosso amigo Percival engendrou um plano muito interessante para que pensassem que estava morto. Mas houve uma falha. Um engano que sómente um médico seria capaz de verificar. O cadáver carbonizado que vimos no necrotério era não o de um homem, porém de uma mulher!

— Como?

— E' evidente que ela arranhou os ossos, porém não conhecia anatomia suficientemente para notar a diferença...

A nossa Capa

A propósito da recente inauguração do Museu da Inconfidência, em Ouro Preto, quiz a REVISTA DA SEMANA oferecer aos seus leitores uma completa reportagem levada a efeito na histórica cidade mineira. Lá estiveram os nossos redatores, por espaço de três dias, colhendo o mais substancial e abundante material, tão desenvolvido que nos permite desdobrar esse serviço por três números seguintes. O motivo fotográfico da sobrecapa neste número foi colhido frente à velha igreja de São Francisco de Assis, com o auxílio de um dos mais antigos moradores da outrora cidade de Vila Rica. As igrejas de Ouro



No proximo número:

ASPECTOS PITORESCOS E DESCONHECIDOS DE OURO PRETO

Continuação da grande reportagem deste número

DEANNA DURBIN E A MODA e muitas novidades

Você tem vocação para detective?

SOLUÇÃO DO CASO DA ULTIMA SEMANA

CRIME NO OBSERVATORIO

Quando Cobb encontrou o alcapão levantado percebeu que March fôra assassinado. Se a morte houvesse sido acidental ou no caso de se tratar de um suicídio, o alcapão não estaria levantado. Jackson traiu-se quando mostrou saber que March não estava de óculos. Disse-lhe que ninguém tocara no corpo. Lil confessou que quando visitaram March, às 9 horas, este ameaçara falar à polícia sobre a extorsão.

Logo depois seguiram-no ao telhado e Jackson atirou-o de lá, sabendo que nada seria provado sobre a extorsão se March desaparecesse. O ato impensado de Lil, conseqüência do seu nervosismo, deixando aberto o alcapão, condenou-os.

Preto são por demais conhecidas e fazem lembrar-nos sempre das obras imortais de Aleijadinho, associando o pensamento ao episódio heróico dos alferes José Joaquim da Silva Xavier o "Tiradentes", e até mesmo ao romance de Marília de Dirceu. Todos esses motivos são amplamente explorados nas reportagens que hoje começamos a publicar e que se prolongarão por dois outros capítulos: um sobre aspectos pitorescos e pouco divulgados de Ouro Preto, e outro sobre a necessidade das autoridades do país zelarem, sempre e cada vez mais, pelo patrimônio histórico existente naquelas plagas nacionais.

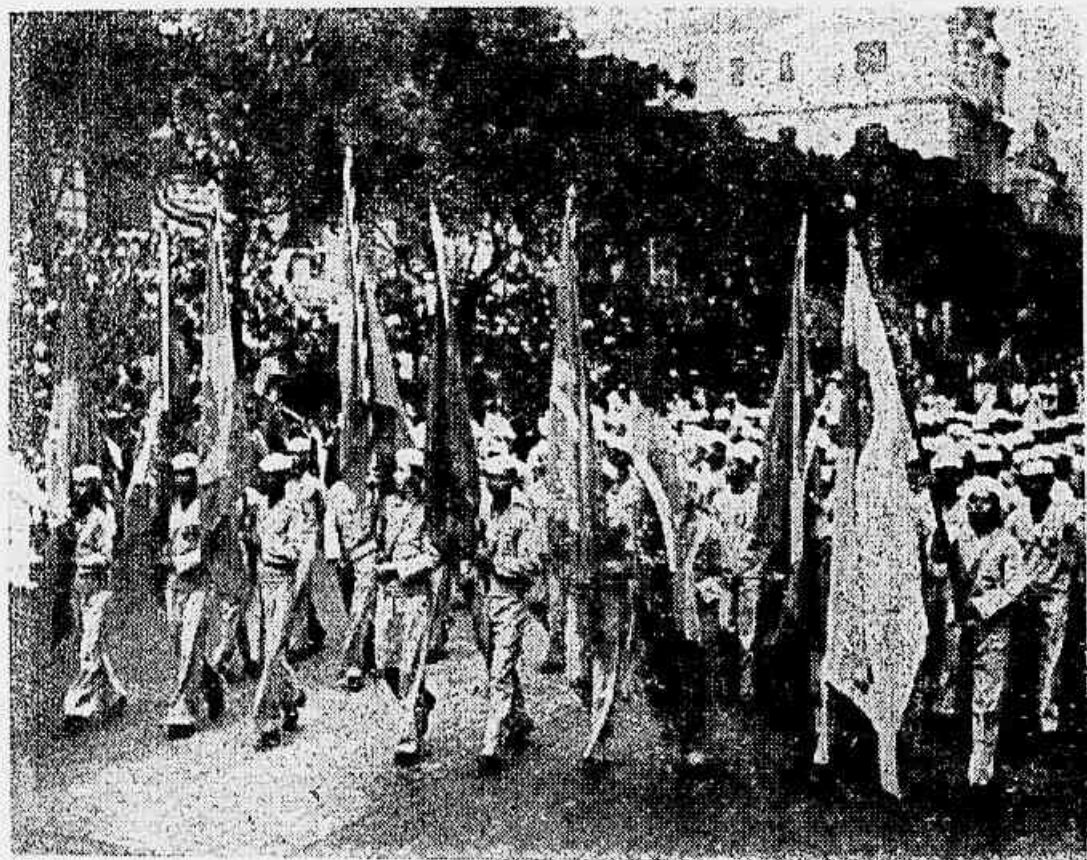
ASPECTO DA AVENIDA RIO BRANCO, TIRADO JUNTO À BIBLIOTECA NACIONAL, ONDE SE LOCALISAVA O PALANQUE PRESIDENCIAL. COMO SE VÊ, O POVO AFLUIU NUMEROSO E ENTUSIASMADO.



A CHEGADA DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA, SOB OS APLAUSOS DA MULTIDÃO, MARCOU O INÍCIO DO SENSACIONAL DESFILE, QUE SE REGISTOU COM O BRILHO E O ENTUSIASMO JÁ TRADICIONAIS NESSE ACONTECIMENTO, QUE FAZ PARTE INTEGRANTE DAS COMEMORAÇÕES DA SEMANA DA PÁTRIA.



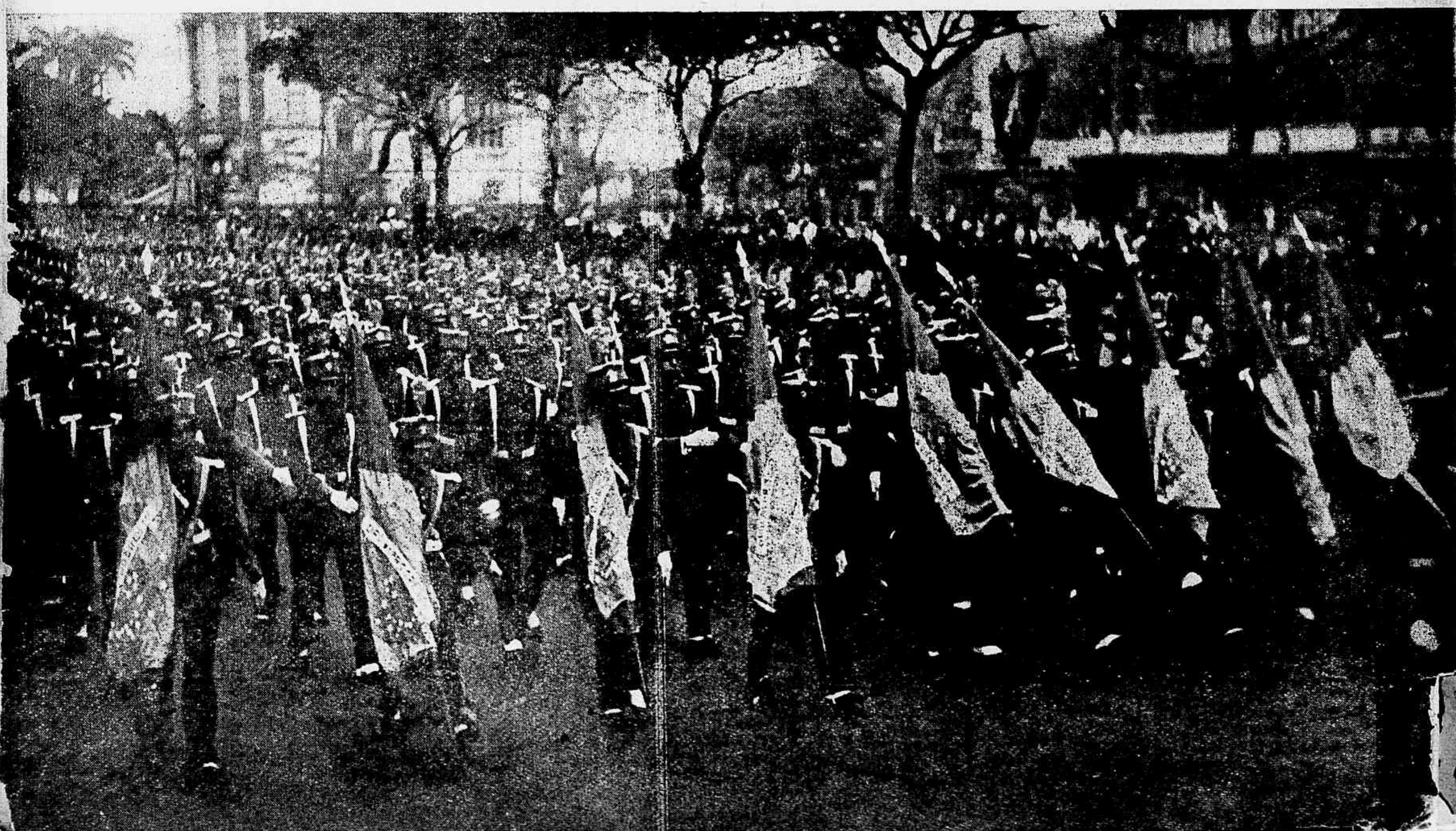
PARADA DA



O COMPARECIMENTO DA ESCOLA DE PESCA DARCY VARGAS, À PARADA DA JUVENTUDE, FOI UM MOMENTO CULMINANTE NESSE IMPONENTE DESFILE. A RAPAZADA APRESENTOU-SE PERFEITAMENTE EM FORMA, OSTENTANDO O PAVILHÃO NACIONAL E O DA SUA CLASSE, SOB APLAUSOS DA MULTIDÃO.

CONSTITUIU autêntica demonstração de pujança e eugenia da mocidade carioca a Parada da Juventude, realizada domingo último. Para assistir ao desfile, reuniu-se em várias artérias da cidade grande multidão. O Presidente da República, acompanhado do Prefeito Henrique Dodsworth e de várias outras autoridades do país, em palanque especial, assistiu ao desfile que se revestiu de extraordinária brilho. Iniciando as comemorações da Semana da Pátria, esse desfile foi realmente um ponto de referência para tantas outras festividades que estavam sendo realizadas quando encerramos os trabalhos desta edição. Em nosso próximo número, ofereceremos aos leitores completo serviço fotográfico não só de vários colégios que participaram desse desfile do dia 8 de setembro, como também da grande parada militar do Dia da Independência. Além dessas, registraram-se outras não menos imponentes solenidades, convido destacar desde já a Concentração Cívico-Orfeônica promovida pelo Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, do Ministério da Educação e

A ESCOLA MILITAR, QUANDO ENTRAVA NA AVENIDA RIO BRANCO, IMPONENTE E SOB FRENÉTICOS APLAUSOS. AO FUNDO, O PALÁCIO MONROE, POR ONDE JÁ APARECENDO AS TROPAS EM DESFILE.



UM DETALHE OBTIDO NO LOCAL ONDE O PRESIDENTE GETULIO VARGAS E ALTAS ENTIDADES DO GOVERNO ASSISTIRAM AO DESFILE DA MANHÃ DE DOMINGO, PARTE INTEGRANTE DAS FESTAS DA INDEPENDENCIA.



JUVENTUDE

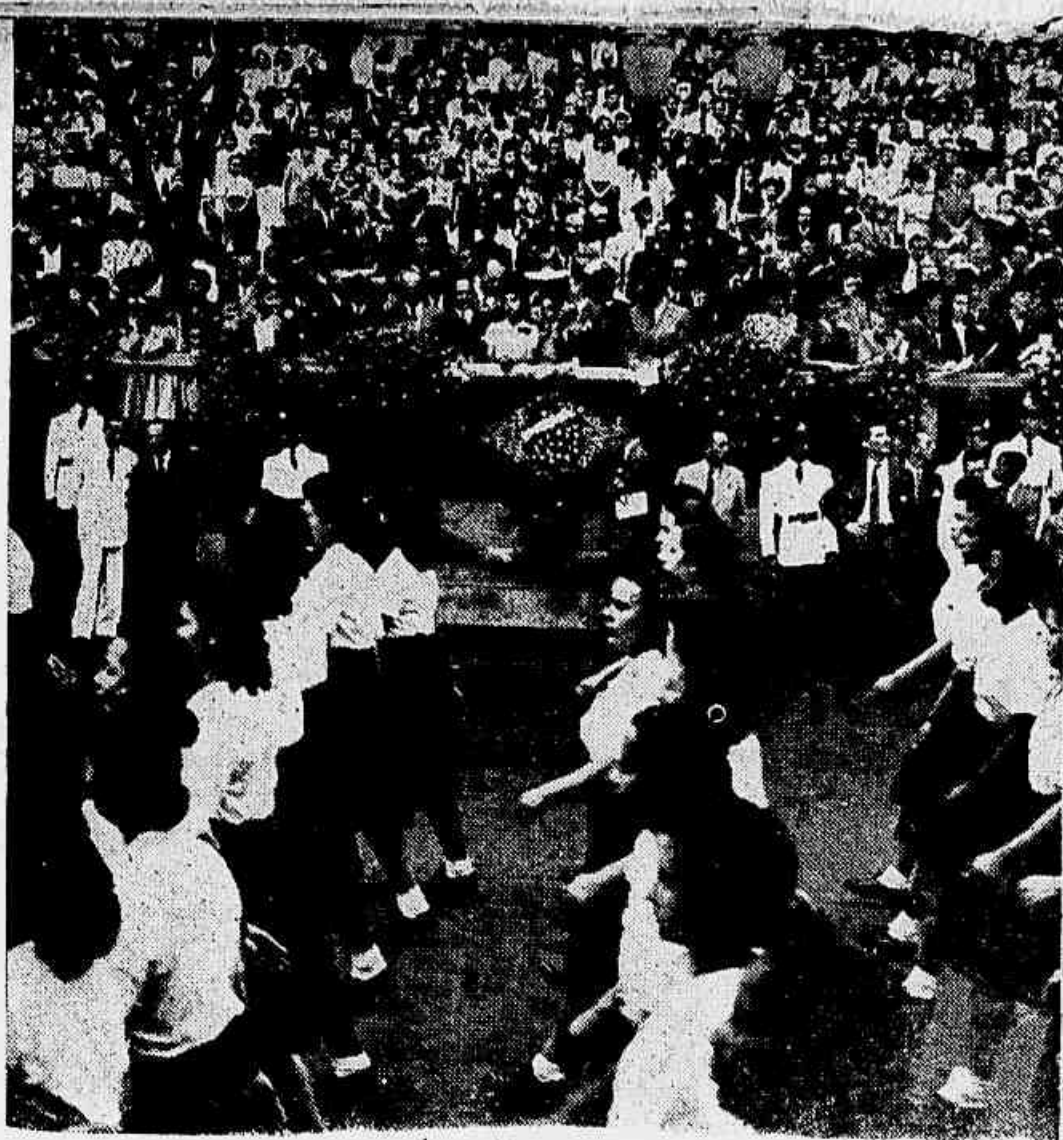
Saude. Mais de vinte mil escolares executaram, no Campo do Clube de Regatas Vasco da Gama, em São Januario, um excelente programa sob a regencia do maestro Vila Lobos.

Nestas páginas, encontrarão os leitores, como preliminar da grande reportagem do 7 de Setembro, vários flagrantes obtidos na Avenida Rio Branco, por ocasião da Parada da Juventude, que se revestiu de invulgar brilhantismo.

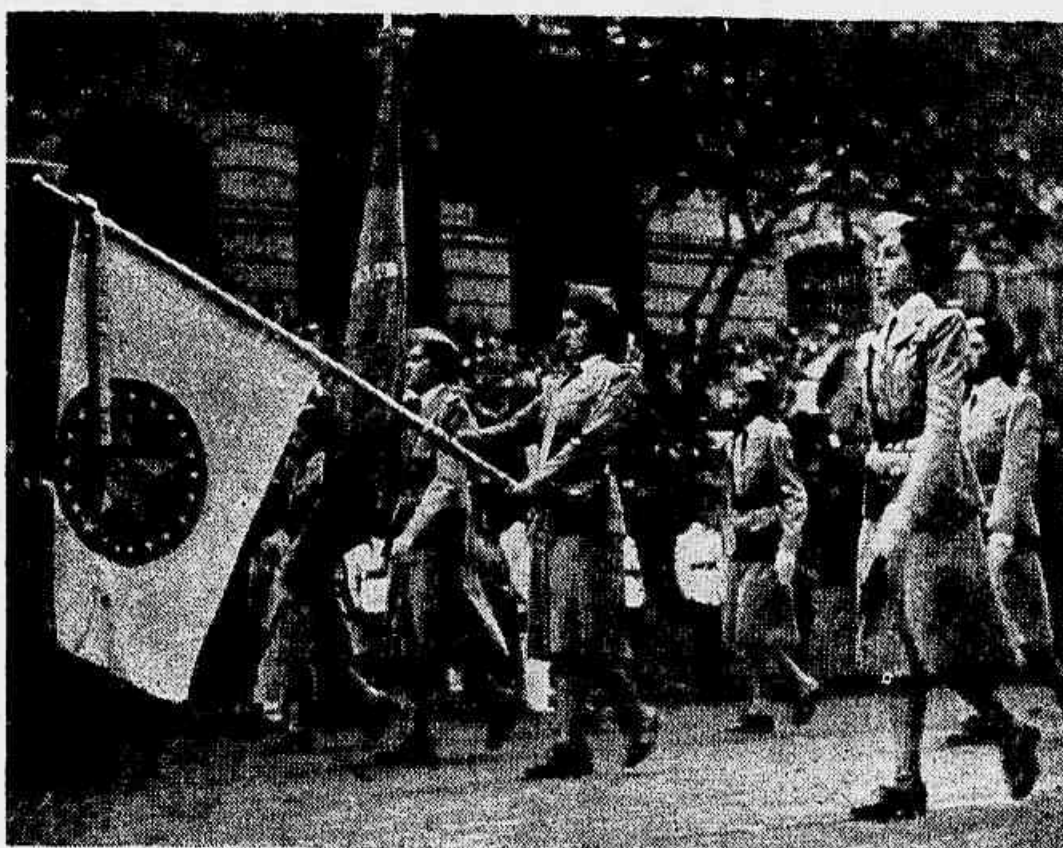
Na manhã de segunda-feira, o Departamento de Imprensa e Propaganda, com a colaboração da Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura do Distrito Federal, ofereceu às crianças, na maioria alunos das nossas escolas, uma festa campestre que se realizou na Quinta da Boa Vista.

Várias outras comemorações se realizaram, inclusive um espetáculo no Teatro Fenix, promovido pelo Serviço de Recreação Operária do Ministério do Trabalho. Foi levada à cena a peça "O Rei dos Tecidos", de autoria dos nossos confrades Mario Magalhães e Mario Domingues, premiada no ultimo concurso realizado naquele Ministério.

AS ALUNAS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DERAM À PARADA JUVENIL DO DIA 3 UM COLORIDO ALTAMENTE FESTIVO E INIGUALAVEL. AS BLUSAS BRANCAS APRESENTARAM-SE EM GRANDE FORMA.

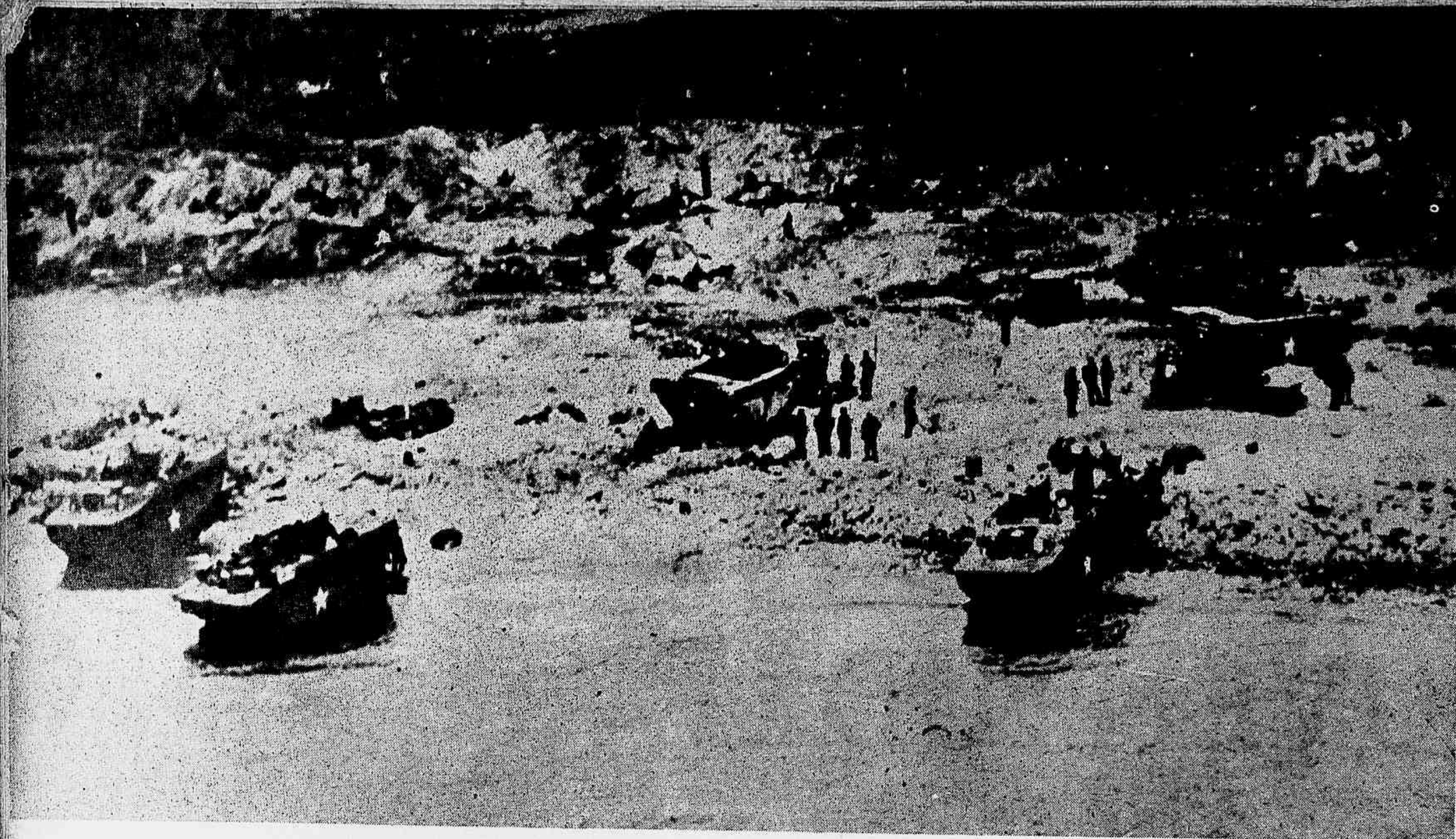


FLAGRANTE OBTIDO NO MOMENTO EM QUE TAMBEM DESFILAVAM AS ALUNAS DO INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, VENDO-SE AO FUNDO O PALANQUE PRESIDENCIAL, COM O CHEFE DA NAÇÃO, O PREFEITO MUNICIPAL, MINISTROS E OUTRAS ALTAS AUTORIDADES DO PAIS, FRENTE À BIBLIOTECA.



A LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTENCIA, ENTIDADE QUE TÃO PRESTIMOSOS SERVIÇOS TEM PRESTADO ÀS FAMILIAS DOS RECRUTADOS PARA CUMPRIREM SEUS DEVERES NA GUERRA. FOI SOB UMA PROLONGADA E DELIRANTE SALVA DE PALMAS QUE A LEGIAO ATRAVESSOU A AVENIDA, DE PONTA A PONTA.

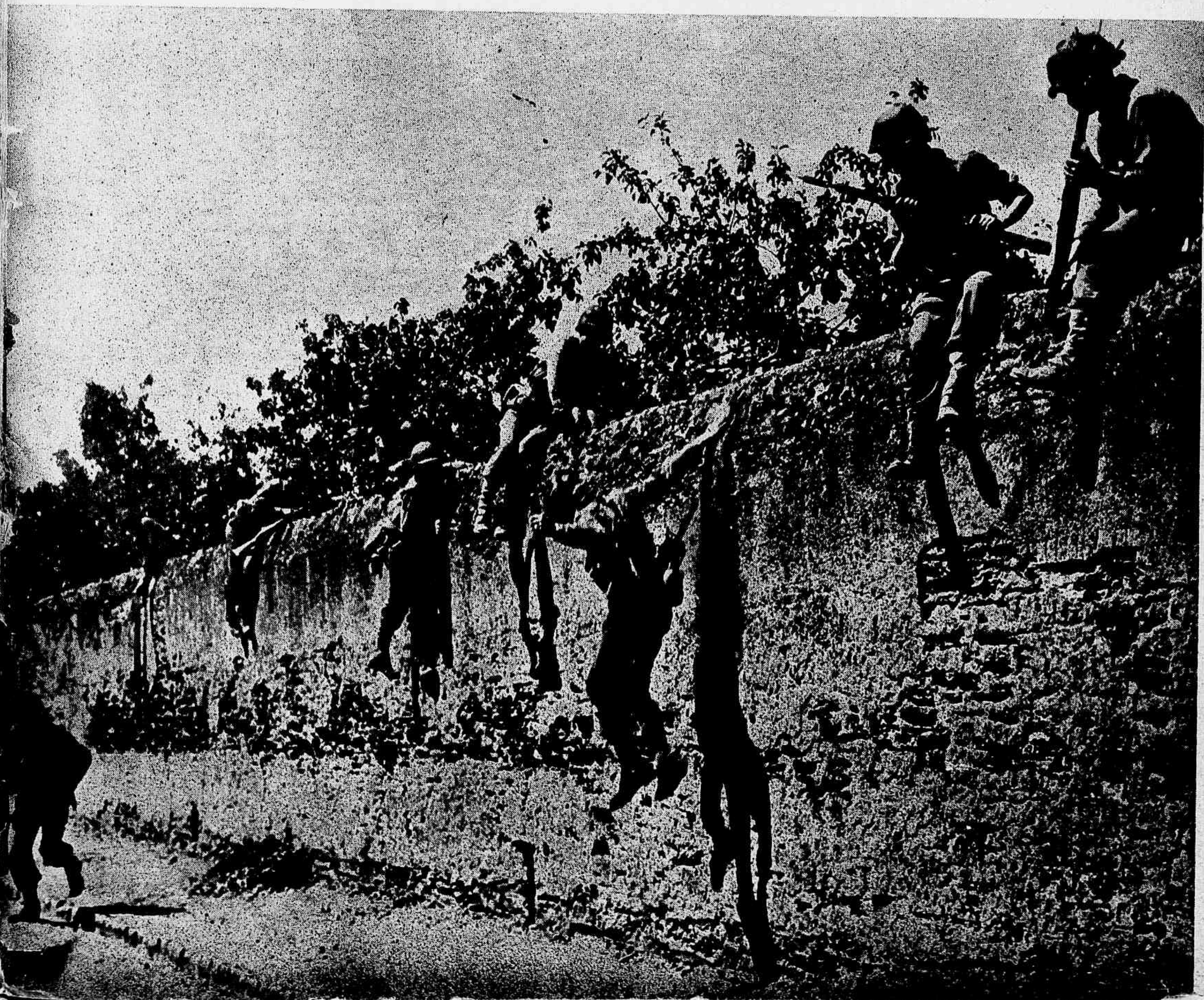




O DESEMBARQUE AMERICANO EM TINIAN — CAMINHÕES ANFÍBIOS AMERICANOS FAZEM UMA LIGEIRA PAUSA NA COSTA DA ILHA DE TINIAN, NAS MARIANAS, DEPOIS DE TER DESEMBARCADO GRANDE QUANTIDADE DE FUZILEIROS NAVAIIS E EQUIPAMENTO DE GUERRA. O CONTROLE DAS ILHAS MARIANAS, COMPLETADO COM A OCUPAÇÃO DE TINIAN, SAIPAN E GUAM, CORTA A LINHA DE ABASTECIMENTOS PARA CENTENAS DE MILHARES DE JAPONESES ISOLADOS NAS ILHAS AO SUL.

52

PERSEGUINDO OS NAZISTAS EM RETIRADA — A GRAVURA NOS MOSTRA OS SOLDADOS AMERICANOS QUANDO SALTAVAM UM MURO DE 13 PÉS DE ALTURA, AO PENETRAREM NA CIDADE DE ANGERS, NA FRANÇA, EM PERSEGUIÇÃO DAS UNIDADES NAZISTAS EM RETIRADA



A GUERRA EM MARCHA

A batalha da Alemanha

FINALMENTE, no mundo inteiro, depois de cinco longos anos de sofrimentos, angustias e aflições — cinco anos em que todos os povos estiveram banhados em sangue — — pode-se falar e pensar nessa frase como em uma realidade.

Isto porque o título desta crônica representa uma aurora de libertação e anuncia um mundo melhor. E nesta simples frase encontra-se a esperança de milhares de mães, de esposas e crianças no mundo inteiro.

A batalha da Alemanha significa a guerra dentro do próprio território alemão, coisa que há bem poucos meses parecia impossível.

Significa também que este flagelo vai deixando livres os países até agora oprimidos e subjugados pelo tacão nazista, tornado símbolo da força bruta, do crime e da barbárie.

A coorte trágica dos Cavaleiros do Apocalipse dirige-se agora para as próprias fronteiras da Alemanha, de onde saíram há cinco anos açoitados pelo chicote de ferro do nazismo, e furiosos, loucos, realizaram as mais assombrosas tropelias pelas terras das cinco partes do mundo.

Milhares de seres da Europa libertada surgem agora do sub-sólo onde viveram desde a invasão bárbara até agora, levando consigo a vergonha e a dignidade que estes não puderam roubar-lhes. Vergonha e dignidade que infelizmente nem todos souberam ter. Alguns viveram quatro anos servindo e bajulando os donadores da sua pátria, os assassinos dos seus filhos e os violadores de suas mulheres. Durante esse tempo comeram e beberam nos festins do inimigo. Sua dignidade foi vencida pelo estomago. Mas pagarão bem caro a traição. Eles estão sendo julgados pelos seus próprios compatriotas, que podem afinal sair dos seus esconderijos e contemplar novamente a luz do dia.

Durante quatro anos eles trabalharam silenciosamente e aguardaram. Hora após hora, dia após dia eles esperaram — não apenas a sua libertação, mas a da sua pátria e a do mundo. Nem um só momento a esperança os abandonou.

Durante todo esse tempo, milhões de criaturas arrastaram-se na sombra, fugindo, escondendo-se. Cada minuto que conseguiam viver era uma vitória sobre o inimigo.

Afinal chegou o grande dia. Levada pelo vento, transmitida de boca em boca, uma palavra mágica correu todo o continente: Invasão!

Nela estava contida, como por milagre, a recompensa de toda aquela gente.

Também na Alemanha, o povo e os senhores da guerra devem tê-la repetido com uma intonação trágica. Invasão, para ele, era o começo do fim.

Os exércitos aliados pisavam o sólo da Europa e começavam a esmagar a furiosa resistência dos opressores.

E'bria de alegria, sedenta de vingança e de justiça, aquela multidão de heróis, esqueléticos, esfomeados, maltrapilhos, surgiram por toda parte. Dentro em pouco eles estavam organizados e armados e lançavam-se à caça dos seus algozes.

Os seus brados de vingança são o melhor atestado da repulsão daquela "Nova Ordem" genial, inventada por Hitler e que consistia em escravizar todo o mundo aos seus loiros "super-homens."

Em toda parte, estrategistas reais ou improvisados assombram-se ante o ritmo acelerado das vanguardas mecanizadas dos exércitos aliados que venceram por muitos corpos a velocidade do telégrafo sem fio. Os mapas que pretendem acompanhar a marcha dessas colunas coram de vergonha pelo seu atraso sistemático.

A cidade que ontem era o próximo objetivo hoje está ultrapassada de muitos quilômetros.

Os aliados estão ensinando aos alemães como se faz a verdadeira blitzkrieg. E estes têm de receber a lição.

Mas vai lhes custar caro esse pequeno erro de ter subestimado a capacidade dos aliados e a resistência dos oprimidos.

Aproxima-se a hora final. Os telegramas noticiam a queda de duas cidades na fronteira da Alemanha de Hitler. Da Grande Alemanha de 1940. Da Alemanha agonizante de 1944. Da ex-Alemanha de 1945.



AUXILIANDO UM CAMARADA FERIDO — A GRAVURA NOS MOSTRA UM ENFERMEIRO MILITAR AMERICANO NA FRENTE DE GUAM, NO PACÍFICO, QUANDO DAVA UM COPO DE ÁGUA A UM FUZILEIRO FERIDO. A RESISTÊNCIA JAPONESA EM GUAM, FOI RAPIDAMENTE DOMINADA E HOJE A ILHA JÁ SE ENCONTRA NOVAMENTE EM PODER DOS AMERICANOS.

BATERIA DE MORTEIROS AMERICANA EM AÇÃO NA FRANÇA — UM MODERNO MORTEIRO AMERICANO ENTRA EM AÇÃO NO SETOR DE ST. LÔ ONDE OS NAZISTAS TENTARAM FAZER UMA NOVA STALINGRADO. OS NOVOS MORTEIROS TÊM SE REVELADO UMA ARMA PARTICULARMENTE EFICAZ EM TODAS AS FRENTE. ESSAS PEÇAS PODEM DISPARAR 20 PROJÉTEIS, COM O PESO DE 11 QUILOS, A 4 QUILOMETROS DE DISTÂNCIA, EM APENAS UM MINUTO. SÃO TAMBÉM EMPREGADOS PARA LANÇAR CORTINAS DE FUMAÇA. (FOTO DA INTER AMERICANA).



DE TEATRO

ANSELMO DOMINGOS

NOVIDADE

Acabam de fundar a Comissão Permanente de Teatro, com Mário Nunes, Bandeira Duarte, Jaime Costa, Igrezias, Bibí, Delorges, Dulcina, etc. etc. Não está na coisa o sr. Abadie Faria Rosa. Cada vez entendo menos para que foi criado o Serviço Nacional de Teatro.

CANSAÇO

Dulcina deu uma entrevista afirmando que os espetáculos por sessões cansam o artista. Suas réeitas agora serão completas. Não concorda com isso Delorges e já respondeu pelo mesmo jornal. Depois veio Miroel da Silveira e disse que estava ao lado de Dulcina. Mais tarde Paulo de Magalhães reafirmou Delorges. Discute-se o assunto. Queira Deus que o publico não se canse nunca.

LAVADEIRAS

Neste mundo todos tem seu quinhão de homenagem. A vez é das lavadeiras, pobres coitadas que existem e existirão por séculos e séculos sem conseguirem seu grande ideal: a limpeza alheia. Mas não há-de ser nada. O mundo roda, o moinho da porta do João Caetano também, e o povo está indo vêr a opereta feita por tres autores distintos reunidos num autor de fato: o que fez a musier.

PROCOPIO

Todo o mundo pensava que Procopio viria trabalhar com Bibí no Fenix. Uma vez mais ele contrariou a opinião geral. O fotografo bateu uma chapa quando ele assinava um papel com Igrezias. Isso quer dizer Serrador, no duro. Ou melhor, no branco. Preto no branco.

REABILITAÇÃO

Foi preciso o Regina incendiar-se para o Ginástico conseguir valor. Os Comediantes já fecharam negocio, deixando de tanga Palmeirim, Alma Flora, Renato Viana e Mário Salaberry. Por falar nisso, não haveria um jeito de se trazer o tal cine-teatro Oriente lá dos suburbios aquí para a cidade?



ANDRÉ VILLON



LÚ MARIVAL

SÃO PAULO

Manoel Durães reapareceu á frente de uma companhia. Juntou seus artistas de rádio e está no Casino Antarctica dando espetáculos musicados. No paleo do Santana está o elenco de Walter Pinto com "Tico-tico no fubá; no Boa-Vista a Companhia Alda-Cazarré-Déa com a comédia "Cem grammas de homem". E, para variar, a Lírica estreou no Municipal.

VOLTA

E eis que ressurge o Mateus da Fontoura! Deu a Jaime Costa o "Segredo da Família". E o Jaime Costa por sua vez vai contá-lo ao publico. Da famosa "Dindinha" até os dias de hoje, deve ter acontecido muita coisa. O segredo deve ser muito bom.

POSSIBILIDADE

Fala-se nos meios teatrais que Delorges convidou ou teria convidado a escritora Jeny Pimentel de Borba para estrear como atriz interpretando o principal papel feminino do "Cidadão Zéro", peça do próprio Delorges em colaboração com Gastão Pereira da Silva. Resta saber a opinião da autora de "Mor-maço" e "40 grãos á sombra".

ACUSTICA

Forma-se a onda de que a Companhia da Jaime Costa só trabalha de frente para o publico não havendo naturalidade nas representações. É bom destruir a lenda logo de começo. O que acontece é simples: o teatro Gloria não tem boa acustica e disso resulta que os artistas devem trabalhar voltados para a platéia falando a plenos pulmões. Teatro não é só escrever, falar, representar, assistir... e criticar. Também tem disso.

AUXÍLIOS

Cada dia que a gente chega no Douradinho encontra uma novidade. Somando a lapis os auxílios que dizem que Dulcina já recebeu e vai receber, daria para acabar com a guerra. E falam também em Bibí, em Procopio, em Jaime e etc. Todo mundo receberá auxilio... na boca dos outros. E o teatro, nem nada.

HISTÓRIA

Indiscutivelmente Raimundo Magalhães Junior fez cartaz com teatro histórico. Enquanto existir a "Carlota Joaquina" será sempre lembrado. Um reforzozinho não é nada mal, pois não? Vai daí ter escrito "Vila Rica" que já está nas mãos de Jaime Costa.

MORENINHA

Ai meu Deus que sorte, que sorte danada, essa "Moreninha" não ser uma peça de autor novo.

de Radio

O Insulto do preciosismo

Djalma Maciel

NESTE momento de transição que o mundo atravessa, transformar qualquer programa de radio em veículo exclusivo de futilidades equivale, de fato, a perder uma das melhores ocasiões de colaborar para a felicidade coletiva de amanhã. Porém, se o empreendimento assim desviado do seu verdadeiro objetivo, é um programa feminino, tal des-cuido converte-se quase em crime, porque hoje como nunca faz-se necessário educar, orientar o espírito da mulher. Ingressada em todos os setores de trabalho e já liberta de alguns dos velhos preconceitos que limitavam seu raio de ação, a filha de Eva em nosso tempo é sequiosa de cultura apesar de não se esquecer da beleza e da elegância. Passou a época da sinhazinha ignorante, fútil, incapaz de uma idéia sequer a respeito de outro assunto que não os de modas e cuidados de boudoir. Ha mulheres — e numerosas, felizmente — interessadas na política, na economia,

amigas... "Uma atrasadona"!... "Uma maricota"!... "Um simples instrumento de prazer, nas mãos do egoísmo masculino"...

Após a transmissão do disco, uma valsinha chorosa, lambisgoia — a locutora pernóstica amaciou a voz para solicitar a atenção de suas ouvintes: Muita atenção! Peguem papel e lapis e tomem nota... Macerem 200 gramas de pétalas de gerânios num recipiente bem limpo, onde já estejam algumas gotas de essencia de couve-flôr crescida no sereno. Juntem uma pitadinha de pó de ossos de borboletas recém-nascidas... Com gramas de água fervida... Misturem bem, até formar uma pasta consistente. Passem à noite nas axilas, lavando-as pela manhã com um algodão embebido em água de colônia e secando com palmadinhas...

A mulher brasileira, que está nas

fábricas, nas ruas, nos lares, auxiliando o engrandecimento do país e cooperando para a derrota da tirania nazista que oprime a humanidade e exige o sacrifício do sangue de seus filhos, maridos e irmãos, essa mulher evidentemente está em nível mental muito superior para achar encanto nas baboseiras radiofônicas daquela espécie. Ela quer boa musica, ensinamentos realmente uteis, conselhos sociais, diretrizes de puericultura e higiene, literatura instrutiva e, sobretudo, palavras de estímulo á sua coragem. Roubar-lhe o tempo nesses cavaqueios tolos, quando ela sabe, perfeitamente, que não há nada melhor para lavar axilas do que água e sabonete, é insulto do preciosismo á sua inteligencia, é um crime que devia ser castigado pelo menos com a obrigação de experimentarem tais formulas de beleza as suas próprias inventoras.

Alô... Alô...

Foi a grande notícia da semana nos arruaiais do rádio: — Celestino Silveira, que há cerca de 8 anos estava na Mavrink Veiga com o seu "Cine-Rádio Jornal",

passou-se com armas e bagagens para a Transmissora, agora adquirida pelo vespertino "O Globo" e ás vespuras de passar por sensacional reforma. Celestino reaparecerá ao seu publico, nessa estação, em fins de presente mez, quando estreará as novas aquisições da PFE3.

Jane Gipsy, que estreará, dentro de alguns dias, ao microfone da PGA-2, Rádio do Ministério da Educação, é uma fiel interprete de nossa musica folclórica. Dotada de fina sensibilidade, Jane Gipsy, que é aluna do professor Gentil Puget, canta com extraordinária expressão interpretativa, possuindo também notável repertório selecionado, pormenor sem duvida indispensavel para quem apresenta musica popular brasileira. Aguardemos, pois, sua promissora estréia.

POR LAMENTAVEL OMISSÃO, A PÁGINA "DE RÁDIO" DE NOSSA ANTERIOR EDIÇÃO DEIXOU DE SAIR COM A INDICAÇÃO DA AUTORID DO SEU REDATOR COSTUMEIRO. NÃO É PRECISO ESCLARECER, ENTRETANTO, QUE ELA FOI REDIGIDA, INCLUSIVE A CRÔNICA "DESEJADO CLUBE!", POR DJALMA MACIEL.



FLORA MAY, DO "CAST" RADIO-TEATRAL DA PRF-4, RADIO JORNAL DO BRASIL.

nas artes, nas ciencias, em todos os problemas de solução urgente para o gênero humano. Vibrando de compreensão democrática, transformou a apatia domestica em fator preponderante da vitória colaborando não apenas no esforço da produção da retaguarda mas ainda nas próprias linhas de combate. Somente depois da guerra, quando se escrever a história dos dias negros que estamos vivendo, será possível apreciar em pormenores a extraordinária evolução da mentalidade feminina de agora. Entretanto, esse progresso mental e material, verificado em conjunto, não constitue indice de apreciações individuais. Se o pensamento das mulheres evoluiu, isto não importa em se afirmar que todas elas evoluíram. E o radio, com o notável poder de penetração que possui, é o elemento indicado para a realização dessa tarefa.

Um bom programa de rádio, no gênero, deve ter por isso as características educacionais exigidas pelos novos anseios do chamado sexo fragil. Mostrar o papel que lhe cabe no mundo moderno, estimular o interesse de sua colaboração pelas iniciativas da inteligencia e do trabalho, são objetivos imprescindíveis á sua existencia. Antigamente, uma mulher inculta, ignorante dos fenômenos de sua própria vida, teria os maiores êxitos sentimentais logo soubesse, em minucias, os "segredos" da arte de se tornar bela e cativante; hoje, ao contrário, a mulher mais bonita do mundo, incapaz de juntar duas idéias, não poderá fugir á piedade dos homens e, o que é pior para elas, ao escameo das



Nas côres: Branco • Rosa • Raquel • Ocre-claro • Ocre-escuro • Ocre-rosée • Gitane e Péche.

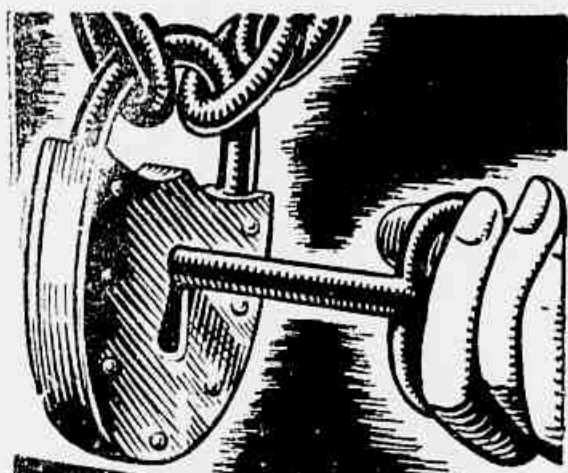
Perfumado como a brisa da manhã, nos prados em flor... de delicadíssimos tons, que se confundem com a cor natural da cutis, o pó de arroz Origam de Gally realça a beleza e aumenta a sedução, atraindo admiração e elogios.

Use Orygam de Gally e verifique por si mesma porque é tão famoso e preferido este pó de arroz — finissimo, aderente e da mais alta qualidade!

Pó de Arroz

ORYGAM de GALLY

Á VENDA EM TODO O BRASIL



LAXOLAGAR
GRANADO

COMBATE A
PRISÃO DE VENTRE
E NORMALISA AS
FUNÇÕES DO TUBO
DIGESTIVO



T. TARQUINO

**CABELLOS
BRANCOS**

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**Desperte a Bilis
do seu Fígado**

e saltará da cama disposto para tudo
Seu fígado deve produzir diariamente
um litro de bilis. Si a bilis não corre
livremente, os alimentos não são dige-
ridos e apodrecem. Os gases incham o
estômago. Sobrevem a prisão de ventre.
Você se sente abatido e como que en-
venenado. Tudo é amargo e a vida é
um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará
a causa. Neste caso, as Pilulas Carters
para o Fígado são extraordinariamente
eficazes. Fazem correr esse litro de bilis
e você se sente disposto para tudo. São
suaves e, contudo, especialmente indica-
das para fazer a bilis correr livremente.
Peça as Pilulas Carters para o fígado.
Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

DÓR de ESTOMAGO?

AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS

Papéis

BANKETS



PRISÃO de VENTRE?

Pilulas

ALOICAS

REGULARIZAM OS INTESTI-
NOS SEM TORTURA-LOS.

a Saída...



LEHNBACH — Meu general, o senhor não compreende. Esses rapazes, criados no evangelho nazista, são apenas máquinas aperfeiçoadas... Eles matam pela nossa causa como um jardineiro, pago por uma velha rendeira, rega as suas dalias e as suas rosas...

KERGUEVEN — Perdão, general Von Lehnbach... Nada mais desejo ouvir... Meus cumprimentos... Retiro-me... Boa noite!

Contra-regra: passos que se afastam.

INTERLÚDIO

DENISE — Meu pai... Se permitir irei eu mesma à biblioteca buscar o livro que deseja... Sei que lhe fazem muita falta os seus livros...

KERGUEVEN — Não, Denise... Não me fazem falta...

DENISE — Não quero vê-lo assim tão preocupado, pai... Sabe como isso me faz recear pela sua saúde...

KERGUEVEN — Estou bem, Denise...

DENISE — Um dia já se passou depois daquela irritante palestra com o general Lehnbach... E desde esse dia o senhor se modificou tanto...

Contra-regra: bater discreto na porta. Passos que se afastam.

DENISE (distante) — Oh!... Ives!... Que é isso, meu velho?... Que pacote é esse tão grande que mal podes transportá-lo, meu bom Ives?

IVES — Não sei bem o que é madame Westbury... mas que está pesado, está...

KERGUEVEN — Coloque-o sobre a mesa, Ives... Onde vem isso?

IVES — O capitão Wehringer enviou-o a madame Westbury.

DENISE — A mim? O capitão Wehringer?...

KERGUEVEN — Ives... Devolve imediatamente a esse boche o pacote.

DENISE — Espere, meu pai... E essa carta?

IVES — O capitão mandou-a para madame...

DENISE (lendo) — "Coronel Kurt Wehringer à senhora Westbury, com suas homenagens e a esperança de continuar proximamente a conversação esboçada no dia em que invadimos a sua residência."

KERGUEVEN — Atrevidor!

DENISE — Preocupa-se então com as futilidades desse homem, meu pai?

KERGUEVEN — Que vais fazer, Denise?

DENISE — Nada menos do que verificar o que contém este pacote. Manteiga... Oh!... Pacote de dois quilos... um queijo holandês... açúcar... um presunto de Praga... Latas de confeitos...

KERGUEVEN — Basta, Denisel... Devolveremos incontinenti tudo isso!... Não quero ser alimentado por eles!

DENISE — Não é possível, meu pai!

KERGUEVEN — Estou ordenando, minha filha... eu sei o que estou fazendo...

DENISE — Eu compreendo, pai... Mas isto não é atribuição de um general...

KERGUEVEN — E de quem é, então?

DENISE (sorrindo e carinhosa) — De uma dona de casa, meu pai... Uma boa dona de casa seria incapaz de cometer semelhante asneira... Não devolveria coisa tão preciosa... E nem pense mais nisso, meu pai... Si ele me tivesse oferecido rosas, eu as devolveria... mas pense bem, meu pai... Tem o senhor necessidade de açúcar para o seu regime. Ficará doente somente por orgulho? Não é morrendo de fome que triunfaremos de nossos inimigos. Ao contrário: é preciso aguentar até o fim. Ives!... Transmista ao capitão Wehringer que irei agradecer o seu precioso presente esta tarde, às cinco horas...

KERGUEVEN — Denisel...

DENISE — Não se preocupe comigo, meu pai... Transmista esse meu recado ao capitão Wehringer...

IVES — Sim, madame Westbury...

Contra-regra: passos que se afastam.

INTERLÚDIO

WEHRINGER — Creia, sou-lhe profundamente grato em ter atendido tão graciosamente ao meu convite, minha senhora...

DENISE (faceira) — Eu não poderia de forma alguma deixar de vir para agradecer-lhe pessoalmente o tão delicado e generoso gesto de sua parte. O seu presente valeu pelo mais lindo bouquet de rosas...

WEHRINGER — Oh!... E diz tão sedutoramente, sobre uma oferenda de minha parte de tão insignificante valor... madame...

DENISE — Insignificante valor... Manteiga, capitão... queijo holandês... Oh!... Bem se vê que está passando muita despercebidamente pela vida que levam as populações que o seu exército domina...

WEHRINGER — Oh!... Com que graça diz essas coisas... Permita-me mais uma vez beijar-lhe as mãos... Será que lhe cause tanta aversão assim, senhorita... Toda vez que lhe beijo as mãos esboça esses gestos de recuo...

DENISE — Não... Oh!... Não... (mudando de tom) Mas como modificou a disposição dos móveis, capitão... tudo completamente transtornado...

WEHRINGER — Oh!... Madame... A ausência das mãos femininas... Nós, grosseiros militares, não podemos atinar com a sutileza que tão bem dispõe o bom gosto e o encanto dum lar... A propósito, senhora Westbury...

DENISE — Como?

WEHRINGER — Perdão, madame Leslie Westbury... Fui um tanto rude, deveria evitar esse choque... Mas não pode desconhecer que junto ao maior exército do mundo segue a melhor polícia do Globo... A Gestapo, madame... Temos agora informações exatas sobre o seu estado civil. Sabemos tudo.

DENISE — Teria eu cometido algum crime?

WEHRINGER — Não... não... é simplesmente mulher do capitão Leslie Westbury, dos Coldstreams Guards...

DENISE — E daí?

WEHRINGER — Fuma, madame? Aceita um cigarro?

DENISE — Obrigada... capitão... não fumo...

WEHRINGER — Permita-me, então...

DENISE — À vontade, capitão...

WEHRINGER — Bem, por que não entrar definitivamente no assunto? Mas pela sua calma, madame Westbury... não parece compreender que é a esposa de um inimigo com quem ainda estamos em guerra...

DENISE — Compreendo nitidamente a minha situação, capitão Wehringer...

WEHRINGER (tom de voz quente) — Si eu obedecesse fielmente aos regulamentos, compreende, madame... si eu quizesse... Não estou ameaçando, creia... Empalideceu subitamente... Não estou ameaçando, formosa dama... Si eu quizesse tê-la-ia enviado para a França não ocupada ou simplesmente a teria internado em Rennes...

DENISE — E por que não o faz?

WEHRINGER — Madame Westbury, por quem é, não me interpele assim tão cruelmente. Não lhe desejo mal, creia... ao contrário... se me permite... eu...

DENISE — Sr. capitão, não me interessa conhecer a forma dos seus sentimentos ou de sua simpatia a meu respeito...

WEHRINGER — Está sendo um tanto rude, madame, com tais palavras...

DENISE — Agradeço-lhe as benevolências, sr. capitão... mas onde quer chegar?

WEHRINGER — Oh!... nada, madame... nada... Espere... talvez sim... Ao fato de a deixar junto ao seu pai, é por favor...

DENISE — Pergunto-lhe, sr. capitão, qual o preço dessa benevolência?

WEHRINGER — Oh!... Madame... Parecia-me bastante mal... Ainda não disse bem o termo... Madame... é... é... um tanto, para não dizer demasiadamente arredia...

DENISE — Que quer dizer com isso, sr. capitão?

WEHRINGER — Usando da franqueza, Denise...

DENISE — Madame Westbury, por gentileza e respeito, sr. capitão.

WEHRINGER — Como quizer... Não me importa o tratamento... Quando lhe beijo a mão, a senhora a retira um tanto depressa de mais. Quando lhe declaro a grande impressão que me causou, muda o tema da conversação. Isso em arte militar, madame Westbury, denominamos retirada estratégica!

DENISE — Senhor, já que descobri claramente as suas intenções, tenho o pezar de lhe confessar que amo outro homem!

WEHRINGER — Mas eu amo-a desde a primeira vez que a vi!... E não me conformo, madame... Compreende? E não poderá recusar os meus afetuosos sentimentos...

DENISE — Não se aproxime, senhor... Não se aproxime...

WEHRINGER — Amo-a!... E ninguém poderá se opor a este sentimento violento que me empolga!... Quero apertá-la nos meus braços, Denise!...

DENISE — Não se aproxime!... Afaste-se, senhor... afaste-se...

Contra-regra: passos lentos.

DENISE — Afaste-se de mim... Não se aproxime, capitão... Não falo a um invasor... Desperte a sua consciência de cavalheiro e de homem de sociedade...

WEHRINGER — Madame... Por que hei de demonstrar aquilo que realmente não estou sentindo? Quero apertá-la em meus braços...

DENISE — Amo meu marido, senhor!

WEHRINGER — Amar-me-á, Denise...

DENISE — Não!...

Contra-regra: ruído de móveis que tombam.

DENISE — Miserável!...

WEHRINGER — Diga loucamente apaixonado, formosa francesa...

DENISE — Deixe-me!... Está magoando-me os braços!...

WEHRINGER — Amo-a, Denise!...

DENISE — Selvagem!

WEHRINGER — Como todos os amorosos alucinados!...

DENISE — Deixe-me!...

Contra-regra: ruído de cadeiras.

DENISE — Prefiro a morte!

WEHRINGER — Adoro as mulheres recalcitrantes... Quanto mais difícil a conquista maior o júbilo do conquistador!...

DENISE — Não se aproxime de mim!...

WEHRINGER — Não quebre este vaso de silêncio, madame...

DENISE — Abro-lhe a cabeça, senhor... A minha decisão deve se denunciar nos meus olhos, não?

WEHRINGER — Está maravilhosa nessa fúria, minha deliciosa leãozinha...

DENISE — Não se aproxime de mim... Eu...

Contra-regra: passos que se aproximam lentamente.

WEHRINGER — Por que não atira o vaso que lhe treme nas mãos, formosa castelã? Atire... Caminho assim... De braços abertos... (passos).

DENISE — E nem um homem para defender uma mulher indefesa!

WEHRINGER — Recusa então a minha proteção... Encontrará a defesa numa muralha se abrigando no meu coração, Denise!

DENISE (nervosíssima) — Não se aproxime... eu o firol... Não hesitarei, capitão!

WEHRINGER — Se todas as barreiras fossem fáceis de ser tomadas como essa mesa, madame... as guerras seriam curtas... curtíssimas...

DENISE — Não!...

WEHRINGER — Denise!...

DENISE — Socorro!...

PICOT (distante) — Capitão Wehringer! (passos cambaleantes).

DENISE — Oh!... (chorando) Pego socorro e quem me aparece... quanta ironia da sorte...

WEHRINGER (ofegante) — Que queres, corcunda miserável?... Aproxima-te!... Madamel... Não saia!... Ordeno-lhe!... Voltel...

Contra-regra: passos distantes e precipitados e bater violento de porta.

PICOT (próximo, risada) — Quando o caçador aparece... a perdiz voa assim assustada. (risada) Chegou ao pátio... como corre!...

WEHRINGER — Para de rir, aleijão do inferno!...

PICOT — Está zangado com Picot, capitão?... Ela foi... mas o que é do homem o bicho não come... (risada).

WEHRINGER — Que vieste fazer aqui? Quem te chamou? Quem te deu ordens de vir a esta sala?

PICOT — Olhe... ela entrou no pavilhão onde está morando com o pai!...

WEHRINGER — Não estás ouvindo, demônio?

PICOT — Corcunda não doí, capitão... Pode bater à vontade... não doí!... Quer ver?

Contra-regra: pancadas fortes na corcunda.

PICOT — Carne morta... para mim... Carne morta...

WEHRINGER — Vai filosofar com a tua corcunda para o inferno!

PICOT — Não esquecerei a recomendação do meu capitão quando lá chegar.

WEHRINGER — Basta!... Não gosto de confianças comigo, entendeste? Não te fies no prestígio do capitão Zimmerman, o teu protetor...

PICOT — Oh!... Eu não sou amigo de trancinhas, capitão... A Gestapo é a Gestapol...

WEHRINGER — Chega de conversa!... Que queres? Por que vieste aqui?

PICOT — Capitão... Tome!

WEHRINGER — Que é isto? A minha carteira de dinheiro?

PICOT — Achei-a debaixo do banco perto do repuxo... na pelouse do castelo!

WEHRINGER — Oh! Bem... Sabes que tem muito dinheiro aqui?

PICOT — Basta já a minha corcunda e a minha cara amarrada... não sou ladrão!...

WEHRINGER — Ninguém está dizendo isso, meu rapaz... Ninguém está dizendo isso. Bem se vê que és um homem honesto!... Toma lá vinte francos pelo belo gesto!

PICOT — Faz questão de dar esse dinheiro, capitão?

WEHRINGER — Claro!... Pagando a tua honestidade... A carteira contém mais de cinco mil francos... Toma lá vinte francos...

PICOT — Se o senhor faz questão de pagar a honestidade... eu quero cem francos...

WEHRINGER (rindo) — Esperto! Eln?

PICOT — Eu não pedi nada, e, como não pedi, também não vendo nada abaixo do valor... A minha honestidade custa cem francos!

WEHRINGER — E se não te der os cem francos?

PICOT — O que eu tive de honesto o senhor de ingrato... c'est tout!... Au revoir, capitão... (passos cambaleantes).

WEHRINGER — Espera... uma palavrinha... És corcunda... tens uma cara de demônio... esse nariz chato... esse queixo revirado para cima... pareces com certa estátua que o escultor irritado pela qualidade da obra emplastrou toda de massa... Não tens cara de gente... não tens cara de bicho... Tua cara, Picot, é a única coisa no mundo que não tem forma, expressão ou definição, entendes-me?

PICOT — Entendo!... Estou entendendo tudo...

WEHRINGER — Pois bem, Picot, acho-te o sujeito mais

nojento da Europa, da Africa, da Oceania e do resto do mundo, entendeste, Picot?

PICOT (rindo) — Não é o senhor o primeiro a dizer isso!...

WEHRINGER — És o mais canalha de todos os homens que conheço, corcunda... E acho que não é preciso que diga por que, hein?

PICOT — Oh!... Porque sou francês... e estou com Hitler!

WEHRINGER — Causa-me nojo quando tua boca, essa boca imunda, pronuncia o nome do nosso fuehrer... Sabes também por que tenho nojo de ti, Picot?

PICOT (rindo) — Porque denunciei o doutor... Aquêlê sujeito que atirou de tacaia num soldado alemão? (rindo) Ele foi fuzilado...

WEHRINGER — Bastal... És um monstro até dormindo, Picot... Levaste ao muro de fuzilamento um homem de tua pátria... um irmão teu de raça! Tudo isso, por bajulação... por dinheiro... por calçado... roupa! Sai da minha frente, sujo!...

PICOT (rindo) — Oh!... capitão... ficou zangado... porque eu pedi cem francos?... (ri)

WEHRINGER — Raspa-te daqui antes que te enxote a ponta-pés... Vamos!...

PICOT — O capitão Zimmerman pode se zangar com meu capitão...

WEHRINGER — Sai daqui, já te disse...

PICOT — Estou saindo, capitão... Eu tenho a perna esquerda mais comprida que a direita (passos cambaleantes) Vou saindo... (riso) Puxa... Dinheiro é pior do que dinamite quando explode. Tudo por causa de cem francos!...

INTERLÚDIO

ALAIN — E que deseja mais saber, corcunda?

PICOT cantarola.

ALAIN — Falta ainda a última gaveta do camiseiro... Não quer vasculhá-la?

Contra-regra: Picot continua cantarolando.

ALAIN — De que região da França é você, Picot?

PICOT — Montoir... (cantarola, pausa) Eu quero a chave dessa gaveta aqui...

ALAIN — Tomal...

PICOT — Obrigado... (cantarola).

Contra-regra: ruído de chaves girando nas fechaduras. Abrir e fechar de gavetas. Picot enche o silêncio com uma ária qualquer.

ALAIN — Está satisfeito?

PICOT — Ainda não, sr. Alain de Kergueven... Por que ficou com as luzes do seu quarto acesas até às dez e quinze?

ALAIN — Dez e quinze?

PICOT — Sim... Dez e quinze... A ordem de apagar as luzes é às dez em ponto.

ALAIN — O meu relógio está atrasado.

PICOT — Estava... não é? Porque êle agora está certo... Três e doze... No meu... olhe aqui... certinho... três e doze... não é?

ALAIN — Não sei explicar bem isso, senhor zeloso colaboracionista...

PICOT — Já sabe... dez horas... hoje... luz... tan... tan... tan... apagadinha, não é?

ALAIN — Você é de Montoir?

PICOT — Hum... hum... hum... Montoir...

ALAIN — Sente-se bem... não... arranjou uma ótima colocação... ajudante de campo daquele carrasco...

PICOT — Quer dizer isso na frente do capitão Zimmerman? Ele gosta de homens de idéias rasgadas...

ALAIN — Pode dizer ao seu patrão, corcunda... Pensa então que me amedronta?

PICOT — Eu não estou aqui para discutir... Cumpro

ordens... já revistei o quarto e estou satisfeito... (risada) Eu tinha uma vontade...

ALAIN — De que?

PICOT — Eu sonhei esta noite... que debaixo do gesso que... (ri) que cobre o seu joelho... tem novidades...

ALAIN — Recusas então a crer que não estou ferido?

PICOT — Eu não estou acusando... Eu só disse que sonhei... (ri) Perdão, sou capenga... tenho a cara amarrada... sou corcunda... mas posso sonhar... Esse joelho... (ri) Esse gesso!... Bom... deixa.

ALAIN — Vai, estúpido!... Vai convencer o teu patrão para tirar o aparêlho de gesso do meu joelho... Vai!...

PICOT — Au revoir... monsieur... au revoir... O fruto cai da árvore quando fica maduro... O tempo é o tempo... tudo se resolve no tempo... au revoir!

INTERLÚDIO

DENISE (voz embargada pelo pranto) — O senhor acha que posso pensar de outra forma, pai? Só posso pensar na sorte dêle... Depois da sua última carta da Bélgica, uma carta cheia de confiança... a única, pai... Até hoje êsse terrível silêncio (passos) Pai!... O senhor é um militar... pode sentir... calcular muito mais do que eu... é um general... Mesmo de longe pode avallar os movimentos de uma guerra... Dunquerque, pai!... Que pensa dessa tremenda débâcle de dois exércitos?... Leslie teria conseguido salvar-se com os sobreviventes do corpo expedicionário inglês?

KERGUEVEN — Denise... As notícias são escassas... mas salvaram-se milhares de homens!... Os stukas... os bombardeios cerrados dos boches não enfraqueceram um instante a fibra de nossos soldados!...

DENISE — Oh!... Si êle se salvou, pai, para onde o teriam enviado? Sim... Por que não me escreveu até hoje? Teriam enviado meu marido para o Egito?

KERGUEVEN — Tornou-se mais difícil a situação agora, Denise... Vichy rompeu com Londres... A correspondência, naturalmente, tornou-se difícil pela natureza da situação hostil que acaba de se crear... E tem mais, filha querida... Milhares de mulheres estão passando pelo mesmo transe angustioso em que vives nestes momentos, Denise!

DENISE — Pai, deve compreender a minha tristeza. Não adianta saber que há milhares de mulheres a sofrer o mesmo calvário. E' tão cruel... (chorando) que tenhamos sido separados tão brutalmente quando a nossa união se anunciava tão feliz, tão harmoniosa!

KERGUEVEN — Minha pobre pequena, não te desesperes... Tua mãe, também, em 1914 ficou muito tempo sem notícias minhas, depois da batalha do Marne. Depois... (sorrindo) Recebeu três cartas duma vez...

DENISE — Oh!... Pai!... Que suas palavras cheguem ao céu!...

Contra-regra: pancadas na porta discreta.

KERGUEVEN — Não te assustes, Denise... Ives... (ordenando) Entra, Ives!...

Contra-regra: passos antes maçaneta.

IVES — Boa tarde, meu general... boa tarde, madame Westbury...

KERGUEVEN — Onde estiveste toda a manhã, Ives?
IVES — Cuidando do sr. Alain de Kergueven... Ele está...

IVES — Madamel... Trago um recado... do capitão Wehringer para a senhora!

DENISE — Oh!... Deus do céu!

KERGUEVEN — Não irás, desta vez, Denise!

DENISE — Meu pai!... Estamos sob o domínio desses miseráveis...

KERGUEVEN — Não irás porque eu não quero!... Mato êsse canalha!...

DENISE — Por favor, meu pai... suplico-lhe... Não se exalte... bem sabe como passou mal o resto do dia... aquêles dias...

KERGUEVEN — Eu mato êsse cão, minha filha, si êle tornar a se atrever...

DENISE — Meu pai... tenho confiança em mim... sou mulher, pai... Sou uma mulher que defenderá até os últimos instantes o nome de seu marido... Saberei agir com astúcia... eu compreendi a sordidez do mundo de muitos homens, os poucos minutos que estive na sala do castelo com êsse infame capitão alemão...

KERGUEVEN — Eu irei contigo, minha filha... Ives... Apanhe o meu revólver debaixo de meu travesseiro!

DENISE — Ives!... Fique onde está!

KERGUEVEN — Disse-te, Denise, que não permitirei que vás sozinha ao castelo.

DENISE — Não tem confiança em mim, pai?

KERGUEVEN — Minha filha... não é de ti... Receio dessas feras!... Essas feras que não sabem honrar a farda que envergam e nem a dignidade dos adversários desfavorecidos na sorte das armas!...

DENISE — Saberei lidar com aquêles idiota, meu pai!... O perigo estimula a inteligência e o instinto de conservação, meu pai... Sei como lidar com êsse capitão galante!

IVES — Posso acompanhá-la, minha senhora?

DENISE — Sim... até a porta do castelo apenas... Quero ficar a sós com êsse capitão Casanova... Vamos, meu pai... bem sabe... a astúcia com a virtude é uma barreira poderosa... Então? Ainda teme alguma coisa, pai?

KERGUEVEN — Não, querida... Deus esteja contigo...

DENISE — Vamos, Ives (passos).

INTERLÚDIO

WEHRINGER — Madame... Creia... estou sinceramente pezaroso com o acontecimento da semana passada... Meu procedimento foi lamentável, senhora Westbury... permita-me que lhe beije respeitosamente as mãos...

WEHRINGER — Beijo-lhe as mãos com o mais profundo sinal de respeito e adoração... Rogo-lhe que se sente, madame Westbury...

DENISE — Obrigada, capitão Wehringer...

WEHRINGER — Uma promessa de madame... O que aconteceu... aconteceu, não é?

DENISE — Bem... Prometo não lembrar mais o incidente...

WEHRINGER — Meus agradecimentos por tão delicado gesto de bondade, madame Westbury... Madame... a última vez que nos vimos, lembra-se, não é verdade? Falou-me em termos comoventes do seu marido e me fez parte do seu pesar de estar sem notícias dêle... lembra-se, não?

DENISE (hesitante) — Sim, capitão... Será... será que, por acaso, sabe alguma coisa a respeito dêle?

WEHRINGER — E' justamente por isso que lhe pedi viesse ver-me... (pausa).

DENISE — Pelo amor de Deus, capitão Wehringer, referiu-se ao meu marido... E' sobre êle? Fale!

WEHRINGER — Desde quando ignora o que é feito do capitão Westbury?

DENISE — A sua última carta estava datada de 4 de Maio.

WEHRINGER — Evidentemente... evidentemente...

DENISE (angustizada) — Por quem é!... Fale!... Fale!...

WEHRINGER — Quando se casou, madame, com o capitão Leslie Westbury de Coldstream?

DENISE (indecisa e angustizada) — Em agosto de 1939, poucos dias antes da guerra.

WEHRINGER — Em suma... Não teve lua de mel.

DENISE — Não... peço-lhe... senhor... Que aconteceu?...

WEHRINGER — Viu-o depois da mobilização?

DENISE — Duas vezes, de licença, em Paris.

WEHRINGER — Lamentável... um rude golpe... Poucos dias depois do casamento...

DENISE — Sim... Diga-me o que sabe, senhor...

WEHRINGER — Eu não devia, em princípio, lhe revelar isto...

DENISE — Por favor... tenha pena de minha ansiedade.

WEHRINGER — Madame... Preferia sabê-lo morto ou prisioneiro?...

DENISE — Oh!...

WEHRINGER — Responda, madame...

DENISE — Não vê como está me angustiando, capitão Wehringer?

WEHRINGER — Senhora... estou cumprindo uma penosa missão... Eu compreendo a delicadeza dêstes momentos... Faço-lhe esta pergunta curioso por saber o que uma mulher que diz amar o seu marido pode preferir nas atuais circunstâncias... O campo dos prisioneiros, as privações, a doença... a morte lenta talvez, o fim rápido no ardor dos combates...

DENISE — O senhor... não quer dizer... que... que êle esteja morto ou prisioneiro, quer?

WEHRINGER — Justamente. Desejava conhecer a sua opinião antes de lhe dizer a verdade.

DENISE — Suplico-lhe!... Senhor capitão... Compreenda mais do que nunca o meu estado de alma... sim... suplico-lhe... Ele foi feito prisioneiro na Bélgica...

Contra-regra: ouve-se as batidas dum lapis.

DENISE — Senhor... Vejo pela maneira que brinca com êsse lapis o seu nervosismo... sinto o que tem a me dizer mas falta-lhe a coragem... Ele... êle... está morto?

WEHRINGER — Madame... Westbury... eu...

DENISE — Prisioneiro em Dunkerque, não é verdade?

WEHRINGER — Madame...

DENISE — Não desvie o olhar do meu, senhor... não... não é isso que está prestes a sair... dos seus lábios...

WEHRINGER — Madame...

DENISE — Não!... Não!... Tenho medo do que vai dizer... meu marido não está morto... Esse pacote... êsse outro embrulho...

WEHRINGER — Madame Westbury... Soubemos pela lista de perdas publicadas pelo War Office, não se deve duvidar da exatidão das nossas informações.

DENISE — Foi ferido...

WEHRINGER — Um instante, madame... (passos) Herr doutor Zimmerman... Pode entrar.

ZIMMERMAN — Heil Hitler!...

WEHRINGER — Heil Hitler! (passos, soluços de Denise) Quer informar a madame Westbury o que aconteceu com o seu espôso, segundo as informações que acaba de receber, doutor...

ZIMMERMAN — Claro... claro...

WEHRINGER — Voltarei já.

Contra-regra: passos que se afastam.

ZIMMERMAN — Madame... está chorando... então é isso mesmo que está pensando. Seu marido morreu em Dunkerque... Está viúva. Meus pêsames...

DENISE — Oh!... Meu Deus!... Piedade!...

ZIMMERMAN — Diabos!... Desmaiou!... Capitão Wehringer!... Capitão Wehringer!...

Contra-regra: passos que se aproximam.

WEHRINGER — Desmaiou... doutor... eu adivinhava... não gosto de assistir a essas cenas...

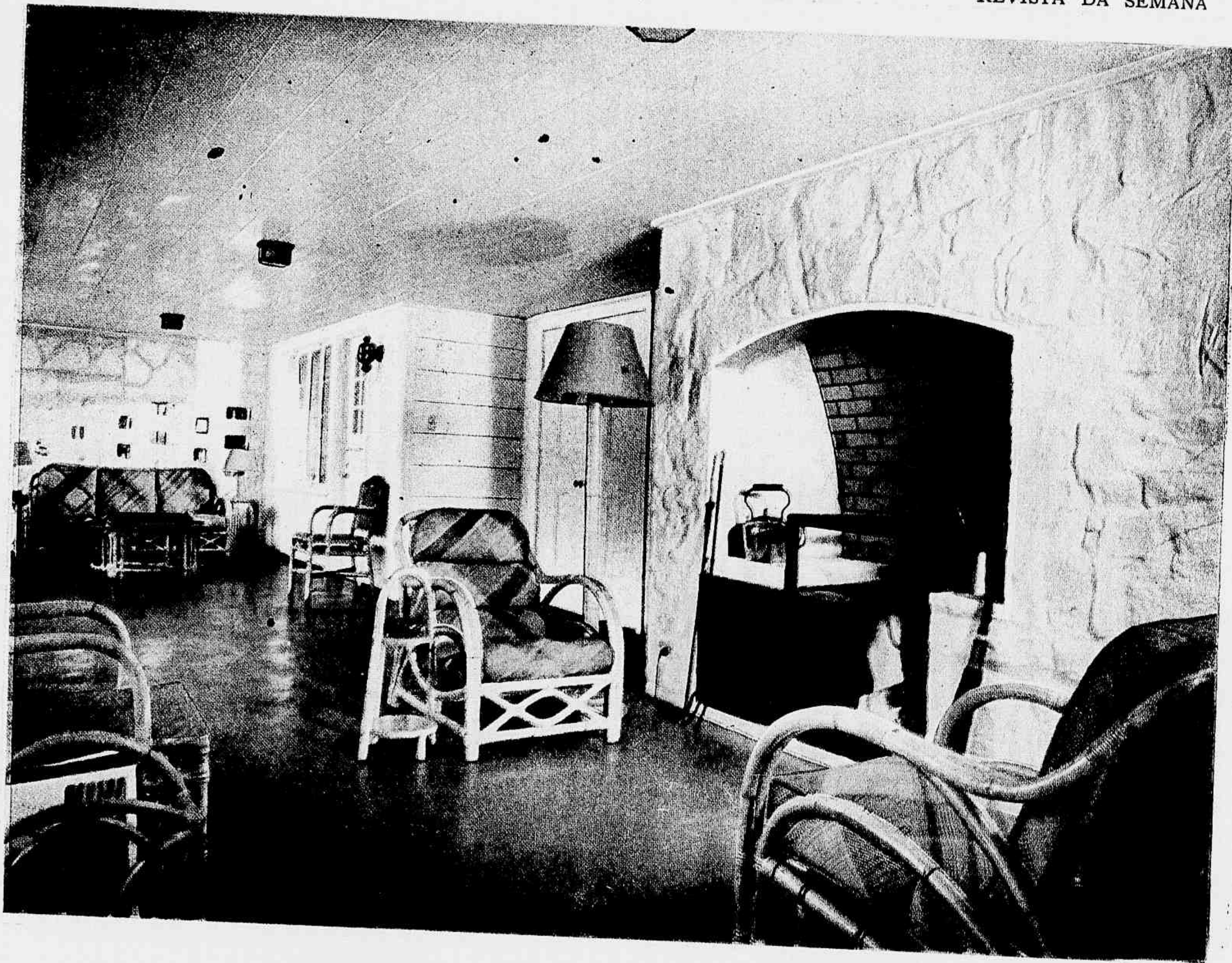
ZIMMERMAN — Desmaio de viúva, sinal de felicidade... (riso).

PICOT (distante) — Doutor... doutor... (passos cambaleantes).

ZIMMERMAN — Que foi, Picot?

PICOT — Cuidado!... O general Kergueven... vem alucinado... no corredor... um revólver... dedo no gatilho... Ele vem alucinado para aqui!

INTERLÚDIO



SALA DE ESTUDOS

Na construção de uma casa residencial moderna, deve merecer especial atenção a localização da sala de estudo, onde as crianças e os adolescentes se entregam à leitura e à escrita, e que por este motivo deve seguir estreitamente os modernos preceitos de higiene e comodidade.

O modelo de sala de estudo que aqui reproduzimos é de uma residência norte-americana e representa a última palavra em arquitetura moderna. Os próprios móveis e os "abat-jours" que distribuem a luz, foram construídos de maneira a que não prejudicassem no mínimo detalhe a iluminação e o conforto dos jovens e distribuídos cientificamente no aposento, de modo tal que os estudantes recebam a luz diretamente das largas janelas que ventilam a sala.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGORA SOMENTE

65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO

NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Ginger Rogers

Oferta do ALMANAQUE EU SEI TUDO

Edição para 1945, cujos trabalhos de organização e confecção já se
_____ acham iniciados. _____

Redação: RUA MARANGUAPE, 15 — RIO